



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

EMANUELE EULÁLIA DA SILVA BARROS

ESCOLHA PROFISSIONAL E ESCOLA PÚBLICA: UM OLHAR ATRAVÉS DA
MICROPOLÍTICA COTIDIANA

FORTALEZA

2021

EMANUELE EULÁLIA DA SILVA BARROS

ESCOLHA PROFISSIONAL E ESCOLA PÚBLICA: UM OLHAR ATRAVÉS DA
MICROPOLÍTICA COTIDIANA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Psicologia. Área de concentração: Psicologia.

Orientadora: Prof. Dra. Luciana Lobo Miranda

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- B276e Barros, Emanuele Eulália da Silva.
Escola profissional e escola pública : um olhar através da micropolítica cotidiana / Emanuele Eulália da Silva Barros. – 2021.
151 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2021.
Orientação: Prof. Luciana Lobo Miranda.
1. Orientação profissional. 2. Escolha profissional. 3. Escola pública. 4. Pesquisa-intervenção. 5. Cotidiano escolar. I. Título.

CDD 150

EMANUELE EULÁLIA DA SILVA BARROS

ESCOLHA PROFISSIONAL E ESCOLA PÚBLICA: UM OLHAR ATRAVÉS DA
MICROPOLÍTICA COTIDIANA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Psicologia. Área de concentração: Psicologia.

Aprovada em: 29/04/2021.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Luciana Lobo Miranda (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Érica Atem Gonçalves de Araújo Costa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Monalisa Pontes Xavier
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

AGRADECIMENTOS

Construir uma pesquisa em um momento tão tortuoso, como o que estamos vivendo atualmente com a pandemia de COVID-19, não seria possível sem uma potente rede de apoio. Meu coração se enche de emoção ao lembrar da quantidade de pessoas queridas que estão a minha volta e que foram essenciais para a concretização desse sonho. Os dias não foram fáceis, muitos aqui escutaram meu choro, acalmaram meu coração e aliviaram o peso que carreguei durante esses dias.

À Luciana Lobo, querida Lu, minha orientadora que confiou em mim e que acreditou que eu teria potencial de desenvolver algo interessante e útil à sociedade, mesmo quando eu mesma duvidei. Ela, que segurou minha mão e que me ensinou o que é pesquisar, o que é trabalhar em grupo, o que é respeito, ética, seriedade, amor pela educação e que me mostrou o que é humildade. À você, Lu, que sempre foi tão sensível e que me acolheu, me escutou e, com certeza, me fez uma profissional infinitamente melhor e uma pessoa que é capaz de acreditar mais em si. Se eu tivesse de escolher 1000 vezes, todas eu escolheria ser orientada por você. Muito obrigada por ter me ensinado sobre teorias e sobre como é uma relação orientador-orientanda saudável, afetuosa e enriquecedora. Minha eterna gratidão e admiração à você, Lu.

Ao meu esposo Luciano, ao homem da minha vida, à pessoa que acompanhou mais de perto toda a trajetória percorrida até aqui. Obrigada pela paciência nos infinitos momentos de estresse e de ausência. Obrigada por sempre ter confiado em mim, mesmo quando eu desconfiava. Obrigada pela sua positividade, por ter sido rede de sustentação tantas vezes que eu caí. Você que me acompanha desde a aprovação no vestibular e que sempre foi um torcedor da primeira fila, essa vitória é nossa. Com certeza não seria possível sem você. Te amo, meu amor. Muito obrigada.

Aos meus pais, Regina e Evanildo, que sempre me ensinaram o valor do estudo, que me apresentaram ao mundo da leitura desde criança e que sempre me ensinaram que eu poderia chegar a qualquer lugar com honestidade, humildade e trabalho árduo. À vocês que nunca pouparam esforços para que eu tivesse o melhor dentro das nossas condições e que sempre me fizeram acreditar em mim mesma. Essa vitória é, também, de vocês, sempre torcedores orgulhosos de todos os passos que dei. Não estaria aqui se não tivesse uma base contruída com valores tão fortes. A perseverança, a garra, a humildade em aprender e a virtude da gratidão eu aprendi com a nossa família. Meu amor por vocês é infinito. Muito obrigada.

À Aline e Ellaine, minhas irmãs, meus cunhados Geterson e Willer, e meus sobrinhos Cauã, Maria Júlia, Davih e Bernardo (do qual tenho a honra de também ser madrinha)...vocês me auxiliaram com força em todos os momentos que precisei. Vocês que sempre foram leveza em meio ao caos e que sempre me estenderam a mão quando precisei, muito obrigada. A distância física nunca foi impeditiva de sabermos que sempre estávamos muito perto uns dos outros. Foi essencial ter a certeza de que eu sempre tinha com quem contar, que sempre teria vocês para comemorarmos juntos. Vocês que me incentivaram e que me levantaram nas vezes em que eu não tive forças. Pensar em vocês, lembrar de cada um era ter vários motivos para lutar. Essa vitória também é de vocês, que amo tanto.

À Carol e Clarice, minhas sogras amadas. Obrigada pela torcida de sempre, pela compreensão nas ausências e nos estresses. Agradeço por sempre terem feito de tudo por nós, para que nossos sonhos se realizassem. Agradeço a parceria, os momentos de riso solto e a leveza que sempre permearam nossos encontros. Em breve estaremos todos juntos para comemorarmos essa vitória. Amo vocês!

Aos meus colegas e amigos da Pós, a todos que me auxiliaram e construíram essa pesquisa junto comigo. Agradeço o apoio e a paciência de me ensinar, de estarem ao meu lado e por serem todos tão solícitos. Nosso grupo foi forte! Luisa e Zé...muito obrigada pela torcida de sempre, pelo carinho gratuito, pelas trocas, pelo cuidado...Tadeu, Gabi, Shirley, Lara, Andrezza, Francis, Marlon, Luisa H., Luciana Q., Mayara, muito obrigada, de coração, eu sempre me senti muito querida e acolhida por cada um de vocês. Obrigada, de verdade.

Às queridas Érica e Monalisa, que fizeram parte da minha banca de qualificação e defesa, e que tiveram importância imensurável para a qualidade dessa pesquisa. Suas contribuições, fornecidas de forma tão empática e carinhosa, foram essenciais para esse momento final e adicionaram qualidade para este estudo. Muito obrigada.

À Escola 'MovimentAÇÃO', aqui tratada por este codinome, muito obrigada por terem sido palco para tantas descobertas e crescimento pessoal e profissional. Agradeço à equipe de gestores e professores, que sempre foram abertos e receptivos ao nosso trabalho, que acreditam no papel da educação e buscam realizá-lo com excelência. Agradeço, também, aos alunos, que embarcaram nessa caminhada conosco e foram brilhantes! Sou fã de vocês! Muito obrigada, vocês foram essenciais que isso se tornasse possível.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento durante todo o período do mestrado.

RESUMO

As questões relativas aos novos delineamentos nas trajetórias profissionais são apenas parte de um conjunto maior de realidades as quais os jovens das sociedades atuais estão imersos. O processo vivenciado por estudantes de escolas públicas brasileiras durante o período de escolha profissional vem sido pouco retratado na literatura. O objetivo geral desse estudo é problematizar sobre os tensionamentos envolvidos no processo de escolha profissional de alunos do ensino médio de uma escola pública, tendo como objetivos específicos: Analisar a produção discursiva acerca da escolha profissional; Discutir as influências dos aspectos socioeconômicos, familiares e os relativos às relações dos jovens consigo para as escolhas profissionais; Mapear práticas institucionais em torno das possibilidades incentivadas aos estudantes após a finalização da fase escolar. A metodologia que fundamenta este estudo é a pesquisa-intervenção. Através de um curso de extensão, vinculado a uma pesquisa guarda-chuva, de forma colaborativa, foi proposto que os próprios alunos do segundo ano do ensino médio atuassem como pesquisadores, tendo a oportunidade de pesquisar sobre temas que os interessava no contexto dentro da micropolítica do cotidiano escolar. Dentre as questões escolhidas, esteve presente o campo da escolha profissional, no entanto os relatos iam para além da escolha em si, por profissão A ou B. Os dados construídos estiveram relacionados aos tensionamentos vivenciados pelos jovens acerca do processo de escolha profissional. Tais tensões abrangem o campo das relações dos jovens com do cotidiano escolar, com suas condições socioeconômicas e familiares, e a relação destes alunos consigo mesmo.

Palavras-chave: orientação profissional; escolha profissional; escola pública; pesquisa-intervenção; cotidiano escolar.

ABSTRACT

The issues relating to new outlines in the professional trajectories are only part of a larger set of realities in which young people in today's societies are immersed. The process experienced by students of Brazilian public schools during the period of professional choice has been little studied in the literature. The general objective of this study is to discuss the tensions involved in the process of professional choice of high school students in a public school, having as specific objectives: Analyzing the discursive production about professional choice; Discuss the influences of socioeconomic and family aspects and those related to young people's relationships with them for professional choices; Map institutional practices around the possibilities encouraged to students after the end of the school phase. The methodology that underlies this study is research-intervention. Through an extension course, linked to an umbrella research, in a collaborative way, it was proposed that the students of the second year of high school act as researchers, having the opportunity to research on topics that interested them in the context of the micropolitics of school routine. Among the questions chosen, the field of professional choice was present, however the reports went beyond the choice itself, by profession A or B. The constructed data were related to the tension experienced by young people about the process of professional choice. Such tensions cover the field of young people's relationships with school routine, with their socioeconomic and family conditions, and the relationship of these students with themselves.

Keywords: professional guidance; professional choice; public school; intervention-research; school routine.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Grupo reunido. Encontro sendo filmado	56
Figura 2	– Banner dos aprovados no vestibular sendo exposto aos alunos	59
Figura 3	– Evento da Semana de Integração	63
Figura 4	– Quadros da Semana da Consciência Negra	63
Figura 5	– Equipe de pesquisadores acadêmicos	64
Figura 6	– Cartaz de divulgação do curso	65
Figura 7	– Momentos de observação da árvore no pátio central da Escola MovimentAÇÃO 1	74
Figura 8	– Momentos de observação da árvore no pátio central da Escola MovimentAÇÃO 2	75
Figura 9	– Momentos de apresentação dos desenhos das árvores feitos pelas equipes ...	76
Figura 10	– Momentos de apresentação dos desenhos das árvores feitos pelas equipes ...	76
Figura 11	– Momentos de apresentação dos desenhos das árvores feitos pelas equipes ...	79
Figura 12	– Momentos de apresentação dos desenhos das árvores feitos pelas equipes ...	79
Figura 13	– Equipe de pesquisadores universitários, alguns pesquisadores secundaristas, diretor, coordenadores e alguns professores	83
Figura 14	– Momento de apresentação e troca acerca da nossa experiência da escola	83
Figura 15	– Apresentação artística para alunos representantes de turma	84
Figura 16	– Apresentação do projeto para alunos representantes de turma	84
Figura 17	– Apresentação de uma das equipes para alunos representantes de turma	84
Figura 18	– Momento de entrega dos certificados para ambos os grupos	85
Figura 19	– Grupo “Pressão pré-vestibular” recebendo seu certificado	86
Figura 20	– Cadernos customizados pelas equipes	87
Figura 21	– Caderno da equipe “Desgaste de um adolescente em sua vida acadêmica” ...	87
Figura 22	– Caderno da equipe “Pressão pré-vestibular”	88
Figura 23	– Equipe de pesquisadores acadêmicos e gestão em frente ao banner dos – aprovados	106
Figura 24	– Alunos conferindo o <i>ranking</i> do simulado	107
Figura 25	– Relógio de contagem regressiva para o ENEM	109

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Artigos recuperados a partir da busca de descritores	33
Quadro 2 – Recorte de artigos com inclusão do idioma e país	33
Quadro 3 – Quantidade de artigos excluídos após leitura dos títulos e resumos	35
Quadro 4 – Artigos selecionados e suas especificidades de enredo	36
Quadro 5 – Alguns dados do questionário biosociodemográfico	61

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E ESCOLA PÚBLICA: ENTRELACES DE UMA RELAÇÃO NECESSÁRIA	23
2.1	Considerações históricas sobre os processos de escolha profissional: a escola imbricada neste movimento	23
2.2	Investigando a literatura. Qual o lugar da escola pública nos estudos acerca do processo de escolha profissional?	30
2.3	Investigando por outros caminhos: o processo de escolha profissional no cotidiano escolar público	43
3	CONSTRUÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS ACERCA DO PROCESSO DE PESQUISAR COM SECUNDARISTAS	50
3.1	Entrelaces da história de uma pesquisadora. A pesquisa-intervenção possibilitando mudanças	50
3.2	Pesquisa-Intervenção como campo epistemológico, ético e metodológico	52
3.3	A potência do encontro. De qual escola falamos?	57
3.4	Estruturando a pesquisa. Construindo o processo	64
3.5	Implicação com o cotidiano escolar. As temáticas de interesse dos jovens são construídas	69
3.6	Ferramentas da pesquisa: organizando as construções.....	86
3.7	MovimentAÇÕES na pesquisa e na pesquisadora	91
4	TENSIONAMENTOS DA MICROPOLÍTICA DO COTIDIANO ESCOLAR	94
4.1	Tensionamentos associados à rotina escolar.....	102
4.2	Tensionamentos relacionados aos fatores socioeconômicos e às relações familiares	114
4.3	Tensionamentos referentes à relação do jovem consigo	121
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
	REFERÊNCIAS.....	135
	ANEXO A – PARECER DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA	148

1 INTRODUÇÃO

Não me lembro com quantos anos exatamente essa memória se inicia, mas recordo que desde muito criança sempre me perguntavam o que eu queria ser quando crescesse. E esta pergunta, que hoje me parece imensamente ampla, referia-se, naquelas ocasiões, somente ao campo profissional. E eu, enquanto criança, “viajava” por várias áreas, a depender do contexto que vivenciava e do que era me apresentado como referência (no decorrer desse texto veremos que é exatamente esta contextualização que embasa nossas possibilidades de escolha profissional). Já sonhei em ser operadora de caixa de mercantil, por achar que aquela profissional era a poderosa detentora de todas as guloseimas que eu queria muito comprar e não podia naquela época; já desejei ser artista de circo e viver viajando, conhecendo locais diferentes, sem ter casa fixa; já quis ser uma moça que trabalhava com papéis, mesmo sem saber ao certo o que isso significava, mas queria ter um carimbo e um grampeador, pois achava lindas e poderosas as mulheres que trabalhavam nas repartições públicas e que ficavam carimbando e grampeando coisas que eu imaginava serem importantes; e, dentre outras várias opções, também já quis ser médica, que foi a profissão que meus pais um dia desejaram para mim, e durante um bom período eu também desejei. Não, necessariamente, ser médica, mas, sim, realizar o desejo dos meus pais. A minha última escolha profissional foi a psicologia, e posso dizer que dentro dessa mesma área já fiz várias opções de atuações diferentes, e sou muito segura em pensar que, como sujeito tão complexo, tal escolha não me parece imutável. Já na vivência da graduação em psicologia na Universidade Estadual do Ceará (UECE), base de minha formação, deparei-me com a perspectiva de Rodolfo Bohoslavsky. Para o psicólogo argentino, nossas escolhas profissionais sempre são relacionadas com os outros, sejam eles reais ou imaginados, com quem estabelecemos relações primárias, como os nossos familiares, ou secundárias, sejam professores, amigos, psicólogos, por exemplo (BOHOSLAVSKY, 1977). Não escolhemos nossas carreiras de forma despersonalizada. Quando, como já citado, eu dizia na infância querer “ser caixa de mercantil”, eu não desejava somente “ser caixa de mercantil”, mas sim: “quero ser como suponho que seja fulana de tal, que é caixa de mercantil, e que tem ‘determinados poderes’, os quais eu também quero ter”. Bock (2018), adicionando às ideias de Bohoslavsky, nos coloca que ao pensarmos numa profissão, mobilizamos vivências que vão além dos contatos pessoais, mas também nossas relações com as mídias, nossas leituras e transposição de experiências de outros.

O envolvimento com a área de Orientação Profissional (OP) ocorreu desde o início da minha prática como psicóloga, atuando no contexto clínico, e por ter trabalhado em algumas escolas particulares de Fortaleza, lidando primordialmente com o público estudante de terceiro ano do ensino médio. O trabalho da psicologia neste contexto estava ligado, principalmente, às questões relativas ao vestibular. Dentre as principais atividades desempenhadas por mim neste espaço, estavam a facilitação de grupos de orientação profissional, buscando auxiliar os alunos na escolha pelo curso universitário (único caminho possível imaginado neste contexto), o atendimento às demandas, principalmente, de ansiedade, organização de rotina de estudos, apresentação de palestras aos pais e alunos sobre a temática de vestibular. Neste ambiente, observava que a influência familiar, a situação socioeconômica, a pressão exercida pelas escolas com a cobrança por aprovação em cursos muitos concorridos eram, muitas vezes, pontos geradores de muita ansiedade para os jovens¹.

Mesmo que nestas escolas particulares os alunos contassem com o suporte de psicólogos escolares, psicopedagogos, tivessem mentorias, aulas extras, e uma série de recursos que poderiam lhes servir como apoio, a pressão relatada por eles era muito alta. Havia dúvida sobre a escolha de qual curso universitário seguir, ou, algumas vezes, a angústia de ter seu futuro profissional escolhido pela família ou pela própria escola, que em alguns casos realizava pelos alunos as inscrições em vestibulares e até a escolha do curso, cabendo aos jovens apenas a realização das provas. Isso acontecia com aqueles alunos que obtinham rendimentos elevados, para que estes gerassem bons resultados para a instituição. Uma pesquisa realizada por Peruzzo (2008) com estudantes de cursos pré-vestibulares apontou que 83% dos jovens manifestaram sensações negativas, como ansiedade, medo, insegurança e aflição com relação ao vestibular, o que pode ser considerado estressor. O estudo realizado por Santos et al (2017) mostra elevados índices de estresse em alunos que estão se preparando para o vestibular de medicina, curso conhecido como um dos mais concorridos em todo o país. Os dois estudos apontam, ainda, uma prevalência dos sintomas nas mulheres, correlacionando os resultados a uma série de fatores biológicos, além de exigências sociais, culturais e discussões de gênero.

¹ Aqui, em consonância com Coimbra, Bocco e Nascimento (2005), optamos por utilizar os termos “jovem” e “juventude” ao invés de “adolescente” e “adolescência”, uma vez que não nos referiremos estritamente a uma faixa etária específica, rompendo com a ideia do adolescente visto como problemático e adoecido. Em conformidade com as autoras, buscaremos enfatizar as forças que atravessam e constituem os sujeitos em vez das formas com que se tenta defini-los.

A pressão relatada constantemente pelos jovens pode estar relacionada, também, à noção socialmente construída de que é necessário fazer uma “escolha certa”, pois esta será para o “resto da vida”. É importante percebermos o quão pesado pode nos soar esta frase. Imagine você, no auge de seus 16 ou 17 anos sendo convocado a realizar uma escolha que precisa ser certa, imutável, que necessariamente tenha que durar para o resto da vida? Vargas Mansano (2011) traz que a necessidade de fazer a “escolha certa” sobre a carreira profissional a ser seguida tornou-se tão naturalizada que praticamente ofuscou outra dimensão importante da vida do trabalhador: a construção do vínculo com a profissão como uma processualidade a ser inventada e experimentada. Perde-se a caminhada em função do resultado. Tenta-se encontrar respostas rápidas e prontas para um caminho que é multifatorial.

Para Melo-Silva et al. (2019) o impacto das novas tecnologias e a globalização dos mercados vem acarretando mudanças no mundo, desde o final do século XX, tendo sido exigido cada vez mais teorias e práticas a fim de dar conta dos inúmeros desafios da contemporaneidade em relação às intervenções em orientação profissional. A própria nomenclatura tem passado por várias modificações, demonstrando mudanças de paradigmas a depender da época em que se enquadrara. Ribeiro (2011) traz que durante a primeira metade do século XX, o termo utilizado era o de “Orientação Vocacional”, o qual remetia-se à existência de uma vocação como tendência para uma profissão, como aptidão natural, um talento, algo a ser descoberto pelo orientador. Naquela época eram extremamente valorizadas as técnicas de avaliação psicológica, com o intuito de ajudar o indivíduo em seu processo de ajustamento vocacional/ocupacional. Pretendia-se encaixar o sujeito certo para a profissão certa.

Progressivamente, junto ao termo Orientação Vocacional, passa também a ser utilizado o termo Orientação Profissional (OP), enquanto prática voltada para auxiliar na escolha, preparação ou exercício de uma profissão que requer formação (MELO-SILVA et al. 2019). Duarte (2013) traz que as abordagens desenvolvimentistas, surgidas no início dos anos 50, notabilizam a relevância do autoconhecimento e direcionam suas concepções para a percepção do desenvolvimento e mudanças que os comportamentos nas carreiras vão ocorrendo ao longo do tempo. A OP alcança uma concepção de orientação ao longo da vida, evidenciando a função do autoconceito e da tomada de decisão da infância à aposentadoria. Em conformidade com essa perspectiva, passa a se designar Orientação de Carreira (*Career Guidance*), nos Estados Unidos e Orientação Escolar e Profissional, na Europa (Duarte, 2013).

As questões relativas aos novos delineamentos nas trajetórias profissionais são apenas parte de um conjunto maior de realidades as quais os sujeitos das sociedades do século XXI estão imersos. Para Duarte et al. (2010) o gerenciamento equilibrado das interações entre família, trabalho e outros campos da vida tomou lugar fundamental para os muitos trabalhadores cujos empregos são temporários, informais, independentes, ocasionais e a tempos parciais. Para os autores “não mais podemos falar com convicção em ‘desenvolvimento de carreira’ ou ‘orientação vocacional’. Ao contrário, devemos vislumbrar ‘trajetórias de vida’, nas quais os indivíduos progressivamente projetam e constroem suas próprias vidas, incluindo seus percursos profissionais” (DUARTE et al., 2010, p 394). Dessa forma, também trazem a ideia de que não serão apenas os jovens que entrarão em conflito com a ideia acerca de qual caminho profissional seguir, visto que todos estarão propensos a uma série de grandes transições em suas vidas, acarretadas por mudanças de emprego, nas formas de relacionamento, dentre muitas outras possíveis.

No contexto educacional brasileiro muito se tem discutido sobre o desenvolvimento de carreira como um processo construído desde a Escola e que se estende ao longo da vida. Exemplo disso são as recentes modificações que nosso país vem vivenciando em termos de leis e propostas educacionais. A lei 13.415/2017 (BRASIL, 2017) que reformulou a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9394/96 (BRASIL, 1996) gerou uma série de mudanças na educação básica, principalmente no ensino médio público. Tais alterações versam sobre a possibilidade de o estudante escolher seu foco de estudo. Em tese, a escola precisará disponibilizar alguns itinerários formativos, que podem se aprofundar em uma área do conhecimento (linguagens e suas tecnologias; matemática e suas tecnologias; ciências da natureza e suas tecnologias; ciências humanas e sociais aplicadas), na formação técnica e profissional (FTP) ou ainda no conhecimento de duas ou mais áreas e na FTP, podendo o estudante optar por aquele que mais se identifica. Em (BRASIL, 2017, Art. 4º, § 12) “As escolas deverão orientar os alunos no processo de escolha das áreas de conhecimento ou de atuação profissional”. No entanto, não há uma especificação clara acerca de quais profissionais deverão ficar responsáveis por essa orientação, nem há, por exemplo, algum tipo de menção a capacitações sobre o assunto para as instituições. Portanto, parece ficar a cargo de cada escola o funcionamento desse serviço de orientação citado em lei, não havendo qualquer forma de referência, ficando evidenciada a falta de preocupação com o processo em si, em como tais projetos estão sendo vivenciados nas rotinas destas escolas.

Desde 2004, em função do Decreto nº 5.154, de 23 de julho daquele ano (BRASIL, 2004), a educação profissional de nível médio no Brasil passou a ser oferecida de forma vinculada ao ensino técnico, o que possibilitou a uma parcela da juventude concluir seu ensino médio com qualificação profissional. Nesse contexto, em 2007, o MEC lançou o Programa Brasil Profissionalizado (BRASIL, 2007), e passou a investir na consolidação da rede estadual de educação profissional e tecnológica em todos os Estados do país, buscando maiores investimentos em criação, modernização e expansão da rede pública de ensino médio integrado à educação profissional. Diante desse cenário, conforme publicado em CEARÁ (2008), o Governo do Ceará, através da Secretaria da Educação, criou as Escolas Estaduais de Educação Profissional (EEEP). Os últimos dados publicados na página da Secretaria de Educação do Ceará (SEDUC) são os números do ano de 2018. De acordo com os dados da SEDUC (CEARÁ, 2018), no início do programa, em 2008, foram implantadas 25 escolas, em 20 municípios do Estado, com a oferta de apenas 4 cursos, possuindo 4.181 alunos matriculados. Em 2018 o número aumentou para 119 escolas, em 95 cidades, 52 cursos em oferta e 52.571 matrículas ativas.

Nesse sentido, observa-se a lógica entrelaçada entre educação e trabalho, que vem sendo construída e bastante incentivada pelos governos federal e estadual. No entanto, apesar do grande incentivo em torno das escolas profissionalizantes, muitos alunos desta modalidade de ensino ainda optam pelo caminho universitário. Muitas vezes, por influência dos próprios professores da escola, ou por enxergarem na universidade um espaço ao qual atribuem maior prestígio, ou vislumbram melhores oportunidades.² Sobre isso podemos refletir acerca do porquê desse ensino profissionalizante ser projeto apenas em escolas públicas? Não temos esse encaminhamento nas escolas particulares. Isso já nos sugere um marcador de classe importante, que retoma, inclusive, um pouco da história da própria ideia de orientação vocacional, em que algumas pessoas eram direcionadas ao ensino técnico e outras para as universidades. Tal contexto se configura como um projeto social, político e econômico, que pode estar sustentando as desigualdades na nossa sociedade.

Ainda na lógica de estreitamento da relação entre escola e mundo do trabalho, em 2019 o Ministério da Educação criou o Programa Novos Caminhos, que consiste em:

² Conforme observado durante o convívio com alunos e alunas da graduação em psicologia da UFC, através do grupo de pesquisa e do estágio em docência, vimos alguns discentes oriundos de Escolas Estaduais de Educação Profissional (EEEP), que optaram pela escolha universitária.

Um conjunto de ações para o fortalecimento da política de Educação Profissional e Tecnológica, apoiando as redes e instituições de ensino no planejamento da oferta de cursos alinhadas às demandas do setor produtivo, e na incorporação das transformações produzidas pelos processos de inovação tecnológica. (BRASIL, 2020a)

O Programa, de acordo com o apresentado no site do Ministério da Educação (MEC), trata do desenvolvimento de “competências específicas da ocupação (hard skills) como também outras (soft skills), tais como criatividade, capacidade de trabalho em equipe e adaptação, construção de soluções e atuação com autonomia” (BRASIL, 2020b). Sibilia (2012) aponta que o “espírito empresarial” contagia a escola, bem como os corpos e as subjetividades que lá se encontram. A autora critica os parâmetros puramente mercadológicos de incentivo à concorrência entre os indivíduos dentro do espaço escolar, advertindo sobre a “ideologia da autossuperação e uma busca pela elevação do rendimento que vai além das capacidades de cada sujeito e até dos limites biológicos da espécie”. (SIBILIA, 2012, pág. 46).

Aqui gostaria de ressaltar que não temos a intenção de nos posicionarmos de forma extrema e contrária à entrada das temáticas relacionadas ao mundo do trabalho no ambiente escolar, mas julgamos importante uma crítica acerca dos moldes que essa inserção está sendo realizada e a falta de cuidado com o processo vivenciado pelos jovens. Ao criticarem a restrição da função social da escola à adequação ao mundo do trabalho, Masschelein e Simons (2018) trazem o relato de um CEO sobre sua opinião acerca da missão da escola. Ele menciona que estaria enganando os jovens insistindo que as competências específicas para o mundo do trabalho fossem ensinadas na Escola, visto que nem mesmo ele sabe dizer do que ou de quem seu negócio precisa, dada a especificidade e rapidez com que essa necessidade se modifica. Para os autores a função da escola, imbuída pela lógica das competências, é a de proporcionar pessoas “empregáveis”, prontamente, para o mercado de trabalho ou para o ensino superior.

Miranda et al. (2016) nos traz a ideia de que a esfera educacional e o mundo laboral estão interligados independente da escola ser profissionalizante, de forma que a educação tem sido colocada como solução para determinados problemas que ultrapassam seus limites de alcance, como por exemplo o desemprego. Dessa maneira, para Carvalho e Martins (2013), conforme citado por Miranda et al. (2016) é o discurso da empregabilidade que sustenta uma reformulação da educação dos estudantes pautada na lógica das competências. Assim, os jovens são cada vez mais pressionados para serem “os melhores”.

A noção de que a Escola prepara para o ofício e de que o sucesso escolar parece sempre ser garantia do sucesso social e profissional trazida por Laval (2004) nos situa sobre o fato de tantas práticas que, muitas vezes, são colocadas como estressoras e promotoras de ansiedade, de acordo com várias pesquisas sobre o assunto, a citar (SOARES 2002; PERUZZO 2008; SOARES 2010; DE FARIA 2017; SANTOS 2017), serem aceitas e até incentivadas por tantas famílias e até pelos próprios alunos. Muitas instituições, até mesmo em função de um sistema que exige resultados e foca em *rankings*, não possuem, ou não investem em recursos, nem em profissionais capacitados para lidar com o processo que os jovens vivenciam neste período. Passam a priorizar a quantidade de aprovações em determinados cursos universitários, deixando como secundárias as problematizações sobre a real identificação e envolvimento do jovem com o processo de escolha da profissão, os sentimentos envolvidos durante aquele período, ou até o questionamento se o caminho universitário é a escolha daquele estudante. Para LOPES E LOPEZ (2010, p. 101) “o interesse por tais *rankings* gera as apressadas conclusões extraídas desses resultados, vinculando de forma imediata e simplificadora as notas dos alunos com a suposta qualidade das escolas”. As autoras apontam para a sincronia, para além do Estado, entre a cultura da performatividade e os variados interesses sociais.

Alunos e familiares, muitas vezes, reclamam da pressão exercida dentro do espaço escolar em busca de bons desempenhos. No entanto, podemos observar que, para muitas dessas escolas, há salas de aula lotadas e extensas listas de esperas para matrículas. Segundo (LAVALL,2004, p.67) “para boa parte das famílias há a esperança do ‘bom ofício’ ao fim de uma escolaridade completada, além de haver uma angústia social massiva em um período de desemprego crescente”. Portanto, é como se “valesse a pena” passar pelo sofrimento nesse período, visto que tem algo promissor os aguardando posteriormente. Dessa forma, observamos os anos se passando e a figura do pré-vestibulando permanecendo a mesma estereotipada como a de um jovem que irá parar sua vida naquele dito “ano promissor”, que viverá estressado, que não será socialmente autorizado a fazer outras coisas que não estejam relacionadas ao vestibular. Em algumas escolas em que trabalhei, havia períodos de gincanas, campeonatos esportivos, semanas de artes e cultura...tudo com participação autorizada para os alunos até o segundo ano do ensino médio. “Terceiro ano não pode perder o foco para o ENEM”, diziam os gestores escolares.

É interessante contextualizarmos o ENEM como sendo ponto de importante atravessamento na realidade dos estudantes. Em 2009 o Ministério da Educação (MEC)

lançou a proposta de unificação da prova do ENEM. O projeto tinha como principais objetivos democratizar as oportunidades de acesso às vagas federais de ensino superior, possibilitar a mobilidade acadêmica e induzir a reestruturação dos currículos do ensino médio (BRASIL, 2009a). De acordo com o relatado em proposta enviada à Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) (BRASIL, 2009b):

Os exames de seleção para ingresso no ensino superior no Brasil (os vestibulares) são um instrumento de estabelecimento de mérito, para definição daqueles que terão direito a um recurso não disponível para todos (uma vaga específica em determinado curso superior). O reconhecimento, por parte da sociedade, de que os vestibulares são necessários, honestos, justos, imparciais e que diferenciam estudantes que apresentam conhecimentos, saberes, competências e habilidades consideradas importantes é a fonte de sua legitimidade. Parte-se aqui, portanto, do reconhecimento da necessidade, importância e legitimidade do vestibular. O que se quer discutir são os potenciais ganhos de um processo unificado de seleção, e a possibilidade concreta de que essa nova prova única acene para a reestruturação de currículos no ensino médio. (PROPOSTA À ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR, 2009)

Partindo dessa lógica, o Ministério da Educação considera que: “ainda que o vestibular tradicional cumpra satisfatoriamente o papel de selecionar os melhores candidatos para cada um dos cursos, dentre os inscritos, ele traz implícitos inconvenientes” (BRASIL, 2009b). Como pontos desfavoráveis, cita que o modelo até então conhecido favorece candidatos com maior poder aquisitivo, que são capazes de diversificar suas opções. Adicionalmente traz que, ainda que sendo uma característica involuntária, o exame acaba por orientar o currículo do ensino médio e, considerando isso:

Seria um chamamento às IFES para que assumam necessário papel, como entidades autônomas, de protagonistas no processo de repensar o ensino médio, discutindo a relação entre conteúdos exigidos para ingresso na educação superior e habilidades que seriam fundamentais, tanto para o desempenho acadêmico futuro, quanto para a formação humana (BRASIL, 2009b).

Com a criação o Sistema de Seleção Unificada (SISU), de forma informatizada, as instituições públicas de ensino superior oferecem vagas para candidatos participantes do Enem. Os candidatos com melhor classificação são selecionados, de acordo com suas notas no exame (BRASIL, 2020c). Com o início dessa nova modalidade de inserção no ensino superior, os estudantes passaram a poder se candidatar a qualquer vaga disponível, em qualquer curso e instituição pública participante do país, sem a necessidade de se prepararem para vestibulares específicos. Dessa forma, o candidato só precisa preencher as duas opções

de curso pelos quais se interessa após sua nota ser divulgada. Muitas vezes, o jovem adia sua decisão, utilizando apenas como condição a opção de curso superior que sua nota lhe permitiu ser aprovado. Desconsiderando, dessa forma, os múltiplos fatores envolvidos no processo de escolha profissional, como suas habilidades e seu interesse no campo de trabalho, por exemplo.

Para a edição de 2020, o Enem recebeu 6.121.363 inscrições. Destes, 65% concluíram o ensino médio em anos anteriores, 23% são concluintes e 12% são treineiros, geralmente quem está no primeiro ou no segundo ano do ensino médio (BRASIL, 2020d). De acordo com informações divulgadas no site do Ministério da Educação, o percentual de 23% dos concluintes representa 1.406.323 candidatas. Desses, 81,7% (1.149.759) estão matriculados atualmente em escolas públicas, número 11,2% maior do que o registrado em 2019. Esses dados são informados pelos próprios candidatos no momento da inscrição.

Outra modificação que trouxe importantes atravessamentos na realidade das escolas públicas, e que é algo concreto na instituição em que habitamos, foi a Lei de cotas para o Ensino Superior nº 12.711/2012, que garante, em seu artigo 1º, que:

as instituições federais de educação superior vinculadas ao Ministério da Educação reservarão, em cada concurso seletivo para ingresso nos cursos de graduação, por curso e turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (BRASIL, 2012).

O contexto social e político em que tais transformações ocorrem na vida dos jovens é de necessário entendimento e problematização por parte dos que lutam pela educação e saúde integral do sujeito. Quando consideramos os exames vestibulares, de acordo com o visto em Brasil (2009b), como “necessários, honestos, justos, imparciais e que diferenciam estudantes que apresentam conhecimentos, saberes, competências e habilidades consideradas importantes”, colocamos para estes jovens toda a responsabilização sobre um processo que, sabemos, que é muito mais complexo do que sua força de vontade pode alcançar. Sibilia (2012) traz como um acréscimo à noção de empenho individual o fenômeno da autoajuda como um “sintoma de esgotamento da transferência hierárquica e disciplinar do saber: a solução agora está nas mãos de cada indivíduo que deve administrar seus conhecimentos e ‘autoajudar-se’ a aprender sem ter de recorrer a uma autoridade com investidura institucional”. (SIBILIA, 2012, p. 127).

Tomando como base todo este contexto, a identificação com os estudos, a prática com orientação profissional e a experiência na área escolar que já acumulava, ao entrar no mestrado, a ideia inicial de pesquisa era trabalhar as questões de escolha profissional agora junto aos alunos de escola pública. Observava no âmbito das escolas particulares que, mesmo com recursos financeiros disponíveis, o apoio de vários profissionais, muitas vezes com uma estrutura familiar com possibilidades de auxiliar os jovens, o período de finalização dessa fase escolar era permeado de dúvidas, medos e elevados níveis de estresse.

A inserção na pesquisa guarda-chuva “Educação, modos de subjetivação e formação de jovens pesquisadores da micropolítica do cotidiano escolar”³, a qual foi aprovada no comitê de ética sob parecer de número 3.227.767 (Anexo A), articulada ao projeto de extensão “É da Nossa escola que falamos” que na época propunha problematizar a relação juventude e escola pública com base na produção discursiva dos próprios jovens, me fez deparar com outros tensionamentos, principalmente relacionados a algumas práticas realizadas na escola, outras relativas às condições socioeconômicas e familiares as quais os estudantes estavam imersos, bem como a própria ideia de que eles seriam os únicos e principais responsáveis pelo “sucesso” que adquiririam após o término da escola. A pressão e elevado nível de estresse e ansiedade constantemente relatados pelos jovens diante do vestibular. Tal pressão, segundo os alunos e alunas, muitas vezes vinham deles e delas mesmos, além de também sentirem por parte da família, escola e colegas. Outro ponto observado foram as práticas desenvolvidas pela instituição escolar que direcionava a rotina dos alunos e alunas do terceiro ano somente para o vestibular, através de simulados, exposição de *rankings*, aulas direcionadas para o ENEM, etc., considerando sempre, segundo os jovens, que todos gostariam e poderiam seguir pelo caminho universitário, sendo desconsideradas outras escolhas, o que lhes causavam sofrimento. Desse modo, observamos que para além da dúvida acerca da escolha sobre qual profissão seguir, o que estava latente naquele espaço era a vivência do processo, que envolvia uma rotina diária puxada de estudos, além da noção do término da vida escolar, a entrada em uma nova fase permeada de incertezas...dentre outros atravessamentos vivenciados por um jovem em desenvolvimento.

Lassance e Sparta (2003) e Aguiar e Conceição (2008) apontam que os serviços de orientação profissional acabam por servir mais a alunos de escolas particulares do que de escolas públicas. Colocam que a ideia de chegar ao terceiro ano do ensino médio com a

3 O processo oriundo do grupo de pesquisa e do projeto de extensão será posteriormente detalhado.

perspectiva de cursar um ensino superior, em geral, é uma realidade de jovens urbanos de classe média, e que muito distingue-se da realidade em outros contextos. De acordo com o exposto por Jucá (2020):

A transição do ensino médio para o ensino superior encontra uma barreira nas desigualdades socioeconômicas, alimentadas pelos ecos do regime escravocrata e pela ausência de políticas públicas destinadas a interromper a repetição da divisão social do trabalho, por meio da qual a classe mais privilegiada detinha os meios de produção e retinha os lucros, a classe média ocupava o lugar de prestadora de serviços e aos pobres cabia servir às duas outras camadas da estratificação social. (JUCÁ, 2020, p. 400)

Nesse sentido, a autora complementa que a estratificação sustentada através de várias gerações em nosso país, resulta na divisão em que os filhos de classes mais privilegiadas ocupem as vagas nas universidades públicas no Brasil, situação que foi amenizada com a recente criação da política nacional de cotas, a qual citamos anteriormente.

Com o progresso das discussões acerca do compromisso social da psicologia com a temática da Orientação Profissional (OP), historicamente direcionada a estudantes de escolas particulares e com maior poder aquisitivo, vem sendo repensado os moldes dessa prática com o objetivo de atender, também, jovens provenientes do ensino médio público e das camadas populares em geral. Dessa forma, as condições de escolha profissional desses estudantes, principalmente referente às limitações impostas pela realidade socioeconômica, tem sido investigadas. (VALORE; CAVALLET, 2012). Para Soares, et al. (2007, p. 750) “A peculiaridade da situação vivida pelos vestibulandos remete-os a uma trajetória que envolve separação, perdas e ganhos nem sempre compensados pela aprovação no vestibular”.

Bianchetti (1996), sobre o jovem pré-vestibulando afirma:

[...] ele se separa da sua escola, dos seus colegas e amigos e, muitíssimas vezes, até se afasta do lugar onde nasceu e da sua família. No período que antecede o vestibular, ele fica à margem de tudo e de todos os grupos: em termos escolares, não está mais na escola de 2º grau, e a universidade continua cercada pelo fosso vestibular. [...] o vestibulando se encontra num lago revolto, com um pé numa canoa e outro na outra. [...] o vestibular como qualquer rito de passagem, traz um sentimento de perda muito grande: os colegas, os amigos, o lugar onde nasceu, a casa dos pais com tudo à mão, a necessidade de assumir autonomamente o seu processo vital, etc. Em relação aos ganhos, é algo que está muito difuso ainda. Está muito mais no campo das possibilidades (BIANCHETTI, 1996, p. 43).

Diante do exposto, tendo como base o processo de pesquisa-intervenção realizada com jovens secundaristas de uma escola pública, o presente trabalho tem como objetivo geral

problematizar sobre os tensionamentos envolvidos no processo de escolha profissional de alunos do ensino médio de uma escola pública e apresenta como objetivos específicos: Analisar a produção discursiva acerca da escolha profissional; Discutir as influências dos aspectos socioeconômicos, familiares e os relativos às relações dos jovens consigo para as escolhas profissionais; Mapear práticas institucionais em torno das possibilidades incentivadas aos estudantes após a finalização da fase escolar. A linha de pesquisa Sujeito e Cultura na Sociedade Contemporânea, a qual esta pesquisa é vinculada no Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGP-UFC), reforça a proposta desse estudo de refletir sobre as variadas perspectivas que afetam as subjetividades contemporâneas.

Apresentaremos nos próximos capítulos uma investigação de literatura e um resgate histórico acerca das práticas de orientação profissional (OP), a fim de consubstanciar nossa pesquisa e averiguar como tem sido realizados os estudos que relacionem a OP e o campo da escola pública, investigando os estudos brasileiros buscando localizar como esta temática vem sendo abordada nos últimos dez anos. Posteriormente será apresentado um capítulo metodológico, com questões teóricas sobre o ethos da pesquisa-intervenção, ambientando o leitor na escola lócus do trabalho, a qual chamaremos, afetivamente, de Escola MovimentAÇÃO, que ao pé da letra, no dicionário quer dizer o ato de movimentar-se, e, para mim, o movimento tem muito característico desta instituição. A gestão se movimenta, os jovens, então, são a personificação do que é movimento. Fazemos alusão, portanto, com esse nome fictício a um contexto vivo, de movimento e de muita ação! Para findarmos o processo, trataremos um capítulo de problematização acerca dos principais tensionamentos oriundo desta vivência do cotidiano escolar. Tais tensões abrangem o campo das relações dos jovens com a instituição, com suas condições socioeconômicas e familiares, e a relação deste aluno com ele mesmo.

Por fim, este trabalho, construído com tanto afeto, busca dar visibilidade a um processo que, tantas vezes, tem sido desprezado. Muito tem se falado acerca do futuro, sobre como os jovens devem se inserir no mercado de trabalho, em quantas oportunidades estão sendo criadas, o quanto podem e precisam ser fazedores de seus futuros. Tantos programas governamentais, investimentos em torno da educação profissional, mas pouco se fala sobre o processo. Como os jovens estão assimilando todas essas informações? Como estão lidando com tantas “oportunidades criadas”? Como enxergam suas possibilidades de escolha? Como os aspectos socioeconômicos influenciam sobre tais opções? Como se desdobram as práticas institucionais em torno desta temática no cotidiano? Como a escola tem se portado e como os

jovens tem sentido tal influência acerca do vestibular e escolha profissional? Para além da escolha em si e busca por respostas de quais profissões os jovens seguirão, nossa proposta aqui é problematizar acerca dos tensionamentos vivenciados durante o processo de escolha, movimento este que é contextualizado e construído cotidianamente no espaço escolar, social e familiar destes estudantes.

2 ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E ESCOLA PÚBLICA: ENTRELACES DE UMA RELAÇÃO NECESSÁRIA

2.1 Considerações históricas sobre os processos de escolha profissional: a escola imbricada neste movimento.

A problemática da escolha profissional não se configura uma questão intrínseca da espécie humana. “Isto é, só recentemente, levando-se em conta a história da humanidade, os homens se colocam a questão ‘do que fazer para alcançar sua sobrevivência’” (BOCK, 2018, p. 21). Silvio Bock, referência no Brasil em estudos e práticas de orientação profissional embasados pela abordagem sócio-histórica possui influências de Rodolfo Bohoslavsky (1977), que apesar de ter em sua teoria o embasamento da psicanálise e o foco em uma estratégia clínica, o psicólogo argentino pensou nas profissões e ocupações como jamais sendo escolhidas de forma abstrata pelos sujeitos, assim como na abordagem sócio-histórica, negando a visão liberal e naturalizante do indivíduo, entendendo que este é construído através do que internaliza de suas vivências, assumindo, dessa forma um caráter histórico e social de sua identidade. (BOCK, 2018

[...] a escolha sempre se relaciona com os outros (reais e imaginados). O futuro nunca é pensado abstratamente. Nunca se pensa numa carreira ou uma faculdade despersonalizadas. Será sempre essa carreira ou essa faculdade ou esse trabalho, que cristaliza relações interpessoais passadas, presentes ou futuras. Deve-se examinar as relações com os outros [...] que pode determinar ou influir diretamente sobre o futuro de quem escolhe. (BOHOSLAVSKY, 1977, p. 53)

Conforme aponta Bock (2018), o trabalho era organizado primeiramente como tarefa de coleta e depois de caça. Dessa forma, não havia distinção entre as funções, a não ser aquelas determinadas pelo sexo, assumindo um caráter puramente biológico. A caça, por exemplo, era atribuição dos homens, pela força física e agilidade de deslocamento, enquanto as mulheres eram designadas aos cuidados dos filhos. Na Grécia antiga o ócio era valorizado como atividade humana possível aos cidadãos livres, sendo destinado aos homens não livres a função de produzir a existência material. Sendo assim “ser cidadão, escravo, artesão, pequeno camponês ou trabalhador manual não dependia de qualquer tipo de escolha, mas da condição de classe da família do indivíduo, ou de acordo com as vitórias ou derrotas nas guerras”. (BOCK, 2018, p. 22). Na Idade Média, com o feudalismo e a estratificação da sociedade em

camadas sociais, as ocupações eram transmitidas de pai para filho. Não havia como ser falado neste contexto em escolha profissional, visto que a estrutura social era solidificada e estabelecia o que cada sujeito iria fazer, qual seria seu poder e prestígio na sociedade. A igreja ocupava lugar de força, legitimando o conceito de vocação como algo divino, sendo a ordem social uma “vontade de Deus”.

As formas iniciais de intervenção com intuito de auxiliar as pessoas em seus processos de escolha no âmbito do trabalho vão surgir quando, de forma determinante, o modo de produção capitalista é instaurado, havendo modificações nas formas de produzir e viver no final do século XIX. (FERRETI, 1997; MUNHOZ, 2011; BOCK, 2018; NASCIMENTO, 2020). Nessa passagem do feudalismo para o capitalismo, marcada pela substituição do trabalhador que possuía conhecimento e os instrumentos necessários para garantir seu próprio sustento, para aquele que, para sobreviver, passará a vender sua força de trabalho e suas habilidades, o tema trabalho assumirá um novo caráter (VALENTINI, 2013). O intenso fluxo migratório e emigratório de pessoas e famílias mudando da zona rural, almejando melhores oportunidades de emprego, resultou na transformação da sociedade antes caracterizada por seu modo de vida e trabalho agrícola para uma sociedade industrial (MUNHOZ, 2011).

Com a Revolução industrial e a divisão técnica do trabalho o discurso de herança vocacional divina perde força, sendo agora o próprio indivíduo responsável por conquistar, através de seu próprio esforço, determinada função profissional. Novas habilidade passam a ser exigidas devido ao crescimento e diversificação dos postos de trabalho. Nesse sentido, muitos passam a realizar tarefas nunca antes experimentadas, em condições de trabalho degradantes, o que gera constantes trocas de empregos devido ao descontentamento com os serviços realizados.

Munhoz (2011), ao realizar um apanhado histórico acerca do início das práticas voltadas para orientação profissional, mostra que em 1902, na Alemanha, através da iniciativa das autoridades, empresários, trabalhadores e educadores ocorreram as primeiras práticas sistematizadas de intervenção em carreira. No entanto foi quando Frank Parsons, no ano de 1908, em Boston, nos Estados Unidos, criou o Serviço de Orientação Vocacional (*Vocational Guidance*), dando início à utilização do termo “Orientação Vocacional”, que a atuação se tornou mais sólida, envolvendo as áreas de psicologia e educação no serviço de aconselhamento vocacional. Ainda hoje a utilização dos termos “orientação profissional” e

“orientação vocacional” gera algumas ambiguidades na literatura, principalmente devido às diferentes traduções realizadas em outros idiomas, como o francês e o inglês, por exemplo.

Com o objetivo de melhor localizar o leitor deste trabalho, utilizaremos as definições apontadas por Munhoz (2011) e Bock (2018) quando se referem à “Orientação Vocacional (OV)” e Orientação Profissional (OP)”. A OV é relativa ao conceito de vocação como uma aptidão inerente ao indivíduo de forma natural. Esta perspectiva, historicamente construída, diz respeito à noção de que já nascemos com um conjunto de habilidades e aptidões para ocupações específicas. Já o conceito de OP está relacionado ao processo de escolha, preparação, construção e exercício de uma determinada profissão, exigindo alguma formação, geralmente universitária, mas ligado, também à ideia de ocupação, que se refere ao ato de o indivíduo empenhar-se em alguma atividade que possa ou não ser remunerada. (MUNHOZ, 2011, DÁTILLO, 2012; BOCK, 2018). Vários estudos, no entanto, lidam com ambas as nomenclaturas, algumas vezes, até de forma sinônima. No entanto, aqui utilizaremos o termo “orientação profissional” como algo construído e contextualizado de forma social, histórica e econômica.

A ideia de que era preciso colocar o homem certo no lugar certo, concepção defendida por Parsons com sua teoria do Traço-e-Fator, já apontava nas primeiras décadas do século XX, que a função do orientador (ou conselheiro) seria a de buscar ajustar o indivíduo à profissão através da utilização e interpretação de testes vocacionais que identificavam, medindo e avaliando as características de cada pessoa. Nesta abordagem o sujeito era completamente passivo em seu processo.

O período pós Segunda Guerra demarca um olhar diferenciado ao indivíduo, colocando-o como fundamental e central em seu processo. A ideia de globalização estava sendo traçada e a busca por uma integração social, política e econômica estava em alta, fazendo com que fossem criticadas as práticas de positivismo lógico, ligadas à neutralidade da ciência. Surgem, então, como pauta de discussão as interlocuções entre os campos políticos, éticos e sociais e a importância da ação ativa dos sujeitos enquanto atores sociais. (FERRETTI, 1997; VALLES, 1997; CHIZZOTTI, 2003, MUNHOZ, 2011; BOCK, 2018).

Entre as décadas de 1940 e 1950 surgem as abordagens desenvolvimentistas. Em meados dos anos 40, Rogers (1974), nos Estados Unidos, questiona o modelo psicométrico o qual, segundo o autor, traz fortes traços do modelo médico, atribuindo ao profissional a detenção do saber e do poder sobre as escolhas de vida do cliente. Dessa forma, inicia-se uma

mudança de foco do instrumento avaliativo, construindo-se a importância do sujeito como parte fundamental e central do processo. Sob este novo olhar, a ideia de vocação como algo imutável passa a ser descartada, visto que a abordagem humanista compreende o indivíduo como em constante construção, atravessado pelos campos biológicos, históricos e sociais. Já nos anos 50, a abordagem desenvolvimentista traz à tona a concepção de desenvolvimento vocacional como um processo que permanece durante toda a vida do sujeito, não havendo “momento de escolha”. (SUPER, 1975; MUNHOZ, 2011; BOCK, 2018).

A partir de então, várias teorias acerca do processo de escolha profissional passam a surgir. Bock (2018) cita as teorias tradicionais, de abordagem liberal, que focam na possibilidade de o indivíduo de superar seus obstáculos, relacionando a escolha adequada à garantia de melhores condições de vida, funcionando como um fator fundamental para a ascensão ou declínio social. Já as teorias críticas, surgidas no Brasil no final da década de 70 e início dos anos 80, se propuseram a analisar e criticar as concepções vigentes até então. Na época em que a ditadura militar diminuía as liberdades democráticas e a escola era vista como um dispositivo ideológico do Estado, com a função de transmitir valores das classes dominantes, Cunha (1980) em sua famosa obra *Educação e desenvolvimento social no Brasil*, aponta que:

A análise do papel atribuído à educação de instrumento de equalização de oportunidades pela doutrina liberal, pela pedagogia da escola nova e pelo estado, mostrou ter essa atribuição a função ideológica de dissimular os mecanismos de discriminação da própria educação, bem como os da ordem econômica. (CUNHA, 1980, p. 60)

Ainda nesta concepção, FERRETTI (1988) analisa as teorias liberais em OP e critica estas práticas como perpetuadoras da visão ideológica de liberdade de escolha embutida nos postulados liberais, afirmando que esta visão coloca os indivíduos como responsáveis pelas falhas em suas escolhas profissionais, atribuindo a estes a resolução de seus problemas. O autor afirma ainda que tais práticas além de não examinarem as causas, ainda naturalizam e desconsideram os fatores que constituem os obstáculos ou que são impeditivos para a tomada de decisão, favorecendo as discriminações sociais.

Atualmente as novas tecnologias vem ocupando um papel de destaque quanto às modificações nas relações dos sujeitos com o trabalho. E não cito aqui apenas os modelos de produção, mas, também, a própria definição sobre o que é trabalho. Temos hoje bens altamente perecíveis, que rapidamente se tornam obsoletos. Ao invés de estabilidade de

emprego, há pouco tempo tão sonhada, vemos as terceirizações, os trabalhos estilo *freelancer*⁴, o individualismo da competição em substituição ao trabalho coletivo. “A partir dessa tendência, pode-se dizer que existe uma dificuldade de absorver o contingente de mão de obra que se apresenta ao mercado de trabalho. No passado, o jovem, uma vez alcançado o posto de trabalho, via-o como permanente e nele buscava realizar-se e melhorar sua posição” (COELHO & AQUINO, 2009, p. 279).

No entanto atualmente percebemos as relações ocupacionais modificadas, passando a assumir um caráter de maior insegurança e de elevada mobilidade. Outras maneiras de inserção laboral passam a ser vivenciadas, como a utilização de contratos de trabalho atípicos, de caráter flexíveis, considerados por tempo determinado, em formatos temporários, muitas vezes em situações de trabalho vistas como precárias. A partir do surgimento e crescimento do meio digital, novas profissões são lançadas ao mercado num ritmo veloz, o que, para alguns jovens é encarado como positivo, visto que dispõem de uma gama maior de variedades, enquanto que para outros, significa um acréscimo à sensação de angústia. A seguir, trago um trecho de Bauman, que foi escrito há vinte anos, mas que nunca me pareceu tão atual:

(...) o trabalho adquiriu - ao lado de outras atividades da vida – uma significação principalmente estética. Espera-se que seja satisfatório por si mesmo, e não mais medido pelos efeitos genuínos ou possíveis que traz a nossos semelhantes na humanidade ou ao poder da nação e do país, e menos ainda à bem-aventurança das futuras gerações. Poucas pessoas apenas – e mesmo assim raramente – podem reivindicar privilégio, prestígio ou honra pela importância e benefício comum gerados pelo trabalho que realizam. Raramente se espera que o trabalho “enobreça” os que fazem, fazendo deles “seres humanos melhores”, e raramente alguém é admirado e elogiado por isso. A pessoa é medida e avaliada por sua capacidade de entreter e alegrar, satisfazendo não tanto a vocação ética do produtor e criador quanto as necessidades e desejos estéticos do consumidor, que procura sensações e coleciona experiências. (BAUMAN, 2001, p 161)

É importante contextualizarmos a articulação entre a escola e o mundo do trabalho, sendo relevante citarmos que na época em que o Brasil vivenciava o período de ditadura, a educação também passava por um momento particular. Para Valentini (2013), como consequência de um movimento que estabeleceu uma modificação do mundo público em privado, e vice-versa, associado a um “saber caprichoso da ciência” (VALENTINI, 2013, p. 57), e na ausência de uma outra esfera que se permita legislar sobre tudo isso, é que a escola se torna palco para o aparecimento de problemas de múltiplas ordens (familiares, no

⁴ *Freelancer* é um termo em inglês, muito utilizado no Brasil, para caracterizar o profissional que trabalha de forma autônoma, geralmente em diferentes empresas, sem vínculo empregatício legal. Trabalha de forma independente e, muitas vezes, sem garantias a direitos trabalhistas.

campo discente ou docente), cabendo a esta instituição tentar resolvê-los. Cunha (1980, p. 52) retrata a imagem da escola como “a de um mecanismo pelo qual os talentos inatos são transformados em habilitações cambiáveis, por sua vez, em renda, sob a forma de salário ou lucro.”

Nesse contexto a educação profissional passa a ter considerável importância, pois é vista como uma forma de serem solucionados problemas como o desemprego, por exemplo. A lei que reformou todo o ensino de 1º e 2º graus do país foi sancionada em 1971 dando origem ao ensino profissionalizante, após junção de todas as áreas (ensino secundário, industrial, normal, agrícola e comercial) em uma só. A ideia principal era a de que todos os jovens concluintes do 2º grau tivessem uma habilitação profissional. Ao fim da escola média, os alunos precisavam se candidatar a um curso superior para conseguirem qualquer habilitação, no entanto muitos tinham seus objetivos frustrados pela própria seletividade “natural” do ensino superior. (CUNHA, 1980). Para o autor as medidas de política educacional indicam a tentativa de redistribuição do que ele chama de “benefícios educacionais”, em prol dos trabalhadores, contendo demandas e ofertas aos estudantes de 2º e 3º graus, os quais são disputados pelas camadas médias e pela classe dominante. No entanto, Cunha (1980, p. 288) verifica “a convergência das políticas educacionais contenedora e liberadora no sentido do alcance de uma mesma e única meta: a reprodução das relações de dominação que as definem, sustentam e dão vida”.

De acordo com Silva (1995, p. 245) “a educação escolarizada e pública sintetiza, de certa forma, as ideias e os ideais da modernidade e do iluminismo. Ela corporifica as ideias de progresso constante através da razão e da ciência”. Para o autor, são montadas narrativas em torno da crença nas potencialidades do desenvolvimento de um sujeito autônomo e livre, além de um universalismo, da emancipação e libertação política e social, de autonomia e liberdade.

Regulamentada no Brasil em 1962 como curso universitário, a Psicologia inicia suas práticas quando surgem também os primeiros movimentos do escolanovismo, motivados pelas teorias construtivista e sociodinâmica. Dessa maneira, a introdução da orientação vocacional nas escolas proporcionou campo de trabalho para psicólogos e educadores. A partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), em 1961, que considerava como serviço obrigatório a atividade de orientação educacional para escolas públicas e privadas, pedagogos e psicólogos poderiam exercer a orientação vocacional, ainda se utilizando de

bases puramente psicométricas, como parte das funções do orientador educacional. (VALENTINI, 2013).

De acordo com Levenfus e Soares (2002), entre o final da década de 1980 e o início de 1990 muitas escolas particulares brasileiras passaram a aderir a ideia de que a orientação profissional deveria iniciar cada vez mais cedo, passando a adotar um “modelo de aprendizagem sistemático, geralmente em grupos que seguem uma prática pedagógica para executar as metas definidas de aprendizagem”. (LEVENFUS & SOARES, 2002, p. 24). No decorrer dos anos, com o processo de abertura política no Brasil e o fortalecimento da sociedade civil, as constantes mudanças sociais, e a relação da orientação profissional com a esfera política, levaram Valentini (2013) a identificar a escola como local privilegiado, no qual o jovem deve se questionar e subsidiar suas escolhas, considerando, também, o dilema profissional, sustentando que o projeto de orientação profissional esteja relacionado ao projeto da instituição no qual encontra-se envolvido. Bock (2018), articula o processo de escolha profissional não apenas à informação ou à identificação aos padrões familiares, mas, principalmente, a uma reflexão crítica realizada pelo jovem sobre seu papel no mundo, colocando em pauta sua singularidade diante da realidade social, política e econômica.

Para Valentini (2013), o discurso pedagógico, tanto da escola pública quanto da privada, realizado na contemporaneidade, trouxe para si conceitos do discurso capitalista e da tecnociência. A autora refere-se ao primeiro citando termos como “eficiência”, “padrão de qualidade”, “excelência”, dentre outros; e ao segundo exemplificando com a utilização das expressões que são empregadas até pelo ENEM, “matemática e suas tecnologias”, “ciências e suas tecnologias”, “técnicas de apoio pedagógico”, etc. Ainda segundo a autora, tais palavras e expressões oferecem visibilidade como produtos a serem oferecidos pelas escolas aos alunos e seus pais.

O estreitamento de tais discursos com a esfera educacional considera que o aluno tem que ser preparado desde cedo para a realidade competitiva do mercado de trabalho. Tendo isto em vista, muitas escolas particulares utilizam do serviço de orientação profissional como mais uma prestabilidade valiosa a ser divulgada para atrair pais e jovens que vivenciam este momento de escolha, muitas vezes, de maneira turbulenta. Tal condição pode ser atrelada ao propósito capitalista e, também, à noção de resolutividade de uma demanda vista como problemática e que causa certo mal-estar em alguns jovens, que é o processo de escolha de uma profissão. No entanto, mesmo que os motivos não sejam os ideais e mais genuinamente nobres, os alunos provenientes de escolas particulares ainda podem contar com profissionais,

tais como psicólogos, que possam lhes auxiliar durante a vivência deste período. Mas como ficam os jovens estudantes de escolas públicas? Inseridos nessa mesma sociedade de exigências, apesar das expectativas com relação a estes serem diferentes, os alunos deste contexto vivenciam ainda uma série de atravessamentos socioeconômicos, por exemplo, sem o devido suporte sobre o processo de saída da escola, entrada na universidade ou mesmo logo no mercado de trabalho. Como tem sido tratadas tais questões no contexto das escolas públicas?

Muitos tensionamentos se inserem nesse contexto da educação pública, visto que os jovens são atravessados pela ideia de que precisam alcançar sucesso profissional após o término da fase escolar. Para Coelho e Aquino (2009) no momento atual, marcado pelas visíveis transformações conjunturais ou estruturais no mundo do trabalho, os jovens estão apresentando cada vez mais dificuldade em vislumbrar boas perspectivas para inserção laboral, muitas vezes pondo em questionamento o segmento pelo caminho universitário. A vivência dessa pressão é construída, também, devido à multiplicidade de sentidos atribuídos ao trabalho, dependendo do contexto socioeconômico em que o jovem está inserido. Ainda, de forma adicional, observamos o discurso do empreendedorismo como solução a esta dificuldade de escolha profissional. De acordo com Coelho e Aquino (2009), os empreendedores são os “inovadores”, que aproveitam boas oportunidades, conseguem ter boas ideias e sabem gerenciá-las com maestria. Portanto, na escola, a fim de seguirem um caminho de sucesso, são valorizados os alunos melhores, com maiores rendimentos, mais qualificados e competentes, o que pode gerar vários pontos que tensionam a relação destes jovens com a instituição e com seus processos de escolhas profissionais.

2.2 Investigando a literatura. Qual o lugar da escola pública nos estudos acerca do processo de escolha profissional?

O contexto da OP entre estudantes de Escola Pública no Brasil ainda é um assunto pouco explorado. Pessenda, Mascotti e Cardoso (2018) trazem a escassez de estudos sobre orientação profissional com o público de escolas públicas. Efetuaram levantamento acerca da produção brasileira de artigos que tiveram como objetivo realizar intervenções grupais em OP com alunos de escolas públicas. Os autores utilizaram os seguintes critérios para exclusão do levantamento: estudos descrevendo processos de construção e pesquisas de qualidades psicométricas de instrumentos; artigos que não versassem sobre processo de intervenção em

OP com alunos de ensino regular de escolas públicas; estudos que não contivessem a descrição detalhada das sessões de intervenção; artigos de revisão e estudos puramente teóricos. Os autores realizaram a busca nas bases de dados Scielo e Pepsic, utilizando as palavras-chave “orientação vocacional” e “orientação profissional”, sem restrição de ano de publicação. A busca foi realizada no ano de 2016.

Neste levantamento, após adotados os critérios de exclusão citados, os autores ficaram com apenas três artigos que traziam discussões geradas através de intervenções grupais em OP no espaço de escolas públicas. São estes: Aguiar e Conceição (2008), Souza et al. (2009) e Becker, Bobato e Schulz (2012), o que nos mostra uma quantidade escassa diante da imensidão que esta abordagem poderia e precisaria oferecer tanto em contribuições práticas aos jovens estudantes, como no campo da ciência, através dos relatos de pesquisa. Destes, consideramos válido destacar o relato trazido por Souza et al. (2009), que colocam a OP como uma intervenção psicossocial, tematizando a relação homem-educação-trabalho, buscando expandir a noção dos sujeitos acerca dos determinantes do contexto em que vivem, criando condições para ação e transformação deste ambiente, bem como também debatem temáticas acerca do cotidiano escolar dos estudantes.

Neste mesmo estudo, Pessenda, Mascotti e Cardoso (2018) também trazem um levantamento acerca da produção brasileira de artigos os quais tiveram como objetivo a análise da literatura nacional sobre OP. Os autores constataram que, ainda que tenham encontrado produções científicas nacionais que realizaram análises da literatura sobre artigos da área de OP, poucos levaram em consideração o tipo de escola, sendo expressivo que apenas um artigo tenha tido como público somente estudantes de escola pública (Silva et al., 2015), ainda assim, este só considerou em sua análise os cursinhos populares e não fez distinção se a publicação discutia a OP de forma interventiva, teórica ou apenas uma coleta de dados, etc. Todos estes dados reforçam a escassez de produções neste viés no campo da escola pública.

Buscando obter uma visão geral acerca de como os temas relacionados ao vestibular, escolha profissional, orientação profissional e escola pública estão sendo pesquisados no Brasil, bem como suas articulações com os tensionamentos referentes aos contextos socioeconômicos, às relações familiares e as pressões sofridas pelos jovens durante esse período de suas vidas, realizamos uma investigação nos moldes de revisão sistemática de literatura, propostos por Sampaio & Mancini (2007). As autoras caracterizam esse tipo de investigação como um meio facilitador para obtermos “um resumo das evidências

relacionadas a uma estratégia de intervenção específica, mediante aplicação de métodos explícitos e sistematizados de busca, apreciação crítica e síntese da informação selecionada”. (SAMPAIO & MANCINI, 2007, p. 84). A fim de melhor organizarmos os dados, traremos alguns modelos de tabelas inspirados no trabalho de Lavor Filho (2020).

Tendo em vista uma melhor organização do trabalho, esta estrutura foi norteada pelos cinco passos propostos pelas autoras. Sendo estes: 1) definição da pergunta; 2) busca de evidências; 3) revisão e seleção dos estudos; 4) análise da qualidade metodológica dos estudos; 5) apresentação dos resultados. (SAMPAIO; MANCINI, 2007). A revisão foi realizada no mês de agosto de 2020, na Plataforma de Periódicos Capes.

De acordo com o proposto no primeiro passo, tomamos como questão a ser investigada a seguinte: Como as pesquisas tem relacionado, no mesmo plano de investigação, as questões vivenciadas no período pré-vestibular, considerando a vivência do processo de escolha profissional, no contexto de escola pública? Para o segundo passo de busca por evidências, definimos como descritores as palavras-chave: “escola pública”, “orientação profissional”, “vestibular” e “escolha profissional”. Assim, os operadores booleanos foram conduzidos da seguinte maneira: “escolha profissional AND escola pública”, “orientação profissional AND escola pública”, “vestibular AND escola pública”. Utilizamos como recorte temporal os últimos dez anos de publicação, visto que gostaríamos de abranger em nossa análise os primeiros estudos após a implementação do novo ENEM, em 2009, e do cotas, em 2010, o que gerou algumas diferenças na forma de acesso ao ensino superior. Uma delas é que a partir de então a escolha pelo curso só seria realizada após a divulgação da nota obtida no exame, o que poderia gerar atravessamentos importantes no processo de escolha dos jovens. As mudanças no exame geraram, também, mudanças nas dinâmicas escolares. Com a modificação do estilo da prova em vários aspectos (conteúdos, tempo de realização, formato das questões, etc.), as escolas e seus alunos passaram por uma série de ajustes buscando uma melhor adaptação aos novos moldes do ENEM. Quanto às cotas⁵, foi garantido, no mínimo, 50% das vagas de universidades federais para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas

A tabela abaixo traz o quantitativo acerca das produções de artigos científicos recuperados na revisão sistemática através da busca dos descritores no período compreendido entre 2010 e 2020.

⁵ A Lei de cotas para o Ensino Superior nº 12.711/2012 foi explicitada na introdução deste trabalho.

Quadro 1 – Produções recuperadas entre 2010 e 2020

Descritores e operadores booleanos utilizados	Quantidade de artigos recuperados
"ESCOLHA PROFISSIONAL" AND "ESCOLA PÚBLICA"	24
"ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL" AND "ESCOLA PÚBLICA"	19
"VESTIBULAR" AND "ESCOLA PÚBLICA"	110
TOTAL	153

Fonte: Elaborada pela autora

Como etapa posterior à busca, seguimos com o terceiro passo de revisão e seleção dos estudos. Para isso definimos alguns critérios de inclusão/exclusão de artigos para o nosso trabalho. O primeiro parâmetro utilizado para inclusão é que sejam estudos realizados no Brasil e publicados em português, visto que nossa pesquisa é muito contextualizada com a realidade do exame de seleção e modos de educação e escolarização nacionais. Assim como são relevantes, também, os aspectos nacionais sociais, econômicos e culturais relacionados ao processo de escolha profissional. Também nos interessa observar como esses estudos tem sido publicados em periódicos brasileiros, ressoando possíveis problematizações em nosso país. Após aplicação desse filtro, obtivemos os seguintes resultados:

Quadro 2 – Produções publicadas em português e com estudos realizados no Brasil

Descritores e operadores booleanos utilizados	Quantidade de artigos em português com estudos realizados no Brasil
"ESCOLHA PROFISSIONAL" AND "ESCOLA PÚBLICA"	14
"ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL" AND "ESCOLA PÚBLICA"	8
"VESTIBULAR" AND "ESCOLA PÚBLICA"	60
TOTAL	82

Fonte: Elaborada pela autora

Após aplicação desse primeiro critério de inclusão/exclusão e leitura dos títulos e resumos, outros parâmetros foram também utilizados a fim de retirarmos da busca pesquisas que não se encaixavam com nossa proposta central de investigação. Percebeu-se que, mesmo com o filtro aplicado para triagem de artigos na plataforma Capes, alguns outros arquivos como entrevistas e matérias de revistas, que não possuem padrão científico, ainda apareceram na pesquisa, observamos títulos que se repetiam em mais de um descritor.

Alguns pontos foram interessantes de serem observados: como o fato de existir uma considerável quantidade de estudos relatando experiências de jovens que já se encontram na graduação. O que, por um lado, é positivo, considerando que muitas questões referentes à escolha profissional vão reverberar nos espaços universitários, mas por outro, ainda reflete o silenciamento do cuidado com essa temática ainda nos espaços escolares. Outra questão relevante, considerando o total de estudos recuperados, foi o número de pesquisas que traziam problematização acerca da relação entre as práticas educacionais e a profissionalização, no entanto os trabalhos não se concentravam nos campos das escolas públicas. Mais um tópico desta análise que pareceu pertinente foi que há um grande interesse pela temática das escolhas profissionais no âmbito escolar, mas estas são realizadas em sites, blogs e revistas de caráter não-científico, o que nos traz uma reflexão acerca de como muitas informações sobre esse assunto estão sendo vinculadas em meios de comunicação, sem a necessária cientificidade e profissionalismo exigido para o trato do assunto. No entanto, apesar de reconhecermos a importância e o atravessamento que tal assunto desempenha com nossa questão central de pesquisa, os estudos surgidos não traziam relação direta com o campo escolar, geralmente realizando análises críticas e históricas acerca da política. Por isso, para esta revisão, decidimos concentrar nossa busca em como a literatura tem abarcado a temática acerca das vivências dos processos de escolhas profissionais no campo da escola pública, tendo como ponto principal os tensionamentos relacionados a este período. Dentre outros aspectos que fugiam ao nosso objetivo, foram excluídos estudos com temáticas explicitadas na tabela a seguir:

Quadro 3 – Estudos excluídos após leitura de títulos e resumos (continua)

Critério de exclusão	Quantidade
Relatam experiências na graduação, ou com profissionais já formados, sem tecer relações com a escola	31
Posicionamento crítico acerca da relação entre as práticas educacionais e a profissionalização, mas não centralizam as discussões em escolas públicas	11
Matérias de sites/revistas e entrevistas, que não apresentam caráter de estudos científicos	10
Relação central com matérias e conteúdos escolares	9
Artigos duplicados	5
Contextos de saúde, sem relação com escola	3
Relação entre gênero/raça e escolha profissional, mas não focam em discussões no campo escolar	3
Centralidade em análises críticas e históricas acerca da política cotas e bolsas. Não havendo relação com experiências em escolas	3
Estudos quantitativos/avaliação psicológica para validação de escalas	2
TOTAL	77

Fonte: Elaborada pela autora

Após realizada a revisão e aplicação dos critérios excludentes, 5 estudos mais se aproximaram de nosso interesse de interlocução, com práticas relativas aos processos vivenciados no período pré-vestibular (ou relacionados a esse momento, no caso de um dos artigos em que o público-alvo são alunos do 9º ano) e as influências psicológicas, biológicas e sociais deste período em contextos educacionais públicos. Destacamos, também, discussões relacionadas aos jovens em cursinhos populares de preparação para o vestibular, além de pesquisas com estudantes que necessitam conciliar a vida estudantil com a laboral. Considerando tais temáticas como fontes de tensionamentos que atravessam o período de escolha profissional dos alunos de escolas públicas, foram estes os estudos selecionados:

Tabela 4 – Banco de dados da revisão de literatura

	Título	Autores	Periódico	Publicação	Ano
1	Orientação profissional: Ampliando as escolhas	Carla Vanessa de Oliveira Silva; Erika Joyce Moreira; Josimara Nunes Holanda; Camila Queiroz; Mércia Capistrano Oliveira; Stânia Nágila Vasconcelos Carneiro	Revista Expressão Católica	Vol.4(1)	2015
2	Tentando “chegar lá” As experiências de jovens em um cursinho popular	Eduardo Vilar Bonaldi	Revista Tempo Social	Vol.30(1)	2018
3	Influências biológicas, psicológicas e sociais do vestibular na adolescência	Maria de Lourdes Periotto Guhur ; Raiani Nascimento Alberto ; Natália Carniatto	Roteiro (Joaçaba)	Vol.35(1)	2010
4	Acesso e permanência na educação superior: estratégias de ingresso mobilizadas no ‘Colégio Militar de Campo Grande’	Maciel, Carina Elisabeth ; Assis, Jacira Helena Do Valle Pereira ; Da Silva, Miriam Ferreira de Abreu	Acta Scientiarum. Education (UEM)	Vol.40(1)	2018
5	O Desafio de Conciliar Trabalho e Escola: Características Sociodemográficas de Jovens Trabalhadores e Não-trabalhadores	Luciana Dutra-Thomé; Anderson Siqueira Pereira; Sílvia Helena Koller	Psicologia: Teoria e Pesquisa	Vol.32(1)	2016

Fonte: Elaborada pela autora

Dessa forma, em continuidade ao proposto por Sampaio & Mancini (2007), seguimos com os passos quatro e cinco, quando são realizadas as análises e apresentação dos resultados dos estudos, respectivamente.

A pesquisa de Silva et al. (2015) foi realizada com 25 alunos do 9º ano de uma escola pública estadual. Segundo as autoras o trabalho foi pioneiro dentro desta instituição, situada em Quixadá-CE. Foram realizados seis encontros com objetivo de suscitar reflexão sobre profissões, trabalhar questões relacionadas à autoestima e autoconhecimento e ao amadurecimento de interesses profissionais. Foram utilizados dois testes psicológicos, sendo

o Questionário de Avaliação Tipológica (QUATI) utilizado para avaliação de personalidade e o teste de Avaliação dos Interesses Profissionais (AIP) com o objetivo de fornecer algumas sugestões de áreas de afinidade, a depender das respostas dadas aos itens do questionário. As autoras destacaram que há uma notável influência de outras pessoas sobre o interesse de escolha profissional dos jovens da pesquisa em questão, e trazem no texto algumas falas em que as situações são expostas.

A faixa etária a qual o estudo de Silva et al. (2015) abrangeu representa um recorte importante para análise dos dados, visto que o fato de os alunos não estarem no último ano de seus períodos escolares diferencia muitas demandas que são relatadas costumeiramente por jovens do terceiro ano do ensino médio. Sendo assim, apesar de ser um estudo que traz uma excelente contribuição, apontando a necessidade da antecedência de uma intervenção em orientação profissional, há um distanciamento em relação ao contexto que buscamos investigar em nossa pesquisa.

O trabalho de Bonaldi (2018) foi realizado em um cursinho popular sediado em uma escola municipal de São Paulo. Apesar de não retratar a realidade de alunos em séries regulares da escola, o estudo aborda alguns pontos que podem se assemelhar a alguns levantados por alunos secundaristas de camadas populares que buscam adentrar no ensino superior. Ressaltando a figura do “estudante trabalhador” como sendo aquele sujeito que está acima da faixa etária comumente relacionada à condição universitária (compreendida entre 18 e 24 anos), já possuindo experiência no mercado de trabalho, muitas vezes trabalhando em período integral e buscando graduações mais curtas e oferecidas no período noturno, mais frequentemente ofertados por instituições de ensino superior privadas, de acordo com Romanelli, 2003; Comin e Barbosa, 2011 citados por Bonaldi (2018). O perfil socioeconômico é de famílias que habitam bairros periféricos, a maioria caracteriza-se por trajetórias de migração, advindos da geração dos pais ou avós oriundos da região Nordeste do país ou do interior de São Paulo, e os pais e mães dos alunos são trabalhadores com baixa qualificação no setor de serviços.

Ainda sobre o estudo de Bonaldi (2018), acerca da ida dos jovens para as faculdades/universidades particulares, um aluno relatou: “Eu estudei, estudei, estudei, mas, apesar de reconhecer que sou inteligente, eu vi que na [universidade] pública não ia dar...” (BONALDI, pág. 262, 2018). O artigo focaliza suas discussões nos aspectos que possibilitam o manutenção desses jovens no cursinho, com esta espécie de alongamento da vida escolar, e ainda nas dificuldades enfrentadas pelo próprio modo de realização do ENEM. Menciona

uma aluna que descreveu um quadro de ansiedade e estresse, e que por isso precisou ser acompanhada por psiquiatra e medicada e ainda citou a fala de um outro estudante referindo-se ao ENEM como “desumano”.

A pesquisa de Guhur, Alberto e Carniatto (2010), foi realizada em duas escolas de ensino médio, sendo uma particular e outra da rede pública. De natureza qualitativa e com o objetivo de investigar os efeitos que a realização do exame vestibular gera na vida dos jovens, o estudo teve como instrumento um questionário com tópicos que contemplavam tanto os alunos que iriam prestar vestibular quanto os que não sabiam se iriam realizá-lo. Vários pontos foram explorados, dentre estes quais as influências para a tomada de decisão sobre o curso universitário, o papel da família no processo de escolha e as pressões externas sofridas pelos alunos. Sobre este último tópico, 65% disseram se sentir pressionados a realizarem o vestibular, 76% afirmando estarem nervosos, angustiados e ansiosos. Outra questão abordada foram as práticas dos professores acerca do exame. Sobre isso, 70% dos alunos da escola pública responderam que sentem pressão por parte dos docentes, enquanto das escolas particulares o número foi de 59%. A isso podemos atribuir o fato de muitos professores se preocuparem com o futuro de seus alunos, principalmente aqueles que vivem em condições socioeconômicas mais difíceis.

Guhur, Alberto e Carniatto (2010) também analisaram a perspectiva para o futuro, questionando o que os jovens pretendiam fazer após o término do terceiro ano, caso não fossem aprovados no vestibular. Dos 37 alunos que responderam ao questionário, 32 (86%) disseram que iriam fazer um cursinho, destes, 50% eram alunos da escola pública e 100% eram alunos da escola particular. Três alunos (8%) disseram que iriam arrumar emprego (todos da escola pública), totalizando 30%, segundo os dados do estudo. Um jovem disse que iria entrar em uma faculdade particular e outro que iria prestar concurso público (ambos também eram da escola pública). Observa-se que a opção de concluir o período escolar e ter a possibilidade do cursinho é algo bem mais naturalizado para os alunos de escolas particulares. As autoras apontam para as alterações emocionais citadas de forma recorrentes no período que antecede ao exame, e indicam o nervosismo e a ansiedade como pontos que interferem, inclusive, nos relacionamentos interpessoais dos jovens.

Durante a adolescência, o indivíduo enfrenta, além das angústias que caracterizam esse momento de transformação de suas vidas (no campo afetivo, cognitivo, social), as incertezas relacionadas ao seu desempenho no exame vestibular, associadas à forte cobrança da família e de amigos, situação essa que acaba contribuindo para o

surgimento de sentimentos, como angústia e ansiedade que, em muitos casos, ultrapassam os limites da normalidade e prejudicam o desempenho do candidato no dia da prova. (GUHUR, ALBERTO E CARNIATTO, 2010, p. 133)

O estudo de Maciel, Assis e Silva (2018) discute as estratégias utilizadas por uma escola pública de Campo Grande para garantir seus altos níveis de aprovações em vestibulares de todo o Brasil. A instituição é um Colégio Militar, dessa forma se configura como um espaço de educação pública, mas que apresenta suas especificidades bem explícitas. No texto as autoras buscam analisar como os agentes escolares, a família e os estudantes contribuem para a construção do que chamam de “escola de prestígio” (p. 4). O Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB) abrange todas as escolas militares do país, e de acordo com os dados divulgados no estudo em 2018, era composto por 13 colégios militares, apresentando, em 2017, um efetivo de 12.787 estudantes matriculados. Deste total, 20,16% eram estudantes concursados, estes foram aprovados através de processo seletivo de alta concorrência, disponibilizado para o 6º ano do ensino fundamental e para o 1º ano do ensino médio; e 79,84%, eram de estudantes amparados, que são os filhos de militares que legalmente possuem direito a uma vaga. O SCMB contava, naquele ano, com o apoio de 1.567 professores, sendo 802 civis, dos quais a maioria são concursados e outros contratados pela Associação de Pais e Mestres; e 765 militares do Exército e das demais forças armadas. De acordo com as autoras, um significativo percentual dos docentes destes colégios possui título de doutores, mestres e especialistas.

O colégio em foco na pesquisa aponta para seu “*ethos* militar”, visto que trata “de valores, deveres e ética que devem ser cultuados diariamente. Entende-se que a carreira militar não deve ser compreendida como ocupação, um emprego qualquer, mas como algo nobre e necessário” (MACIEL, ASSIS & SILVA, 2018, p. 3). As autoras relatam a valorização da relação família-escola-aluno, considerada como fundamental o papel de cada um destes agentes para um ambiente considerado favorável ao seu sucesso. Tal aproximação entre família e escola, como, por exemplo na participação na Associação de Pais e Mestres (APM), nas atividades culturais, em reuniões de conselhos de classe, para o favorecimento dos desempenhos dos jovens, de acordo com o estudo, são mais propensos a adotarem competências válidas para seu aperfeiçoamento em trajetórias de longa duração. As autoras citam Bourdieu (2004) para ratificarem a importância da família como papel fundamental na reprodução da estrutura do espaço e das relações sociais.

A especificidade desta escola pública vem desde o processo de ingresso à instituição. No ano de 2017, para entrada no 6º ano do ensino fundamental, se inscreveram 475 alunos para concorrerem a 10 vagas. A seletividade utilizada para o acesso ao Colégio nos leva a entender que os estudantes que conseguem vencer tamanha concorrência “já chegam com um capital intelectual e cultural ampliado, uma vez que se prepararam, em cursinhos e aulas particulares durante um ano ou mais, para o competitivo concurso de ingresso”. (MACIEL, ASSIS & SILVA, 2018, p. 6). As autoras alertam que tal situação não é possível de generalização, visto que existem muitos filhos de militares que apresentam dificuldades de conteúdo devido ao fato de haver muita mobilidade territorial nesta profissão, o que prejudica alguns jovens. Mas tanto a escola quanto a família utilizam estratégias para suprir as dificuldades e permitir que o aluno alcance êxito em sua trajetória escolar. A instituição registra maiores números de aprovação em vestibulares para os cursos mais concorridos em todo o Brasil, tais como: medicina, direito, engenharia (as mais diversas áreas), relações internacionais, economia, psicologia, análises e desenvolvimento de sistemas, dentre outros, além das academias militares, como o Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA) e o Instituto Militar de Engenharia (IME), considerados os vestibulares mais difíceis do país. As autoras citam algumas estratégias imprescindíveis adotadas pela instituição:

Primeiro, é preciso que haja uma escola que ofereça os meios materiais, organizacionais e relacionais necessários ao desenvolvimento de um bom trabalho por parte de seus docentes e outros agentes educacionais; que invista na formação continuada e na qualificação do corpo docente e dos outros agentes educacionais; que tenha uma infraestrutura que funcione; que as questões educacionais sejam tratadas com seriedade por seus gestores e equipe técnica; Segundo, há necessidade de uma família participativa, que não delegue suas funções à escola, mas que seja um suporte para o seu dependente. Finalmente, é preciso que o estudante se sinta comprometido com a escola, com o seu aprendizado, que responda às exigências de seus educadores, que seja disciplinado e tenha por objetivo não perder o foco: o êxito escolar. (MACIEL, ASSIS & SILVA, 2018, p. 7).

A escola expõe como pilares básicos a hierarquia e a disciplina, visando uma trajetória de êxito no ensino superior para seus estudantes. “Pode-se, assim, observar a presença de uma gestão conservadora, vigilante quanto a normas e regulamentos – por ser vinculada ao Exército Brasileiro -, que exerce controle sobre as práticas educacionais”. (MACIEL, ASSIS & SILVA, 2018, p. 8). Além disso, a instituição busca valorizar e se preocupar com o desempenho dos jovens tanto na esfera pedagógica quanto nas questões psicossociais. O último pilar “por se tratar de uma escola meritocrática – é o incentivo dado aos estudantes que apresentam bons resultados. Neste viés, o colégio militar trabalha a

valorização da disciplina, o respeito, a responsabilidade e o patriotismo, ao condecorar seus estudantes” (p. 8).

Em minha experiência como psicóloga de grandes escolas particulares, observava com frequência o interesse destas instituições pelos alunos do Colégio Militar de Fortaleza. Eram lhes oferecido bolsas integrais, não gerando custo algum para as famílias, para que estes estudantes fossem matriculados na escola no contraturno, pois conheciam o alto nível de conteúdo que os jovens geralmente apresentavam, pois já haviam sido submetidos a um rigoroso processo seletivo para adentrarem nos colégios militares, e almejavam apenas que estes alunos realizassem os vestibulares, concorrendo pelo sistema de cotas, e fornecessem resultado para estas escolas particulares. Apesar de se configurar uma instituição de ensino público, financiada pelo Exército brasileiro e pelo Estado, cobrando apenas uma pequena taxa de ingresso, é visível que estas escolas se constituem como um modelo próprio de funcionamento, distanciando-se da realidade de muitas instituições públicas do país.

O estudo de Dutra-Tomé, Pereira & Koller (2016) objetivou investigar acerca dos desdobramentos da experiência laboral de jovens sobre suas vidas estudantis. Os autores apontam para a precoce adultização devido às condições de classes sociais, escolaridade, gênero, fatores psicossociais, dentre outros, além das próprias particularidades decorrentes da juventude, marcada por várias mudanças nos âmbitos biológico, psicológico e social. Acerca das dificuldades do sistema educacional brasileiro, foi apontado o fato de que as instituições públicas possuem condições inferiores em relação às escolas privadas, estas com professores e recursos mais qualificados. Além disso, outro fator que se relaciona diretamente a nossa pesquisa, são as diferenças existentes entre as próprias escolas públicas: aquelas localizadas em bairros centrais da cidade são mais bem equipadas do que as localizadas nas periferias (Sena & Souza, 2011 apud Dutra-Tomé, Pereira & Koller, 2016), o que dificulta o acesso mínimo à educação de qualidade aos moradores destes locais periféricos. Esta carência de equipamentos é sustentada pelos marcadores de classe, que na referida pesquisa surge através dos estudantes de instituições mais bem equipadas apresentarem possibilidades de cursos profissionalizantes e experiências laborais inseridas em suas formações, os jovens de escolas com menos estrutura apresentaram níveis de formação mais deficitários e experiências mais voltadas para o trabalho manual e doméstico.

Esta pesquisa, realizada em sete capitais e três cidades brasileiras, com 7425 jovens, entre 14 a 24 anos, de ambos os sexos, com nível socioeconômico baixo e que estudavam em escolas públicas ou participavam de ONG's ou Centros Comunitários, discutiu

que existem diferenças em relação às variáveis educacionais entre estudantes trabalhadores e não-trabalhadores. Os autores alertam para que, a priori, apenas o fato de os alunos entrarem precocemente no mercado de trabalho poderia prejudicar suas vidas acadêmicas, no entanto devemos levar em consideração a existência de outros fatores que podem influenciar esse resultado, tais como a baixa estimulação da família para o estudo, além de seus escassos recursos financeiros, bem como o fato de muitos professores se sentirem desmotivados no ensino público e a própria estrutura escolar deficitária. Para Dutra-Tomé, Pereira & Koller (2016), mesmo com outros fatores de influência

(a) os jovens precisam estar psicologicamente preparados para administrar exigências laborais e escolares, de maneira que não sejam prejudicados nessas atividades; (b) o nível educacional dos pais constitui elemento de referência para os filhos. Portanto, programas governamentais que buscam encorajar o engajamento escolar de crianças e jovens necessitam instruir pais sobre a importância da educação. Além disso, devem promover a crítica em relação ao discurso moral do trabalho, presente especialmente em famílias de baixa renda, o qual enaltece os benefícios do trabalho sobre os benefícios do estudo, justificados pela necessidade de sobrevivência; (c) as fragilidades do sistema educacional brasileiro podem levar os jovens a entrar no mercado de trabalho precocemente. Diante dos problemas estruturais encontrados no âmbito escolar, eles têm sua motivação para o estudo afetada; (d) os resultados indicaram uma relação entre dificuldades acadêmicas e trabalho juvenil. (DUTRA-TOMÉ, PEREIRA & KOLLER, 2016, p. 108)

A necessidade de um olhar contextualizado, atento e ampliado para estes jovens que vivenciam tantos atravessamentos no âmbito biopsicossocial, pode abrandar o peso das transformações ocorridas durante este processo de escolha profissional. As variáveis são múltiplas. Pudemos analisar estudos que abordaram a multiplicidade de fatores que embasam a experiência escolar e se relacionam com as escolhas profissionais, no âmbito da escola pública: Instituições no interior do Ceará buscando inserir seus alunos do 9º ano do ensino fundamental já nas discussões acerca do mundo laboral; A particularidade de cursinhos populares de preparação para o vestibular; Os atravessamentos na saúde mental gerados pela pressão acerca do vestibular em alunos do ensino público e privado; A especificidade do contexto de uma escola pública militar, que já recebe seus estudantes a partir de um processo seletivo muito concorrido, que apresenta em seu cotidiano práticas ligadas ao militarismo e que expõe excelentes resultados nos vestibulares mais difíceis do país; e as discussões realizadas acerca dos jovens que, muitas vezes precisam dividir suas rotinas de estudos com o mundo laboral.

Os artigos trouxeram importantes discussões acerca da necessidade de atentarmos para os múltiplos tensionamentos existentes no contexto de ensino público, que influenciam diretamente no processo de escolha profissional dos jovens. Não falamos de um único modelo de escola pública, mas de muitas variáveis existentes neste contexto, que vão desde à localização geográfica da instituição à própria metodologia, recursos governamentais recebidos e ideologias impostas pela escola.

Julgo importante salientar o quanto este trabalho de investigação de literatura tornou mais expressiva uma falta que já era sentida na experiência prática com orientação profissional e trabalho com escola pública. A escassez de estudos que evidenciem atuações nesse espaço, que tragam como centralidade a infinidade de tensionamentos vivenciados pelos jovens nessa fase da vida, ratificam a relevância de nos inserirmos como pesquisadores atuantes desse campo

2.3 Investigando por outros caminhos: o processo de escolha profissional no cotidiano escolar público

Alguns artigos levantam discussões de forma a tecer críticas interessantes acerca da ideia da educação para a profissionalização e das práticas educacionais destinadas a esse viés. No entanto, muitos não apresentam pesquisas que realizem ações com dados substanciais, muito menos no contexto de escolas públicas. Quando isso acontece, vários assumem um caráter mais quantitativo, de validação de instrumentos, ou relatam experiências de escolha profissional já na universidade, alguns se propondo a discutir a OP, mas fora do campo educacional, muitos realizando revisões de literatura.

A escassez de estudos com um olhar problematizador para o processo vivenciado durante de finalização da fase escolar e de escolha profissional enfatizou a necessidade de contribuições neste campo. Ressalto que até existem, sim, estudos que tem como lócus a escola pública, principalmente quando relacionado ao vestibular, como evidenciado na tabela 1, mas estes fugiram à intenção deste trabalho em discutir os tensionamentos envolvidos durante o processo de escolha profissional.

Considerando minha própria experiência trabalhando com orientação profissional e estudando sobre esta área, antes primordialmente no campo das escolas particulares e no campo da psicologia clínica, narrado na introdução deste trabalho, foi preocupante observar o silenciamento dos estudos acerca das problematizações do que é vivenciado no cotidiano das

escolas públicas. Portanto, buscando ir além dos descritores operados na revisão de literatura, expostos no item 1.2, resolvemos abrir o leque para saber como outras áreas não abrangidas por tais descritores estão estudando esta temática. Dessa maneira, busco aqui realizar uma politização, de forma a ampliar a visão acerca dos conceitos, trazendo a importância de nos permitirmos a novas perspectivas, nos enriquecermos com outras fontes, alargando as problematizações para os campos de estudos acerca das juventudes, dos projetos de vida, da própria psicologia escolar enquanto atuante na educação pública, seguindo o que a pesquisa-intervenção tem se proposto, construindo conhecimento e tensionando outras questões num plano contínuo de desnaturalização.

Silva (2015) expõe as contribuições do método cartográfico como uma rica “ferramenta para acompanhar os processos que atravessam uma escolha profissional e suas articulações com a produção de subjetividades na cena contemporânea, de mudanças no mundo do trabalho, e com as questões que envolvem o próprio trabalho do orientador”. (SILVA, 2015, p. 297). Em seu estudo, a autora utiliza como fontes pesquisadores brasileiros como Eduardo Passos, Virginia Kastrup, Liliana da Escóssia, (2009), inspirados na Filosofia da Diferença de Gilles Deleuze e Felix Guattari (1996), que tomaram a cartografia como metodologia, e cita os filósofos para descrever a cartografia como um método que nos permite acompanhar processos e a pensar o nosso trabalho como um campo de forças. Tais forças, que se encontram em tensão pela disparidade de intensidades, assumem formas, se estabilizam e representam de forma temporal e parcial um registro. Para a autora, o pensamento deve ser atento aos percursos tomados por essas forças, e não somente às suas representações. A cartografia registrará os deslocamentos e conexões que se manifestarão e ganharão visibilidade.

O estudo de Silva (2015) é realizado numa pequena vila na região serrana do Rio de Janeiro. A escola pública lócus do trabalho passa a ter pela primeira vez o ensino médio, e com isso muitos atravessamentos perpassam este contexto. A novidade faz que com que muitos avancem nos estudos e sejam os primeiros da família a terem um trabalho diferente. Alguns jovens já ansiavam por esta oportunidade, para não terem que repetir o mesmo padrão de trabalho da geração dos pais. Diante dos novos possíveis, aparece para os jovens a dúvida do que fazer ao término do ensino médio. Além disso, um outro ponto importante atravessa a micropolítica do cotidiano escolar: os professores e familiares também se mostram preocupados com as incertezas impostas pela novidade e pelas dificuldades que já enxergam que serão geradas pelo mundo do trabalho e pela apropriação do conhecimento. Em grande

parte, os níveis das séries escolares não andam no mesmo ritmo que a absorção dos conteúdos, o que deixa a aprendizagem sem sentido e distante da realidade dos jovens. A autora traz uma importante reflexão sobre o olhar da escola acerca dos atravessamentos que acometem os jovens durante a fase de escolha profissional. Olhar este que vai ao encontro ao que pretendemos oferecer em nossa pesquisa:

Será que a escola pode ser porta passagem e cúmplice nessa travessia? De que maneira o espaço da oficina pode fazer das questões um celeiro de outras ideias, numa implicação de todos? O quanto a presença de Ana [aluna da escola] toca essa instituição? O quanto o corpo da escola se afeta pelos atravessamentos do projeto de *se tornar* nos efeitos de seus relacionamentos, na sua forma de aprender, nas suas dificuldades, na sua alegria? O quanto Damiana [aluna da escola] pode afetar a oficina, qual escuta estabelecemos para que as intensidades ganhem palavras? Como suas escolhas são constrangidas por esse projeto de vida? Como problematizar o *dar certo* e o seu contrário, e expandir para forças que ali em presença fazem mais vida? A atenção aqui é fundamental. Criar olhos, ouvidos, tatos para as pistas que desestabilizam e abrem passagens no turbilhão das experiências e instaure possibilidades. (SILVA, 2015, p. 305).

O estudo ratifica a riqueza do que acontece na rotina cotidiana dos jovens enquanto vivenciam os múltiplos atravessamentos envolvidos no processo de escolha de uma profissão. Decidir implica em analisar vários aspectos da vida em sociedade na história de cada um. Para Silva (2015, p. 311), “o cartógrafo, ao se haver com o outro, desconhecido e estranho, bordeja abismos, sempre no risco do abandono de si, para viver o inusitado de si mesmo”. O que fez muito sentido dentro da minha trajetória enquanto pesquisadora e profissional da área, e puxando como fio a reflexão realizada pela autora, fica a reverberação acerca do próprio nome da função de orientação profissional. Muito além de orientar, vivenciamos um estar ao lado, “sustentando a tensão necessária para que um campo problemático se desenhe e contribua para abrir caminhos. Isso porque nossa concepção de trabalho é no plano intensivo, que não perde de vista que as formas sempre são forças em composição”. (SILVA, 2015, p. 311)

Miranda et al. (2016) em uma pesquisa-intervenção realizada em duas escolas, sendo uma delas EEEP - Escola Estadual de Educação Profissional, traz os atravessamentos contidos nesta instituição que, para as autoras “tende a se alinhar com os preceitos de uma série de transformações ocorridas no século XX na esfera da sociedade capitalista e no mundo do trabalho, já que elas têm por objetivo capacitar jovens e adultos para o exercício de atividades produtivas”. (MIRANDA et al., 2016, p. 251). As questões relacionadas ao mundo do trabalho ou à escolha profissional não eram temáticas centrais da atuação das

pesquisadoras na instituição. No entanto, atravessaram a pesquisa as falas acerca da competição entre os jovens, além das pressões sofridas por estes em torno da empregabilidade e demandas relacionadas à falta de tempo. Foi interessante observar o posicionamento da instituição, que incentivava como discurso “o bom comportamento dentro da escola hoje irá refletir no perfil profissional de amanhã” (MIRANDA et al., 2016, p. 252), e uma fala da coordenadora tem destaque no estudo quando reforça que a visão empresarial exige produtividade, e coloca o lazer como algo que não seria “visão de empresário”. Para a coordenadora desta escola “...existe sim essa cobrança de ser focado no trabalho. Tem que ser focado no trabalho” (MIRANDA et al., 2016, p. 252). Tais falas reverberam a ideia do “espírito empresarial” contagiando a escola, assim como os corpos e as subjetividades que por ela circulam (SIBILIA, 2012).

Outro estudo que não se circunscreve nos descritores anteriormente pesquisados, mas que traz importantes contribuições, é o de Castilho (2019), que utiliza o termo projeto de vida. Para a autora “entende-se por projeto de vida a construção de um traçado envolvendo tanto aspectos subjetivos contidos no imaginário (sonhos e fantasias), quanto aspectos objetivos, cuja concretude lhes confira o caráter norteador de um sentido e de uma direção rumo ao futuro” (CASTILHO, 2019, p. 391). Ainda segundo a autora, esta concepção não segue uma trajetória linear, pela própria condição oblíqua das histórias humanas. Para Leão, Dayrell e Reis (2011) há uma série de atravessamentos possibilitados pelo contexto socioeconômico e cultural, que circunscrevem as experiências juvenis, conferindo uma dinâmica própria a cada projeto de vida, que se transforma de acordo com o amadurecimento e mudanças possíveis a cada sujeito.

A autora realizou uma pesquisa com 314 estudantes secundaristas do Brasil, Espanha e Portugal, na qual buscou-se identificar os aspectos que influenciam na construção de seus projetos de vida. O estudo apontou que 89,5% dos estudantes brasileiros consideram importante cursar o ensino médio por entenderem ser uma valiosa porta para o mercado de trabalho e 46% por considerarem o único meio de chegarem à universidade, o que confirma a ideia construída acerca da função da escola está relacionada, prioritariamente, ao adentro no mercado de trabalho ou na universidade. Quando questionados sobre os projetos de vida para os próximos cinco anos, 48% relatou que entrar na universidade estava em seus planos e 29% também relacionou “se formar” (na universidade) e ter um emprego estável. Referindo-se à escola, os estudantes brasileiros enxergam sob uma perspectiva sociorrelacional, sobressaindo os valores de amizade, camaradagem entre os amigos e os vínculos de afeto.

Este estudo, além de evidenciar a relação direta que os jovens fazem entre a escola e a universidade, também reitera o papel fundamental que a instituição desempenha para os alunos para além do aprendizado das matérias convencionais, e ratifica a necessidade do olhar além da máquina produtora de aprovações.

Jucá (2020), também aborda a temática de projetos de vida, em seu estudo realizado numa escola pública estadual em Fortaleza. A autora expressa um intenso sofrimento relatado pelas jovens participantes, relativo a um desamparo social, pois mesmo entre as que tinham a universidade como possibilidade futura, o presente lhes desanimava, e a possibilidade concreta de entrar em uma graduação eclodia como uma possibilidade com poucas chances de realização, sobretudo, se a ideia era ingressar em uma universidade pública, ressaltada pelas jovens como um lugar de difícil acesso devido à grande concorrência. As dificuldades de projetar-se para um futuro no ensino superior são, de certo modo, fundamentadas em obstáculos concretos, tais como a necessidade de trabalhar para ajudar no sustento da família, por exemplo.

A experiência apontada pela autora está circunscrita numa proposta de pesquisa-intervenção, utilizando a metodologia da conversação, norteadas pela psicanálise. “A proposta das conversações afina-se com a reivindicação dos coletivos juvenis no Brasil, pois eles afirmam a necessidade de estudos e de políticas construídos *com eles* em vez de *sobre eles* ou *para eles*.” (JUCÁ, 2020, p. 396). Durante o estudo foi possível ouvir acerca das dificuldades relatadas pelas jovens estudantes em lidar com as pressões impostas pelos familiares e professores, acerca da trajetória que as alunas irão seguir após a conclusão da escola. Retratam como insuportável uma fase que deveria ser agradável e comemorada, com a chegada da maioridade e término de uma etapa importante da vida. Ao invés desse sentimento positivo, vivenciam momentos que sentem como de extremo descrédito, visto que percebem que os docentes sempre reforçam as poucas chances de ingresso nas universidades devido à concorrência.

Adicionado a este contexto que abrange o cotidiano estudantil, a autora demarca que o fato de estudarem em uma escola pública e de pertencerem a um território marcado pela exclusão social e pela violência, aumentam as dúvidas sobre as reais chances de alcance desse projeto chamado universidade pública. Além de também se questionarem acerca de quais cursos realmente seriam possíveis de serem aprovadas. De acordo com Jucá (2020, p. 402) “As dúvidas apareciam não apenas nos ditos, mas nos silêncios, nos semblantes das adolescentes ao tratarmos do tema e no modo pelo qual as projeções eram feitas, resumindo-

se no fazer o ENEM e o vestibular”, não se permitindo, sequer, adentrarem em discussões mais aprofundadas sobre o que esperavam dos cursos, ou como imaginavam o espaço universitário, por exemplo.

Rocha (2000) discute que as instituições sociais, ao difundirem o modo de subjetivação, não propagam apenas uma transmissão de significações, mas também um conjunto de ideias impostas, que estão em imediata conexão com as grandes máquinas produtivas, bem como com as estruturas de controle social e as esferas psíquicas que estabelecem a forma de percebermos o mundo. Para a autora a escola é compreendida como mais uma instituição que, ao mesmo tempo, é produzida e é produtora de uma lógica homogeneizadora, favorecendo o que ela chama de “subjetividade mecânica, através de cada elemento da comunidade, de cada signo, símbolo, ou regra que a atualiza, revigorando-se enquanto fábrica de socialização padronizada.” (ROCHA, 2000, p. 186). Nesse contexto, a escola pública também entra na engrenagem de produzir resultados através de várias práticas cotidianas que direcionam os alunos ao que consideram como “sucesso”, muitas vezes deixando como secundários o modo como o os jovens tem subjetivado este processo. Ainda segundo a autora:

O mundo industrial impõe um novo ritmo socioeconômico e político da divisão social do trabalho, cujos princípios se vinculam à racionalização, serialização e especialização. A eficiência e a agilidade darão as diretrizes da ordem na qual serão selecionados os candidatos ao sucesso, ao progresso. A escola consolidar-se-á como organização em parceria com outras organizações, trabalhando para acionar o acelerador do tempo social. Assim, em meio a igreja, a família, ao Estado da providencia, as organizações de saúde, a escola vai estruturar-se como mais um território veiculador do sujeito da moral, cujos padrões de normalidade atuam na prevenção do patológico e na busca da equalização das distorções sociais, tentando, direta ou indiretamente, preparar o homem para o trabalho. (ROCHA, 2000, p. 190)

Para adentrarmos nesta micropolítica, precisamos ir além das formas visíveis, do que nos é claramente dado, visto que se reduzirmos o real ao plano das representações, não conseguiremos ir além da reprodução de alternativas práticas, e estas não escaparão da lógica dominante que já vem sendo empregada. Ainda de acordo com Rocha (2000), se quisermos combater a sensação de impotência de criar, precisamos valorizar o plano da escuta das turbulências e das intensidades, não nos colocando como apenas interlocutores de práticas constituídas, mas na intercessão para realizarmos alianças com o inesperado. Além de ser preciso considerarmos “as afecções (encontros entre os corpos, para além da razão, onde o outro é mobilizado, potencializado), a cronogênese (linhas de tempo que se abrem, oferecendo

outros sentidos para a realidade), facultando o envolvimento, as implicações e a ação”. (ROCHA, 2000, p. 194).

Com isso, considerando os contornos relativos à função da escola na sociedade contemporânea, as especificidades vivenciadas pela própria condição juvenil, além da demarcação temporal de finalização do ciclo escolar, que, além de carregar a pressão pela realização do vestibular, traz as nuances relacionadas ao término de uma fase que estava presente em nossas vidas desde a infância, e que agora abre espaço para algo desconhecido, novas formas de trabalho, de formação, de comunicação, buscamos em nossa pesquisa problematizar acerca dos tensionamentos que atravessam o processo de escolha profissional no contexto da escola pública.

Portanto, tendo em vista que o processo de construção do sujeito acontece a partir do que é vivenciado e internalizado diante da experiência vivida, da qual resulta o aspecto histórico da construção de sua identidade (BOCK, 2018), em nossa pesquisa, para além da escolha profissional em si, consideraremos as construções relativas ao próprio cotidiano estudantil, as pressões vivenciadas durante este período e que se relacionam com as incertezas do futuro após finalização da fase escolar, as dúvidas acerca da inserção no mundo do trabalho, bem como as práticas escolares engendradas para atender ao modo de funcionamento do sistema de vestibulares, mais especificamente do ENEM, a relação com a ida para universidade e as possibilidades de outros caminhos profissionais, as relações familiares que atravessam a história desses jovens e os aspectos socioeconômicos que contextualizam esta vivência. Para Aguiar e Bock (1995) a função da OP seria intervir para a promoção de saúde do sujeito, compreendendo-o e trabalhando com base em suas relações sociais, abordando as possibilidades existentes e as formas de transformação destas, aumentando a consciência do jovem acerca da realidade que o cerca, fornecendo-lhe a possibilidade de ação. Isso dito, o intuito não foi realizar uma pesquisa SOBRE os jovens estudantes de escola pública, mas sim COM jovens deixando-nos atravessar pelos tensionamentos que este período da vida os convoca.

3 CONSTRUÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS ACERCA PROCESSO DE PESQUISAR COM SECUNDARISTAS

3.1 Entrelaces da história de uma pesquisadora. A pesquisa-intervenção possibilitando mudanças

Habitar novamente o território escolar causa em mim um sentimento de profundo entusiasmo (depois de tanto modificar a palavra, talvez esta seja a que mais consiga se aproximar para nomear o que sinto). A riqueza de tantas trocas com os jovens, a satisfação de vivenciar a inquietude, a vivacidade juvenil, o prazer de contribuir com a construção de problematizações tão relevantes para as vidas daqueles alunos e alunas me consome de alegria, me energiza e agrega sentido à minha prática profissional.

Atuar em instituições particulares me fez enxergar o quanto o serviço de “aprovar no vestibular” é extremamente vendável e lucrativo para muitas grandes escolas, daí termos tantas propagandas de instituições escolares disputando para divulgar seus alunos primeiros lugares em vestibulares de medicina (considerado o curso mais concorrido e que necessita das notas mais altas para aprovação no ENEM e em faculdades públicas e privadas), seus índices de aprovações, suas porcentagens de crescimento, comparações com outras escolas que aprovaram menos, etc. Alguns pesquisadores tem apontado para a lógica da produtividade que atravessa os cotidianos escolares. (Laval, 2014; Rocha e Aguiar, 2010; Paro, 2009). A este respeito Rocha e Aguiar afirmam:

Os resultados, o quantitativo, as estatísticas ganham o cotidiano da escola convocando a todos, de alguma forma, como partícipes nas montagens dos sempre novos mecanismos de monitoramento e avaliação da produtividade (ROCHA E AGUIAR 2010, p.70)

A chegada ao PPGP-UFC (Programa de Pós-Graduação em Psicologia – UFC), o encontro com minha orientadora e com o grupo de pesquisa, ter a visão de todos trabalhando ativamente e com tanta dedicação dentro da escola, desenvolvendo ações de forma tão implicada, geraram em mim um sentimento de identificação com pessoas que verdadeiramente estavam comprometidas com a saúde, o bem-estar, com a educação e a qualidade de vida naquele espaço. Encontrar este cenário apenas confirmou meu desejo em habitar o território escolar. O projeto que havia submetido já anunciava o desejo de atuar no

campo da escola pública. Levar a discussão sobre as escolhas profissionais para este espaço, para mim, era fornecer àqueles alunos a oportunidade de pensar sobre algo que, muitas vezes, lhes é posto como fato, mera consequência, destino. E pensar sobre essa escolha, a meu ver, deveria ser tratado como um direito.

Dessa forma, havia pensado em “transportar” a experiência que acumulara das instituições particulares, trabalhando com jovens em período de finalização da fase escolar, para o contexto das escolas públicas. A ideia inicial seria de montar grupos, com encontros já semiestruturados, com o objetivo de facilitar o processo de escolha profissional dos alunos do terceiro ano do ensino médio. Trabalhar questões voltadas ao autoconhecimento, ajudá-los com o acesso à informação acerca das profissões e cursos universitários e posteriormente auxiliá-los a organizar a escolha. Hoje enxergo que estes objetivos capturavam mais o olhar de uma orientadora profissional, do campo da psicologia escolar, do que propriamente de pesquisadora.

Só que o campo nos ensina e nos modifica. E para essa experiência de construção da pesquisa junto com os jovens, precisei abrir mão das classificações e saberes antecipados, conforme indicado por Moraes (2014). Precisei entender que o formato que funcionava nas escolas particulares onde havia atuado anteriormente não era, simplesmente, transferível para a realidade que agora habitava. Eu agora estava em outro contexto e isso, obviamente, exigiria uma ação voltada apropriadamente para isso. Foi então que a pesquisa se modificou...

Conforme mencionado na introdução do presente trabalho, esta pesquisa está vinculada à pesquisa guarda-chuva “Educação, modos de subjetivação e formação de jovens pesquisadores da micropolítica do cotidiano escolar”, articulada ao projeto de extensão “É da Nossa escola que falamos” e ao “Curso de Formação de pesquisadores da micropolítica do cotidiano escolar”. Pesquisar com jovens, considerando a micropolítica do cotidiano escolar, me fez adentrar num campo de diversidade, com uma enorme multiplicidade de trajetórias pessoais, diferentes oportunidades, distintos ideais de futuro, crenças e modos de estar no mundo. E ao descrever tantas novidades, eu estendo tal descrição aos aprendizados acerca do próprio modo de fazer pesquisa. O meu primeiro contato com o nome “pesquisa-intervenção” foi lendo as linhas de estudo do PPGP-UFC e o currículo lattes da minha pretendida orientadora. E que espanto eu senti quando vi tantas pessoas dentro da minha área de atuação, numa universidade da minha cidade, falando de um estilo de pesquisar que, na minha graduação, nunca tinha ouvido falar.

No entanto, apesar de não saber, exatamente, do que se tratava, o próprio nome já anunciava algo que me chamava atenção e muito me interessava. Afinal, como dito anteriormente, eu queria estar no campo. Portanto, juntar pesquisa e intervenção era tudo que eu sonhava! Que sorte! Quando iniciei as atividades no mestrado e conheci os outros estudos, quando me debrucei mais sobre a teoria através dos estudos orientados, aulas, grupos, conhecendo a gama de ações desenvolvidas, a quantidade de produções construídas, de intervenções e projetos interessantes realizados, me desfiz de muitos medos e preconceitos relativos ao campo acadêmico. A aproximação teórico-metodológica com a pesquisa-intervenção fez com que meu campo de visão se expandisse, resultando em ricas reformulações, preciosos refazer de ideias e generosas construções coletivas de novos objetivos para este trabalho. De acordo com Moraes (2014) o PesquisadorCOM se apresenta exatamente com a proposta de desfazer e refazer certas fronteiras, com o intuito de fazer um mundo comum, mais heterogêneo, onde vários atores tenham voz.

3.2 Pesquisa-Intervenção como campo epistemológico, ético e metodológico

Nesse contexto, nossa pesquisa foi construída tendo como base os pressupostos da Pesquisa-Intervenção (PI). Em texto publicado no livro que reúne estudos do PPGP-UFC, Miranda et al. (2020) traz as contribuições desta proposta de pesquisa participativa, que busca conhecer, de forma dinâmica, uma determinada realidade, exercendo um caráter de intervenção política e social. Segundo as autoras, o foco desta abordagem é o processo de construção de conhecimento através da transformação da realidade a ser investigada, posicionando num mesmo plano sujeito e objeto do conhecimento, bem como teoria e prática. Na obra citada, as autoras discutem a experiência obtida através da pesquisa guarda-chuva da qual este estudo faz parte, citada na introdução e a qual aprofundaremos posteriormente, através de uma análise do processo de construção coletiva com os jovens secundaristas, em que estes elaboraram desde o planejamento e execução de suas pesquisas, até a divulgação de suas análises. Esta experiência de troca entre estudantes universitários, de diferentes níveis acadêmicos com os estudantes do segundo ano do ensino médio foi de suma importância para identificarmos a necessidade de problematização acerca da vivência do processo de finalização do período escolar, considerando os atravessamentos vividos no contexto do cotidiano da escola pública.

Assim, a pesquisa-intervenção atua com a proposta de dissolver, no campo da ciência, práticas que se proponham à neutralidade e verdade absoluta. Maurente (2014) trata o estudo nesta área como um processo, no qual pesquisadores, sujeitos, instituições e conhecimento atuam de forma coengendrada. Ainda segundo a autora:

No campo da pesquisa-intervenção, a busca pela desnaturalização de práticas que produzem sofrimento se organiza a partir de estratégias que visam a invenção de problemas. Situações que se fazem invisíveis pela sua regularidade em um contexto institucional precisam encontrar vias de expressão e análise. (MAURENTE, 2014, p 113)

Seguindo este olhar desnaturalizador, nos propusemos a problematizar o campo da orientação profissional para além da escolha em si, mas enxergando todo o processo em que os jovens estão inseridos no momento de finalização da fase escolar, levando em consideração os aspectos socioeconômicos que atravessam tal escolha, as pressões impostas pela família, escola, amigos e os próprios jovens que, conforme traremos ao longo desse estudo, comumente relatam sentimentos de ansiedade, demonstrando o prejuízo para a saúde mental destes, além de considerarmos os atravessamentos da própria rotina estudantil, dos exames vestibulares, o modo de encarar a inserção no mercado de trabalho e o preconceito com as escolhas de profissões não universitárias.

A proposta da PI radicaliza a ideia de neutralidade científica, afirmando o lugar do pesquisador sempre como implicado (SANTOS e BARONE, 2007). A própria temática desse estudo nos fez pensar, muitas vezes, sobre os nossos próprios processos de escolha profissional. Afinal, um dia, cada um de nós, em alguma circunstância particular, atravessou este percurso. Ou além, muitos de nós estávamos ainda atravessando, visto que a escolha profissional, como já apontado por autores como Savickas (1995) e Super (1980), não pode ser assimilada como algo focal, mas sim como consequência de um processo que acontece ao longo de nossas vidas.

Em nossa prática estávamos o tempo todo em contato com as implicações surgidas durante o processo, como quando em um dos encontros falávamos com os jovens secundaristas sobre como definir o objeto de suas pesquisas, e nos sentíamos intimamente implicados com nossas próprias pesquisas, em que muitos de nós também apresentava dificuldade em definirmos nossos próprios objetos. Foi interessante podermos problematizar os efeitos da nossa presença naquele espaço e, do mesmo modo, observar como aquilo

reverberava em nós mesmos. “Estar implicado (realizar ou aceitar a análise de minhas próprias implicações) é, ao fim de tudo, admitir que eu sou objetivado por aquilo que pretendo objetivar: fenômenos, acontecimentos, grupos, ideias etc.” (LOURAU, 1977, p. 88 *apud* AGUIAR e ROCHA, 2007, p 656).

A condição de estarmos imersos no território escolar, convivendo com os/as jovens, dividindo seus espaços de rotina, estudo, lazer e afeto, nos aproximando de suas histórias, interagindo, compartilhando até de suas linguagens e formas de se expressar, através de grupos via aplicativo de mensagens, através do qual mantínhamos uma comunicação leve e, muitas vezes, divertida através de troca de figurinhas⁶, nos trouxeram uma rica e importante vivência sobre o ato mútuo e imbricado de pesquisar e intervir.

Conforme discutido por Romagnoli (2014) a produção de conhecimento e a atuação/intervenção são indissociáveis. Para a autora, os pesquisadores deste campo possuem em comum “a perseguição da complexidade, a postura crítica, o combate ao reducionismo, a busca da desnaturalização e, sobretudo, uma grande preocupação com a transformação dos campos em que estão inseridos” (ROMAGNOLI, 2014, p. 46). Tal preocupação sempre esteve atravessando nossa prática, visto que além de seguirmos o planejamento que havíamos realizado para o Projeto, também ouvíamos e buscávamos nos adaptar ao contexto que, porventura, se modificava durante o processo.

No Brasil, autoras como Marisa Rocha e Kátia Aguiar (2007) e Adriana Marcondes Machado (2014) são grandes referências ao trazerem importantes problematizações acerca da pesquisa-intervenção no campo das práticas “psi” em territórios educacionais. Já nos países de língua inglesa, a Critical Participatory Action Research (CPAR), que recebe grandes influências dos movimentos latino-americanos, tais como a educação popular de Paulo Freire e a teoria da libertação de Martín-Baró, busca problematizar o lugar de sujeito-pesquisado, lançando a proposta de que todo o processo da pesquisa seja construído de forma coletiva: “pesquisadores da Universidade trabalham ao lado de pesquisadores da comunidade no desenho, coleta de dados, análise e divulgação” (SANDWICK et al., 2018, p. 3 *apud* MIRANDA et al., 2020, p. 267). Ambas, tanto a PI, desenvolvida no Brasil, como a CPAR, de acordo com Miranda et al. (2020) não se

⁶ Foram criados dois grupos no contraturno escolar para o trabalho com os jovens secundaristas. Para cada turma, utilizávamos um grupo no aplicativo Whatsapp, que possui a função de troca de figurinhas, que consiste em desenhos, fotos ou imagens, que podem ser de cunho divertido. Tais figurinhas podem ser criadas por algum membro do grupo ou compartilhadas de outros grupos.

estabelecem enquanto metodologia a ser aplicada, mas sim como um campo epistemológico, ético e metodológico da pesquisa.

A pesquisa-intervenção nos proporciona observar mudanças no campo de atuação, do mesmo modo que participamos e vivenciamos o momento no qual estas acontecem. Desta maneira, os objetivos da pesquisa são alcançados com o desenvolvimento do processo que, muitas vezes, é atravessado pela própria singularidade e vivacidade do meio, bem como pela permeabilidade das relações. Para Lavor Filho (2020) a PI nos auxilia na problematização e desnaturalização de práticas enrijecidas. O autor aponta que intervir não significa objetivar, mas construir possibilidades coletivas de análises que sejam realizadas de forma compartilhada entre pesquisadores, sujeitos e a instituição.

A proposta do PesquisarCOM, também no campo da pesquisa-intervenção, nos mostra que o pesquisador deve estar atento ao que “interessa ao outro, abrir mão das classificações, dos saberes antecipados tanto sobre o que é e deve ser o lugar do pesquisador quanto por relação ao que é e deve ser o lugar do pesquisado” (Moraes, 2014, p. 134) Esta proposta, segundo a autora, diz respeito ao desfazer e refazer de fronteiras, que é possível através do engajamento dia-a-dia, com a problematização do que emerge, e das narrativas que fazemos do nosso trabalho de campo.

Dessa forma, buscando retratar de maneira mais próxima possível a experiência vivenciada, durante o processo de escrita dessa dissertação, trabalharemos com trechos dos diálogos entre os jovens secundaristas e os pesquisadores acadêmicos, bem como com trechos dos diários de campo dos estudantes universitários e escolares, além de exposição de imagens dos encontros, do espaço escolar e dos materiais produzidos durante o processo. Todos os encontros foram filmados e gravados em áudio⁷, e a este respeito, além das ações de autorização ética necessárias, como Termo de Assentimento e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com devidas autorizações de uso de imagem, também discutimos com os jovens sobre o uso da câmera em nossos grupos, pois imaginávamos que, para alguns poderia causar algum desconforto. No entanto, mesmo que nos minutos iniciais dos primeiros encontros os jovens até percebessem a câmera ali, no decorrer do tempo que passávamos juntos, aquele objeto parecia despercebido, e nenhum incômodo nos foi relatado ou percebido. Miranda (2014, p. 80), acerca de suas experiências realizando pesquisas em que utiliza deste dispositivo, relata “nunca o pensei como registro, como representação da cena enunciativa da

⁷ Os encontros estão relacionados ao curso de extensão “Formação de jovens pesquisadores do cotidiano escolar”, dispositivo de pesquisa que será apresentado no tópico 2.4.

pesquisa. Discuto-o, antes, como um documento, e como tal o seu uso se coloca como construção socialmente datada e marcada pelo encontro pesquisador-campo”. Acerca do conceito de dispositivo, alinhando às ideias da pesquisa-intervenção, contextualizando no cotidiano no qual se inserem as pesquisas comumente desenvolvidas pela autora, e que essa dissertação também se encaixa, temos que:

Pesquisar com os jovens, problematizar a nossa implicação, trabalhar com grupos, saber que nossa intervenção atua na micropolítica do cotidiano da escola, buscar transformação...Seja na Análise Institucional ou na Cartografia, o conceito de dispositivo coloca-se como estratégia de intervenção utilizada pelo pesquisador para gerar acontecimento. (MIRANDA, 2014, p. 84)

Figura 1 - Grupo de pesquisadores acadêmicos e secundaristas em um dos encontros semanais



Fonte: Acervo do grupo de pesquisa.

Nesse sentido, nossa pesquisa foi tecida por muitas mãos e construída sob vários olhares. Segundo o proposto por Appadurai (2006), visando democratizar o ato de pesquisar, considerando-o como além de, apenas, uma produção de ideias originais e novos conhecimentos (como comumente é definida), buscamos tratar a pesquisa como algo simples e profundo. Para o autor, trata-se da capacidade de expandir os horizontes do conhecimento atual em relação a alguma aspiração, objetivo ou tarefa. Nosso objetivo foi potencializá-los como pesquisadores de seus próprios cotidianos⁸. Estivemos ao lado deles nessa construção, tecendo nossas pesquisas, numa relação mútua de troca de experiências e saberes. Para Aguiar e Rocha (2007) o sujeito do conhecimento se produz em meio às práticas sociohistóricas, ou

⁸ Conforme já explicitado, o grupo que habitou a escola MovimentAÇÃO era composto de alunos de graduação e pós-graduação. Estes estudantes apresentavam diferentes enfoques e objetos com seus referidos estudos. O da presente pesquisa por exemplo, se debruçou em problematizar sobre os tensionamentos envolvidos no processo de escolha profissional. Todos trabalhavam em comum, como projeto guarda-chuva, como contorno ético-estético da pesquisa, a discussão dos jovens como pesquisadores de seu próprio cotidiano escolar.

seja, o conhecimento enquanto produção e o sujeito inscrito nesse processo se fazem em condições determinadas, o que torna imprópria qualquer alusão acerca de uma possível neutralidade que nortearia as práticas de pesquisa

3.3 A potência do encontro. De qual escola falamos?

É interessante e muito significativa a forma como nos encontramos com nosso campo. Como dito na introdução deste trabalho, chamaremos aqui de Escola MovimentAÇÃO o local em que construímos nossa pesquisa. Após visitas em algumas outras instituições e termos nos deparado com uma série de dificuldades, que ressalto aqui serem conhecidamente comuns e possíveis quando nos propomos a pesquisar em instituições com rotinas já tão bem estruturadas, em que existem muitas cobranças com relação ao desempenho e em torno da eficiência, sentimos que não seria tão fácil adentrar àquele ambiente atendendo às necessidades da escola e as nossas enquanto pesquisadores.

No entanto, em meio às dificuldades, em uma reunião de departamento do curso de psicologia, após a professora e coordenadora do projeto ter apresentado a proposta da Extensão É da nossa Escola que falamos, vinculada à pesquisa “Educação, Modos de Subjetivação” e ao “Curso de Formação de pesquisadores da micropolítica do cotidiano escolar”, o diretor da Escola MovimentAÇÃO, que estava presente na ocasião, demonstrou interesse na ideia e convidou o grupo para um encontro na própria escola, a fim de serem ajustados os detalhes para execução do projeto na instituição. E aí inicia a potência desse encontro: a direção estava em uma reunião do curso de psicologia da UFC, atenta e interessada nos projetos e, após ouvir sobre os objetivos da nossa proposta, nos convidou para iniciarmos esse processo tão rico.

Conforme combinado, estivemos presentes na reunião e nesta ocasião quem recebeu o grupo foram os coordenadores. Estes se mostraram bastante entusiasmados com a proposta, nos levaram para conhecer a escola, apresentaram os projetos desenvolvidos por lá e deram algumas sugestões que poderiam melhorar a adesão dos alunos ao nosso trabalho. Apesar de termos acordado que o curso de extensão “Formação de jovens pesquisadores do cotidiano escolar”, vinculado ao “É da nossa escola que falamos” e à pesquisa “Educação, Modos de Subjetivação e Formação de pesquisadores da micropolítica do cotidiano escolar” iniciaria em 2019, a ideia era já habitar a escola, conhecer minimamente seu cotidiano, já em 2018. Alguns trechos de diários de campo realizados pelos pesquisadores nesse dia retratam:

A coordenadora se mostrou bastante empolgada com a apresentação, inclusive pensou como as nossas atividades se encaixariam no calendário do ano letivo de 2019. Os gestores da escola não pontuaram nenhum empecilho quanto a nossa atuação, atitude que aconteceu nas outras instituições. Pelo contrário, sempre apresentavam soluções e sugestões para a implantação do projeto. (DIÁRIO DE CAMPO DOS PESQUISADORES ACADÊMICOS, 13/11/2018)⁹

Fomos bem recebidos e recepcionados na sala de reuniões da coordenação e com isso, apresentamos a proposta do projeto de extensão e pesquisas. A coordenadora que é professora de história e atualmente ocupa cargo na coordenação é também ex-aluna da instituição, e muito carismática se mostrou receptiva às propostas, além de terem sugerido, também, ideias que viriam a melhor conciliar as atividades do projeto na escola. Isso é um ponto interessante, pois vejo como a possibilidade de ter uma parceria recíproca entre o grupo de extensão e a escola. (DIÁRIO DE CAMPO DOS PESQUISADORES ACADÊMICOS, 13/11/2018)

A Escola MovimentAÇÃO é de ensino médio regular, possui cerca de 2000 alunos, divididos entre os turnos manhã, tarde e noite. Possui uma grande e bem cuidada estrutura física, chamando atenção para um lindo jardim central, bem arborizado, que também contém alguns bancos para utilização dos alunos. Localiza-se em um bairro central de Fortaleza e nas proximidades do Centro de Humanidades tanto da UECE como da UFC. Por isso, a coordenadora relatou que é comum que recebam muitos projetos universitários, mas criticou a ausência de retorno de muitas pesquisas realizadas por outros grupos, tendo a escola servido, apenas, como lócus para coleta de dados.

Reconhecida por seu grande número de aprovações no ENEM e em outros vestibulares, A Escola MovimentAÇÃO sempre traz a frase “a força da escola pública” como representativa de seus resultados. Tais desempenhos fazem com que a escola se torne muito procurada por alunos de vários bairros da cidade e regiões metropolitanas. Além disso, segundo a coordenação, existem alguns alunos que cursam a série regular na escola para terem acesso ao sistema criado pela Lei de cotas para o Ensino Superior nº 12.711/2012 (BRASIL, 2012), mas que possuem condições financeiras de custear um cursinho em escolas particulares, com a ideia de aprimorarem seus estudos. Considerando tais situações, esta instituição se revela como um campo de vasta heterogeneidade. De acordo com a coordenadora da Escola onde construímos nossa pesquisa, existem realidades bem heterogêneas nesse espaço, alunos de diferentes classes socioeconômicas que residem em diversos bairros de Fortaleza: estudante com motorista particular e celular de última geração, enquanto outros vêm de casa sem ter feito uma refeição sequer e que a escola, possivelmente, passa a ser lugar de sustento básico, uma vez que é local onde se estuda, mas também onde

9 O Diário de Campo foi um dos instrumentos metodológicos da pesquisa. Muitas vezes escritos por várias mãos. O uso do diário de campo na presente pesquisa será descrito no tópico 2.6.

sobrevive à fome (DIÁRIO DE CAMPO, 13/11/2018). Há relatos de alunos que fazem cursinhos preparatórios em escolas particulares como forma de complemento, mas que permanecem lá matriculados para poderem concorrer ao SISU dentro das vagas reservadas aos estudantes de escola pública. Além de trabalhar com foco no ENEM, a escola e seus alunos também valorizam muito o vestibular da UECE. Logo nas primeiras visitas do nosso grupo de pesquisa, quando ainda negociávamos nossa participação na instituição, nos deparamos com um grupo de ex-alunos, agora calouros da Universidade Estadual, na secretaria da escola, retornando naquela ocasião, pintados após o trote (que funciona como um ritual de iniciação ao mundo universitário), comemorando e compartilhando aquele momento. Acerca disso, uma das pesquisadoras escreveu em seu diário de campo:

Uma frase está sempre presente: o Colégio MovimentAÇÃO mostra a força da escola pública”. Algo assim... essa frase me faz pensar no esforço ou na “força” que as escolas públicas têm que despender para conseguir tais aprovações, tão comumente atreladas às escolas particulares. Ver uma escola com um nível de aprovação significativo, a coloca em lugar de destaque e, provavelmente, no lugar do desejo de alunos de vários cantos da cidade. O que me faz pensar na quantidade alta de alunos matriculados e o fato de muitos deles virem até de outros municípios para poderem estudar lá. (DIÁRIO DE CAMPO DO PESQUISADORES ACADÊMICOS, 13/11/2018)

FIGURA 2 - Momento de apresentação do pôster dos aprovados aos alunos. Esse pôster fica fixado na entrada da escola.



Fonte: site da Escola MovimentAÇÃO

Diante de toda essa especificidade trazida pela escola localizada em um bairro central de Fortaleza, estando este entre os dez melhores índices de desenvolvimento humano (IDH) da cidade, segundo dados publicados pela prefeitura (FORTALEZA, 2014), perto de duas grandes universidades, com fácil acesso a transporte público e com ruas pavimentadas, refletimos sobre o contexto de uma escola pública reconhecida pelos altos índices de aprovação estar localizada numa área central da cidade e não numa periferia. Fica o questionamento acerca do porquê não serem procuradas, nem tampouco reconhecidas por essa

heterogeneidade, escolas localizadas nas periferias e zonas de alto risco da cidade? E por que as instituições localizadas nesses territórios não tem referência em aprovações? É notório que há um marcador de classe importante atravessando este contexto. Muitos alunos saem de bairros distantes, enfrentam o deslocamento cansativo com, às vezes, mais de um transporte público diariamente para estudar nesta escola específica, com o discurso de que ela aprova no vestibular. De acordo com dados de uma das pesquisas realizadas pelos alunos, 55,6% dos estudantes apontaram que o desgaste maior que sentem em suas rotinas é devido à distância que percorrem até a escola, pois a maioria reside em bairros distantes.

Cada jovem pesquisador participante da pesquisa respondeu a um questionário biosociodemográfico autoaplicável com 17 perguntas e sem identificação. Num total de 36 participantes do curso e com assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), 31 responderam ao questionário. Contamos com a presença de 19 meninas e 12 meninos, a maioria com 16 anos. Destes, 18 se autodeclararam como raça/etnia parda, 7 como brancos e 6 se reconheceram como negros.

Quanto à renda familiar, 11 alunos responderam desconhecer o valor do ganho financeiro da família, 8 afirmaram que a receita seria de dois a três salários, 6 disseram ser mais de três salários e 5 jovens responderam que a renda familiar era de até um salário mínimo, uma pessoa não respondeu. A maior parte deles, 29 alunos, não trabalha, uma atua em um salão de beleza e outra fornece aulas de reforço escolar. Quando perguntados por atividades exercidas no contraturno do horário de aulas, 6 pesquisadores secundaristas responderam que faziam curso e trabalhos (como esta pergunta era aberta, não sabemos ao certo se referiam-se a trabalhos informais ou a atividades da escola).

De acordo com os dados levantados nesse questionário, 30 alunos responderam que irão realizar o ENEM, 1 questionário ficou sem resposta a esta pergunta. Acerca do curso universitário que almejam, 4 disseram não saber e 2 não responderam. As áreas de medicina, psicologia e nutrição foram as mais cogitadas. Os alunos poderiam colocar mais de uma opção de escolha neste item. Dentre as profissões citadas, destaca-se a psicologia, que foi cogitada por 32% dos 25 alunos que afirmaram ter alguma opção de escolha, ficando atrás apenas do curso de medicina (36%). Estes dados nos assinalam para alguns aspectos interessantes, tais como a identificação dos jovens participantes do grupo com a área de psicologia, sendo isso relatado por eles de forma explícita desde o nosso primeiro encontro e a autoestima de boa parte deles com relação a seus potenciais para aprovação no curso de medicina, que hoje exige uma das notas mais altas em todos os vestibulares.

Acerca das expectativas de entrarem na universidade, 41,9% dos jovens apontaram como tendo altas chances de sucesso, enquanto 35,4% dos alunos disseram achar que tinham cerca de 50% de possibilidade de serem aprovados, e 22,5% afirmaram que suas chances de aprovação eram muito altas. Em relação às projeções de alcançarem um emprego que lhes garanta uma boa qualidade de vida, 45,1% dos jovens responderam que acham que existe 50% de chance de isso acontecer, enquanto 38,7% consideram altas estas possibilidades, 12,9% vislumbram como muito altas, e apenas 3,2% dos estudantes consideram baixas as perspectivas de um emprego que lhes forneça qualidade de vida.

Referente à relação dos jovens com a escola, propusemos algumas afirmativas e as respostas foram realizadas conforme o modelo de Escala Likert¹⁰. A seguir, segue tabela com os resultados obtidos:

Quadro 5 – Resultados de algumas perguntas realizadas no questionário biosociodemográfico

Relação dos jovens com a escola	ME SINTO BEM QUANDO ESTOU NA ESCOLA	GOSTO DE IR PARA A ESCOLA	GOSTO DA MAIORIA DOS PROFESSORES	QUERO CONTINUAR NESTA ESCOLA	POSSO CONTAR COM PROFESSORES	POSSO CONTAR COM TÉCNICOS DA ESCOLA	CONFIO NOS COLEGAS
CONCORDO TOTALMENTE	48,3%	54,8%	35,4%	76,6%	33,3%	32,2%	19,3%
CONCORDO UM POUCO	29%	25,8%	29%	16,6%	26,6%	38,7%	45,1%
NEM CONCORDO NEM DISCORDO	9,6%	0	19,3%	3,3%	20%	9,6%	22,5%
DISCORDO UM POUCO	9,6%	16,1%	12,9%	0	20%	19,3%	12,9%
DISCORDO TOTALMENTE	3,2%	3,2%	3,2%	3,3%	0	0	0
NÃO RESPONDERAM	0	0	0	1 estudante	1 estudante	0	0

Fonte: elaborada pela autora

10 Esta escala permite ao pesquisador fornecer ao participante diferentes níveis para analisar as afirmativas propostas. Dessa forma conseguimos observar frequência e a intensidade das respostas, que, em nossa pesquisa, variaram entre 5 níveis, que iam do “concordo totalmente” até o “discordo totalmente”.

A relação entre os jovens integrantes do curso e a escola, em geral, pode ser considerada boa. Na escala exposta acima professores e funcionários foram bem avaliados. A maioria dos estudantes concordaram totalmente que gostam de ir para a escola e que querem permanecer neste espaço. Boa parte também relatou se sentir bem na instituição e demonstrou confiança em poderem contar com professores e técnicos, corroborando com a ideia de que a MovimentAÇÃO é bem vista por muitos alunos, mesmo diante das demandas que os jovens apresentam como dificuldades. Por isso não nos cabe entrar no campo de dualidades, referindo-nos ao espaço como “bom” ou “ruim”, mas sim num lugar de experiências múltiplas e heterogêneas, que é permeado por afetos, lutas, tensionamentos e conquistas.

O questionário nos revelou algumas reflexões bem interessantes, tais como o perfil socioeconômico dos participantes que, dos que sabiam acerca a receita familiar, 40% se enquadraram no ganho entre dois e três salários mínimos, 30% afirmaram ter renda familiar de mais de três salários mínimos e 25% dos que conhecem disseram ser de até 1 salário mínimo. Estes dados denotam que o recorte observado em nossa pesquisa reflete uma característica importante dessa escola pública que, de fato, apresenta perfis heterogêneos. Foi notável que muitos apresentam dúvida quanto à escolha profissional, a maioria colocou mais de um curso como opção, alguns ainda não sabiam. No entanto, por estarem no segundo ano, apesar de já relatarem se sentirem pressionados, estes jovens ainda possuem possibilidades para construir esta escolha. Ainda assim, quase 100% pretende realizar o ENEM. Também foi dado muito relevante o quanto muitos destes alunos se sentem bem no ambiente escolar, fazendo com que a maioria queira permanecer na MovimentAÇÃO.

Uma outra questão que caracteriza a escola é que esta é bem reconhecida por seu papel de engajamento político e social em defesa da educação pública. Um exemplo foi sua participação nos movimentos de ocupação das escolas secundaristas em todo o Brasil, ocorridos no ano de 2016. Além disso, alguns projetos fixos em seu calendário fomentam o envolvimento dos jovens em temáticas sociais, como é o caso da Semana de Consciência Negra, e da Semana de Integração, que em 2018 teve como tema: “Os países da América Latina, suas histórias, políticas e culturas”. No final de 2018 acompanhamos este período como forma de nos inserirmos na micropolítica de seu cotidiano. Durante estes eventos os jovens realizaram várias produções artísticas através de desenhos, danças, fotografias, pinturas etc. O espaço escolar foi tomado pelas criações, que não ficaram presentes apenas durante o período dos eventos. Após o evento, os corredores continuam contando essas histórias através das exposições de cartazes elaborados pelos próprios alunos durante os anos.

Outro ponto muito legal que observei na escola, também algo apresentado pela coordenadora, a paisagem da escola cheia de produções visuais feitas pelos alunos durante o ano letivo me pareceu um engajamento dos alunos presente, algo que ela relatou como protagonismo juvenil, e que eu chamo aqui de implicação com o território escolar. (DIÁRIO DE CAMPO DOS PESQUISADORES ACADÊMICOS, 13/11/2018)

FIGURA 3 - Evento da Semana de Integração



Fonte: Site da Escola MovimentAÇÃO

FIGURA 4 – Quadros confeccionados pelos alunos durante a Semana da Consciência Negra ao lado do cartaz de divulgação do nosso projeto na escola. As produções ficam expostas nas paredes da escola.



Fonte: Arquivo do grupo de pesquisa

3.4 Estruturando a pesquisa. Construindo o processo.

Gostaria de iniciar esse ponto com um aspecto que merece muita importância para a construção desse estudo, e que aqui eu faço questão de enaltecer, que é a riqueza do trabalho coletivo. Para planejamento das atividades e compartilhamento das experiências vivenciadas nos grupos, realizávamos reuniões que aconteciam às quartas-feiras no final da tarde. Todos já haviam vivido dias completos de atividades. Víamos que o dia puxado pesava àquela hora para a maioria que ali estava presente. No entanto, a conexão era certa. Falar sobre os acontecimentos dos grupos, planejar os encontros consecutivos nos revigorava. Quantas reuniões que duraram até mais tarde na sala no LAPSUS, tantas demonstrações de cuidado em simples gestos, como: “Estou descendo para ir à cantina, alguém quer café?”, “Me espera que a gente vai juntas até o carro”, quantas caronas, abraços, sorrisos, tapiocas... Como compartilhamos experiências valiosas naqueles encontros. Nosso grupo, assim como todo o perfil da nossa pesquisa, era heterogêneo. Alunas da graduação nos primeiros e últimos semestres, mestrandos e mestrandas, doutorandos e doutorandas, nossa orientadora e coordenadora do projeto, todos atuando no mesmo plano, construindo uma rede de trocas de valor imensurável.

FIGURA 5 - Equipe de pesquisadores acadêmicos que participou dos encontros com os alunos da Escola MovimentAÇÃO.

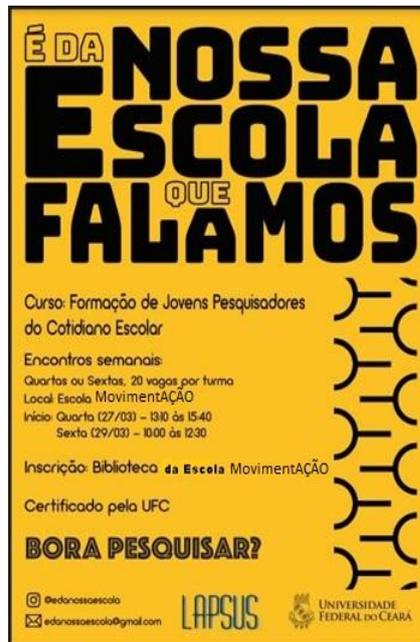


Fonte: Arquivo do grupo de pesquisa

Com toda essa potente rede de sustentação foi criado o curso “Formação de jovens pesquisadores do cotidiano escolar”. Conforme dito anteriormente, este fazia articulação tanto com a pesquisa “Educação, modos de subjetivação e formação de jovens pesquisadores da micropolítica do cotidiano escolar” quanto com o projeto de extensão “É da Nossa Escola que falamos”. De maneira indissociável ensino-pesquisa-extensão, essência da Universidade, estavam conectados, também, com a vivência e os princípios que embasam a PI e CPAR, ambas anteriormente citadas. Para Aguiar e Rocha (2007), dentro do campo das

pesquisas participativas, ao qual estas estão inseridas, as práticas ocorrerem de forma contextualizada é não somente necessário, mas torna-se condição para realização da pesquisa, visto que o cotidiano, dinâmico, traz a análise do presente, nas ações e questões desenvolvidas. Em Rocha e Aguiar (2003) as autoras propõem a utilização de metodologias coletivas, que busquem favorecer as discussões e produções realizadas em conjunto, de forma a fragilizar hierarquias burocráticas, que tendem a fragmentar as práticas cotidianas através da divisão dos profissionais em especialidades, o que gera um consequente isolamento. “A pesquisa-intervenção, por sua ação crítica e implicativa, amplia as condições de um trabalho compartilhado” (Rocha & Aguiar, 2003, p. 71).

FIGURA 6 - Cartaz de divulgação do Curso: Formação de jovens pesquisadores do cotidiano escolar, articulado ao Projeto de Extensão “É da Nossa Escola que Falamos”.



Fonte: Arquivo do grupo de pesquisa

O Curso, cadastrado na Pró Reitoria de Extensão da UFC, teve como objetivo o de fomentar a participação dos jovens estudantes do segundo ano do ensino médio como agentes pesquisadores de seu cotidiano escolar, de modo que os próprios alunos pudessem pensar sobre temas que os mobilizavam a pesquisar, que se relacionassem ao cotidiano escolar. Na ementa continham os seguintes tópicos: A função da escola na contemporaneidade; O direito democrático à pesquisa; o estudante como agente político do cotidiano escolar; O que inquieta os jovens na atualidade; A criação de uma pesquisa feita COM jovens e COM a escola; Como construir um projeto de pesquisa: tema, objeto, objetivos, aporte teórico, metodologia, análise

e resultados e a Criação de um produto de divulgação da pesquisa. É importante salientarmos que, como já habitávamos a escola, o curso foi planejado com sugestões da coordenação.

Do mesmo modo, desde à criação até a aplicação dos instrumentos de pesquisa utilizados para produção dos dados e análise dos resultados, os jovens, junto com a equipe de pesquisadores acadêmicos que os guiavam e incentivavam na prática de pesquisar, tiveram autonomia. Pensamos juntos com os estudantes e a equipe gestora da escola estratégias de divulgação dos resultados, a fim de desenvolvermos estratégias coletivas de ação com a instituição com base no que encontramos das pesquisas. Um ponto interessante a ser analisado é que a gestão sugeriu que trabalhássemos com os alunos do segundo ano do ensino médio, visto que os jovens do primeiro ano teriam pouco tempo de vivência na escola (o curso estava previsto para o primeiro semestre) e o terceiro ano já entraria na rotina preparatória para o ENEM e demais vestibulares. Ou seja, não poderiam se envolver com nenhuma outra atividade que lhes “retirassem o foco”.

Foi construído um potente ambiente de escuta, troca e compartilhamento de situações inerentes a esse cotidiano. Dessa forma, buscamos com o Curso projetar uma atitude reflexiva, possibilitando questionamentos e transformações das relações entre estes estudantes e as práticas vivenciadas no espaço escolar, incentivando-os a experienciarem a pesquisa de forma concreta, refletindo acerca da função social da escola na contemporaneidade.

A fim de alcançarmos e atendermos tanto os alunos que estudavam no turno da manhã, como os que estudavam à tarde, ofertamos duas turmas que funcionaram no contra turno dos estudantes. A proposta e os objetivos, obviamente, foram os mesmos para todos os estudantes. No entanto o ritmo e formato que cada grupo foi adquirindo foi singular. As turmas aconteciam nas quartas-feiras à tarde, para os alunos que tinham aula de manhã e na sexta-feira de manhã, para os estudantes do turno da tarde. A escola oferecia almoço para os participantes de ambos os grupos, o que era uma excelente colaboração para viabilizar a participação dos jovens no Curso, já que estes estendiam em mais duas horas e meia seu tempo de estadia na escola, e muitos não tinham condições de custear uma alimentação extra que os sustentassem durante esse período.

Ofertamos 40 vagas no total, sendo vinte para cada turno. Todas foram preenchidas e formou-se uma pequena lista de espera. No decorrer do curso alguns alunos desistiram e outros entraram. No entanto, nos preocupamos em não inserirmos nenhum novo estudante no momento em que percebemos que, com o tempo já decorrido, este já teria tido

perdas importantes em termos de reflexões com relação ao processo de pesquisar. Assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) 36 estudantes, sendo que 30 foram até o final e obtiveram o certificado. O que consideramos um excelente número, tendo em vista ser essa experiência algo novo dentro da escola e bem diferente de outras propostas que muitos tinham vivenciado.

Sobre as particularidades de cada grupo, foi muito interessante perceber como cada construção foi única e particular, surgida através do encontro entre os pesquisadores acadêmicos e secundaristas. Miranda et al. (2016), relatando outra experiência de pesquisa em instituições escolares, nos traz que a pesquisa-intervenção é o entrelaçamento heterogêneo entre pesquisadores-jovens-instituição escolar que produz e constrói a investigação. Cabendo-nos sempre analisar as condições da pesquisa em seu âmbito processual. Dessa forma, sempre que íamos compartilhar nossas vivências das atividades dos grupos, partíamos dessa singularidade. Sabíamos que, a mesma atividade proposta, o mesmo cronograma planejado para ambas as equipes, sempre seriam vivenciados de maneira particular.

Como exemplo de funcionamentos diferentes de cada turno, o grupo que foi realizado na quarta-feira à tarde tinha a particularidade de já iniciar com todos os jovens já estando na escola, pois eram oriundos do turno da manhã e ficavam para o almoço. Muitas vezes, antes do horário marcado para início das atividades, já tinham participantes esperando para entrar na sala onde ocorriam os encontros. Já a turma da manhã, que só tinha aula à tarde, ia de casa para o Curso. Dessa forma, tivemos que lidar com alguns atrasos, contratempos devido aos transportes públicos, chuvas, etc. por diversas vezes. Além do contato semanal com cada turma, formamos um grupo para no aplicativo *Whatsapp* para cada turma, onde podíamos trocar ideias, tirar dúvidas e nos comunicar durante a semana. Era comum alguns membros do grupo da sexta de manhã nos comunicar do atraso através deste recurso.

O planejamento para os encontros foi realizado previamente de forma geral, a fim de fornecer a nós e a quem apresentávamos o projeto certo direcionamento sobre o passo-a-passo que iríamos percorrer para alcançarmos nossos objetivos. No entanto, sabíamos que a vivência da rotina e a rica troca de experiências que iríamos ter nos proporcionaria durante o decorrer do processo várias mudanças. E assim aconteceu. Foram nove encontros do curso, com duração de duas horas e meia cada um, mais um encontro de preparação para a

divulgação das pesquisas para os professores diretores de turma (PDT'S)¹¹, a reunião de divulgação para os PDT'S e a divulgação dos resultados para os alunos representantes de turma, totalizando doze encontros.

Dividimos inicialmente o curso, pretendendo trabalhar as temáticas de acordo com o exposto a seguir:

- 1º - Discussão sobre as bases epistemológicas, éticas e políticas de uma pesquisa na escola;
- 2º: O direito à pesquisa e as relações de poder na escola;
- 3º- Pesquisar COM: O estudante como pesquisador de seu próprio cotidiano;
- 4º: Criação coletiva do objeto de pesquisa e objetivos;
- 5º: Criação dos instrumentos de investigação de pesquisa;
- 6º: Aplicação do instrumento gerado na comunidade escolar;
- 7º: Análise coletiva dos dados;
- 8º: Análise coletiva dos dados;
- 9º: Divulgação dos resultados com a comunidade escolar.

No entanto, no decorrer dos encontros, algumas modificações foram sendo realizadas de acordo com o tempo, ritmo de cada grupo e com as necessidades que foram surgindo. Tudo foi feito de coerente com o contexto que vivenciávamos. Nosso grupo de pesquisadores acadêmicos se reunia semanalmente para compartilhar, avaliar e discutir os momentos que haviam acontecido, além de planejar os que viriam. Todos os encontros tiveram vídeo e/ou áudio gravados com prévia autorização de todos os participantes e seus responsáveis através de assinatura de TCLE (termo de consentimento livre e esclarecido) e de Termos de Assentimento assinados pelos responsáveis dos estudantes com idades inferiores a 18 anos.

11 Vigente desde 2008, o projeto propõe que o professor, independentemente de sua área de conhecimento, responsabilize-se por uma determinada turma, cabendo-lhe conhecer os estudantes individualmente, para atendê-los em suas necessidades. Além disso, são atribuições do professor diretor de turma (PDT) a mediação das relações entre a sua turma e os demais segmentos da comunidade escolar, bem como o trabalho de formação cidadã e desenvolvimento de competências socioemocionais, junto aos seus estudantes. (CEARÁ, 2008)

3.5 A implicação com o cotidiano escolar. As temáticas de interesse dos jovens pesquisadores são construídas

A proposta que os jovens pesquisassem sobre o tema que mais os interessava dentro do contexto do cotidiano escolar carregava a ideia de serem trazidas para pautas de discussão e de desenvolvimento de ações as inquietações contemporâneas frutos da própria dinâmica escolar. Foram suscitados vários temas de interesse dos estudantes. Ao adentrarmos no espaço escolar e por saber que se tratava de uma instituição de ensino médio, desconfiávamos que assuntos relacionados ao vestibular, escolha profissional, ENEM... poderiam surgir como temas de interesse dos/das secundaristas. No meu caso, na verdade, naturalmente implicada com o processo, eu torcia para que surgissem falas em torno desta temática. Para Paulon (2005) a PI não explica o acontecimento pelo estado de coisas que o suscita, mas pelo momento, que a autora caracteriza como uma “espontaneidade rebelde” (PAULON, 2005, p. 21). A pesquisadora complementa que

É ao afirmar esta escolha ética que aquele “sentido da ação” antes visto como um planejamento conjunto de uma ação transformadora assume mais a conotação de uma intervenção voltada para a produção de acontecimentos. Intervenção que carrega em sua etimologia não só o sentido de uma intromissão violenta, como se naturalizou compreendê-la, mas no resgate de um *Interventio* que contempla a idéia de um “vir entre”, “interpor-se” (ARDOÍNO, 1987 apud PAULON, 2005, p. 21).

Por um lado, tentava estar atenta, buscava rastrear e acompanhar ideias de pesquisas relacionadas ao processo de escolha profissional de jovens estudantes do ensino público, que sempre foi meu interesse desde à entrada no PPGP-UFC, por outro, eu estava disposta e aberta a outros atravessamentos nesta relação educação-trabalho que poderiam advir. Para Paulon (2005, p. 21) “Ao operar no plano dos acontecimentos, a intervenção deve guardar sempre a possibilidade do ineditismo da experiência humana, e o pesquisador a disposição para acompanhá-la e surpreender-se com ela”. E foi exatamente o que aconteceu, o inédito para mim, o objeto visto através de um novo prisma.

Primeiramente, solicitamos que eles escrevessem como tempestade de ideias os temas que tinham interesse de pesquisar, que achassem interessante e lhes causassem curiosidade. O único delineamento colocado pela equipe de pesquisa oriunda da Universidade era que seria preciso que as pesquisas dos jovens secundaristas tivessem alguma relação com a vida escolar. A turma de quarta-feira (encontros aconteciam no turno da tarde) trouxe,

primeiramente, uma vastidão de temas, que iam além do contexto do cotidiano escolar, sendo necessária uma segunda orientação por parte dos pesquisadores acadêmicos, para que os jovens pensassem as temáticas mais voltadas para este âmbito. Neste grupo, eles iniciaram elencando setenta temas de interesse e, após a orientação para relacionar as temáticas ao cotidiano estudantil, quarenta e seis ideias seguiram como sendo interessantes. Dentre estas estavam: timidez e dificuldade em novas amizades; ansiedade; pressão sofrida principalmente por alunos de ensino médio em achar uma profissão e conseguir entrar na faculdade; pressão psicológica para passar nas universidades; intolerância dos professores; assédio; cota social e racial; pressão de escolher um curso e ter que entrar numa faculdade; como o horário escolar contribui para ansiedade; preparação física e mental rumo à universidade; ansiedade para receber a aprovação numa boa universidade; bullying e os problemas psicológicos causados; preconceito a religiões e culturas; a pressão causada pelos professores e pais (familiares); desinteresse nos estudos por conta de muita atividades escolares; como relações podem ser afetadas por ideologias contrárias?; influência dos relacionamentos (familiares, amorosos, etc) no rendimento escolar...dentre outros.

É interessante já apontarmos a grande quantidade de temas que se relacionam ao vestibular, que abordam questões relacionadas à saúde mental, tais como: ansiedade; pressão sofrida principalmente por alunos de ensino médio em achar uma profissão e conseguir entrar na faculdade; pressão psicológica para passar nas universidades; intolerância dos professores; cota social e racial; pressão de escolher um curso e ter que entrar numa faculdade; como o horário escolar contribui para ansiedade; preparação física e mental rumo à universidade; ansiedade para receber a aprovação numa boa universidade; a pressão causada pelos professores e pais (familiares); desinteresse nos estudos por conta de muita atividades escolares; a necessidade de aprovação; o grande cansaço, tanto psicológico quanto físico, na escola; precariedade nas escolas públicas, onde os alunos são vistos pelo nosso governo como “seres desprezíveis”, tendo que viver em situações desagradáveis no âmbito escolar. Apesar desses problemas, ressaltar a força e a resistência de mesmo com tudo isso querer e continuar estudando, e tendo em mente visar algo melhor, como uma universidade. O protagonismo desta temática no momento de tempestade de ideias já nos anunciava o quanto estas questões são relevantes para os jovens secundaristas pesquisadores de seu próprio cotidiano escolar.

O grupo de sexta-feira (encontros aconteciam no turno da manhã), ao ser solicitado que realizasse a mesma tempestade de ideias acerca das temáticas que teria interesse de pesquisar, já elencou assuntos relacionados ao cotidiano escolar. Cinquenta e três

temas foram trazidos, dentre estes estavam: depressão em estudantes da rede pública; sexo na adolescência; ansiedade, depressão e distúrbios de imagem e alimentares; ansiedade do jovem em entrar na universidade; baixa confiança em si mesmo para o futuro; profissão; relação professor e aluno; diferentes modos de aprendizado; ansiedade no ensino médio; qual a carreira (faculdade) pretendida?; qual a opinião das pessoas sobre depressão, ansiedade, aborto e DST's; suicídio; bullying dentro e fora da escola; distúrbios psicológicos desencadeiam a vida de um jovem?; a falta de comunicação entre pais e filhos; preconceito; a forma como cada um dos jovens lida com problemas, coisas que podem ser fáceis de superar para alguns e difíceis para outros e o tabu da diferença do pensamento, a dificuldade que temos em ter mais de um ponto de vista; falar sobre o que leva uma pessoa a ter depressão, ansiedade. Escutar o outro; falar sobre o nosso dia a dia, dos jovens especialmente...dentre outros.

O grupo da sexta também nos trouxe uma quantidade considerável de temas que lhes interessavam pesquisar, que são atravessados pela questão da escolha profissional e finalização do período escolar, tais como: ansiedade do jovem em entrar na universidade; baixa confiança em si mesmo para o futuro; profissão; pressão da sociedade em estudantes; ansiedade no ensino médio; qual a carreira (faculdade) pretendida?; organização dos horários (rotina estudantil); pressão da família no quesito ser alguém/se formar logo/ter um bom emprego; profissões que os jovens querem na faculdade. Alguns pontos nos chamaram bastante atenção acerca das temáticas elencadas pelos jovens pesquisadores. O primeiro deles é que muitos tópicos se relacionam à ideia de saúde mental. No decorrer do processo da pesquisa, várias falas dos alunos traziam o sentimento de desmotivação e autoestima prejudicada, por se sentirem avaliados e qualificados pela nota do ENEM, ou por sua classificação no simulado da escola. Diziam-se cansados e desesperançosos com relação ao futuro quando não conseguiam alcançar boas notas, como se esse tipo de avaliação fosse o único parâmetro possível para medir o sucesso profissional futuro.

Sibilia (2012) discute esta ideia de empenho individual e o fenômeno da autoajuda, referindo-se de forma crítica à ideia do 'autoajudar-se' como de aprender sem precisar recorrer à instituição, atribuindo somente ao sujeito a responsabilidade pelo seu sucesso ou fracasso. Muitas discussões sobre ansiedade, depressão, suicídio, autoestima surgiram, e pensamos que tais colocações são contextualizadas com o lugar que a psicologia é colocada por esses alunos e, numa visão mais ampliada, pela própria escola.

Quando adentramos na Instituição, o diretor, após ouvir a proposta que levamos sobre o curso e a pesquisa de formar jovens pesquisadores do seu próprio cotidiano escolar, nos questionou: “Onde está a psicologia?”, certamente replicando uma construção social acerca do saber psi, relacionada à ideia de cura, de utilização de técnicas direcionadas a “consertar” o problema, a “sanar os desvios”. O fato de muitos alunos trazerem como temas de interesse para pesquisarem junto conosco assuntos voltados para a ideia de saúde mental, representa um lugar que acham que ocupamos, ou que querem que ocupemos.

Acerca disso, Zanella e Molon (2007) retratam o fazer psicológico em contextos escolares brasileiros para além das ferramentas e conceitos. Para as autoras durante toda a prática profissional da psicologia enquanto profissão, suas intervenções foram marcadas pela manutenção da ordem escolar imposta pelas instituições, buscando ajustamento de desviantes. Dessa maneira, predominaram-se, obviamente, as demandas apresentadas a estes profissionais que fossem relacionadas aos alunos ditos com “problemas de aprendizagem”, cabendo ao psicólogo a intervenção, avaliação e diagnóstico. De acordo com Vicentin (2007, p. 175) (referindo-se à cultura manicomial), mas que acredito caber muito bem à esta discussão, não há como alterar a cultura “sem dessegregar os profissionais, sem desinstitucionalizar os especialismos, a fragmentação de saberes e sem colocar em análise a relação dos profissionais com seu objeto de trabalho”. Portanto:

Nas escolas pulsam vidas que clamam por espaços de escuta e vazão para que possam eclodir. Pulsam desejos, recolhidos e abafados em razão das normas e ameaças de punição frequentes, que podem contribuir para a transformação daquele lugar que aprisiona em lugar de invenção. Práticas psi podem ser grandes parceiras nesse movimento se atentas estiverem ao que ali pulsa, às possibilidades de criação e (re)invenção dos espaços, das regras, das formas de ser, de falar e silenciar que, acolhidas e desnaturalizadas, podem vir a ser transformadas, assim como os modos de ser e estar ali cristalizados. (ZANELLA & MOLON, 2007, p. 264)

É decerto que a psicologia atua num papel de promoção de saúde. Para Contini (2000) este conceito compreende uma visão sistêmica e ampliada, considerando saúde para além dos limites da ausência de doença, e sim ligada a vários aspectos relacionados à vida do sujeito, tais como trabalho, educação, moradia, lazer, etc. O equilíbrio desses segmentos da vida cotidiana forma, segundo a autora, o grande mosaico da saúde humana. E acerca disso, quando recebemos tantas demandas advindas dos jovens e gestores escolares em torno das “patologias psis”, é interessante que reflitamos qual será o lugar da psicologia escolar que estamos, enquanto classe, reproduzindo?

A inserção social do trabalho do psicólogo, dentro do foco educativo e de promoção de saúde, tem demonstrado, na sua concretude, uma crescente preocupação com as questões ligadas à Cidadania, Estado de Direito, Exclusão Social e Escolar, enfim, passando a entender que não existe uma ação “neutra” e que toda ação é sempre mediada pelas questões éticas e políticas. Com isso, é necessário que o profissional compreenda cada vez mais que tais determinações encontram-se inseridas no contexto contraditório das relações sociais, em que a Educação é um importante mediador destas práticas sociais. (COTINI, 2000, p. 48)

No entanto, para mim, diante do que já havia construído como interesse de pesquisa, o ponto de maior relevância, e que também impulsionou o direcionamento desse estudo, foi o elevado interesse que os jovens pesquisadores apresentaram em investigar acerca de assuntos relacionados ao processo de escolha profissional. Muitas questões relativas ao vestibular, à pressão para entrada no mercado de trabalho, além dos altos níveis de estresse e ansiedade relatados durante a rotina estudantil, em busca de resultados acadêmicos. Como os estudantes participantes do curso estavam no segundo ano do ensino médio, existia já a expectativa de que no ano seguinte suas vidas mudariam por completo, visto que a rotina de um aluno do terceiro ano era conhecida como extremamente puxada, estressante e com muitas abdições, com dúvidas acerca de qual caminho seguiriam após a escola, ou se conseguiriam alcançar o tão sonhado sucesso profissional. A seguir, relato um trecho transcrito de um dos encontros, durante um diálogo entre uma pesquisadora acadêmica e uma pesquisadora secundarista, quando discutíamos sobre as hipóteses e possíveis justificativas para existirem tantos alunos se dizendo ansiosos, estressados e mencionando mal-estar durante esse momento da fase escolar:

PESQUISADORA ACADÊMICA: Por que essas coisas tão acontecendo? Por que que vocês acham que estão acontecendo? É pressão da escola, é problema familiar, é escolha em relação ao futuro? Assim, a gente tá falando das hipóteses. Por que vocês acham?

PESQUISADORA SECUNDARISTA: acho que de tudo um pouco, porque querendo ou não, você tem muita pressão sobre você sobre o futuro, será que eu vou conseguir ser o que eu quero? será que eu vou conseguir passar em uma universidade? será que eu vou conseguir me dar bem naquilo que eu escolhi fazer? eu acho que é mais isso assim. (TRANSCRIÇÃO DO 4º ENCONTRO - TURMA SEXTA-FEIRA – 03/05/19)¹²

12 Todos os doze encontros realizados com as duas turmas de estudantes, foram gravados em vídeo e, posteriormente, transcritos.

Inicialmente, com a tempestade de ideias, lidamos com uma vastidão de temas, que, durante os encontros, fomos trabalhando o recorte das linhas de interesse, aperfeiçoando as perguntas de partida, as justificativas. Usamos atividades como esquetes, produção de desenhos e colagens, a fim de construirmos junto com os jovens secundaristas o delineamento de suas pesquisas. Seguindo a proposta, sete equipes se formaram, com base em seus interesses de temas de pesquisas. Estas se intitularam como: “O hoje afetando o amanhã”; “Como as opiniões antagônicas afetam a relação dos estudantes, podendo resultar no preconceito”; “A pressão pré-vestibular”; “A saúde mental dos jovens”; “Como quebrar os padrões sociais?”; “Construindo meu eu na vida escolar”; “O desgaste de um adolescente durante a sua vida acadêmica”. Das sete equipes construídas, duas: “A pressão pré-vestibular” e “Desgaste de um adolescente em sua vida acadêmica” tinham seus temas relacionados, diretamente, aos tensionamentos vivenciados na rotina dos alunos e alunas, relacionados ao vestibular, à escolha profissional e à finalização do período escolar.

Em uma das atividades realizadas com o grupo de sexta-feira, propusemos aos alunos que saíssemos da sala e que todos eles escolhessem um mesmo lugar para observar e posteriormente retratar através de desenho. A ideia era demonstrar a multiplicidade de olhares e individualidade naquilo que enxergamos, além da importância do ponto de vista do observador. Os jovens se dirigiram até o pátio central, lugar bem agradável e arborizado, e escolheram retratar uma enorme árvore que tem por lá. Ficaram durante dez minutos observando o mesmo cenário. Ao voltarmos para a sala, pedimos que cada equipe construísse sua representação da cena.

FIGURA 7 - Atividade de observação da árvore no pátio central da Escola MovimentAÇÃO



Fonte: Arquivo do grupo de pesquisa

FIGURA 8 - Atividade de observação da árvore no pátio central da Escola MovimentAÇÃO



Fonte: Arquivo do grupo de pesquisa

Relato a seguir algumas reflexões que surgiram durante esse encontro acerca das interpretações que cada um trouxe diante do mesmo cenário proposto:

PESQUISADORA SECUNDARISTA T: Tipo, a gente é o primeiro grupo, né, do tabu [tema da pesquisa – racismo e preconceitos em geral], e a gente fez árvore, mas baseado no que significa para mim, e para eles dois (outros membros do grupo). Por exemplo, para mim significa... para mim eu vi a imagem de aceitação, porque ela tá lá desde que a ‘Escola MovimentAÇÃO é MovimentAÇÃO’, e tudo já aconteceu ao redor, ao redor dela, e ela continua lá. Eu acho que é assim que as pessoas deveriam ser, tipo, não julgar. Tipo, ela tá lá, já viu de tudo, escutou de tudo, e continua lá. Não machuca ninguém, fica só na dela. É isso.

PESQUISADOR SECUNDARISTA R: Eu gosto muito daquela frase que é assim, ó: o simples é idêntico ao complexo. Assim, mesmo que o desenho não esteja tão bonito, e essas coisas, mas significa muito mais para a gente. Tipo, a árvore eu lembrei da minha avó, e eu ela falava que quando ela morresse ela queria ser um baobá. Daí, tipo, eu liguei isso. Daí, eu imaginava tipo isso, tipo eu acho que eu tinha uns cinco anos de idade, daí eu imaginava assim: ah, quando eu morrer também eu quero ser um baobá do lado da minha avó. Tipo, parece meio, sei lá, estranho, é porque eu era uma criança. Mas, tipo, eu lembrei disso. É isso.

PESQUISADORA SECUNDARISTA A: Bom, a gente fez nossa árvore toda colorida, né? ... A Escola ‘MovimentAÇÃO’ é uma escola de ensino médio, e a árvore tá presente em todos os processos pelo qual a gente passa, do primeiro ano até o terceiro ano. E a gente fez meio que, tipo, nas partes que compõem a árvore todos esses processos. Tipo, na raiz, que é a adaptação escolar, que é quando você vem de uma outra escola para se adaptar a um novo mundo, novas pessoas. O caule, todo aquele processo que você talvez já no segundo ano, já é... Tipo, aquela matéria acumulada do ‘Professor X’ que faz parte (risadas), a ansiedade, a relação professor e aluno, e as relações amorosas (risadas). É... Os galhos eu acho que significa meio que o terceiro ano, né? Tipo, aquela pressão social e de si mesmo, né? O vestibular, as profissões. E os frutos, as questões das conquistas, aquela saúde mental, do qual você tem, assim, aquela sensação quando você conquista o que você quer, e vê que tudo que você passou teve um propósito, e teve algo que refletiu em você de bom. E é isso.

PESQUISADORA SECUNDARISTA S: A árvore também ela é, tipo assim, ela é uma caminhada, né? E é um objetivo que todos nós temos, ou que a maioria tem, que é de sair daqui não só com uma formação acadêmica, mas com uma formação como pessoa, com um caráter construído, com o caráter formado. E, enfim, nós enfrentamos muitas coisas até chegar, né, nos tais frutos. E acho que é isso.

(TRANSCRIÇÃO DO 3º ENCONTRO – GRUPO SEXTA-FEIRA – 12/04/19,
Grifo nosso)

FIGURA 9 - Momento de apresentação dos desenhos das árvores feitas pelas equipes



Fonte: Arquivo do grupo de pesquisa

FIGURA 10 - Momentos de apresentação dos desenhos das árvores feitas pelas equipes



Fonte: Arquivo do grupo de pesquisa

Muitas reflexões interessantes surgiram dessa atividade, e os jovens demonstraram bastante engajamento com a criação e apresentação da proposta. Ao falarem sobre a árvore, que eles tanto apreciam, e por isso a escolha para a observação, realizavam uma espécie de “treinamento” do olhar de pesquisador. Olhar para a árvore, localizada num lindo pátio central, e que representa um dos símbolos da escola, mas dessa vez com um olhar diferente, atento, minucioso, possibilitou que alguns alunos e alunas atentassem para a relação daquele espaço com sua vida escolar, com a rotina, o cotidiano estudantil e a própria trajetória até a finalização do período escolar e conseqüente escolha profissional, caracterizada pelo vestibular.

Posteriormente a esse momento perguntamos como eles poderiam relacionar aquela atividade ao processo de pesquisa. Os alunos se colocaram de forma bastante assertiva. Uma aluna opinou que o pesquisador precisava ter esse “olhar além”; que nenhuma verdade seria absoluta e que cada um tem um olhar diferente sobre a mesma coisa. Conversamos, também, sobre eles terem precisado realizar apenas um desenho que representasse o olhar de todos da equipe. Os alunos disseram não terem tido dificuldade para ouvirem uns aos outros e realizarem a atividade. (DIÁRIO DE CAMPO DOS PESQUISADORES ACADÊMICOS, 12/04/2019)

Durante todo o curso foi interessante observar o quanto eles gostavam de momentos que envolvessem artes e criações mais dinâmicas. Nós, equipe de pesquisadores acadêmicos, pudemos construir junto aos estudantes a ideia de pesquisa que embasa nossa prática, trazendo pontos fundamentais que norteiam o desenvolvimento da pesquisa-intervenção. De acordo com o descrito por Rocha e Aguiar (2003, p. 71) são aspectos centrais desse estilo de pesquisa “a mudança de parâmetros de investigação no que tange à neutralidade e à objetividade do pesquisador, (...) a produção concomitante do sujeito e do objeto, (...), o questionamento dos especialismos instituídos, ampliando as análises do nível psicológico ao microssocial, e a ênfase na análise da implicação (...)”. Acerca disso, relato a seguir algumas reflexões trazidas pela equipe de pesquisadores acadêmicos:

PESQUISADORA ACADÊMICA E: Ah. Gente, tem tanta discussão legal para puxar daí, né? A gente puxou o que cada um sentiu, o que o grupo sentiu. Vocês já falaram muito bem qual seria nossa intenção com essa atividade [referindo-se à atividade de observação da árvore.]. Vocês mataram aí a charada e pegaram bem direitinho, né? Agora, vamos lá, o que é que isso tem a ver exatamente com pesquisa? Se a nossa intenção aqui é pesquisar o cotidiano escolar, e falar sobre isso, o que é que essa atividade tem a ver com o ato de pesquisar?

PESQUISADORA SECUNDARISTA A: Observação.

PESQUISADORA SECUNDARISTA G: Mostrar as diferenças nas pessoas. Porque, observando bem, cada um tentou colocar um pouco o que realmente achava que era. Então cada cartolina dessa saiu diferente, e mostrou que... é, é a mesma árvore, mas ela mostrou várias coisas diferentes para cada grupo.

PESQUISADORA SECUNDARISTA S: Acho que tem muito de pesquisa. É mais sobre você saber o que você tá pesquisando, é você saber lidar com cada tipo diferente de opinião, de pessoa, de lugar. É você entender o que você tá pesquisando, respeitar aquilo e pesquisar de forma certa, de forma coerente com o seu ponto de vista, ou com o ponto de vista do colega que tá no seu grupo, que vai pesquisar com você. Enfim, é isso.

PESQUISADORA ACADÊMICA E: Sim. Até porque, gente, vocês vão pesquisar temas que vocês veem todos os dias, que vocês se apropriam todos, que vocês conhecem, assim como essa árvore. Mas cada um conhece, se apropria do tema de uma maneira diferente, assim como a gente viu aqui. Então todo mundo vai pesquisar coisas que, tipo assim, vocês colocaram temas que: ah, eu sei que aqui na escola pode ter isso, pode ter gente que pense sobre isso, que tenha algumas questões emocionais. Todo mundo conhece isso. Vocês colocaram porque vocês conhecem, e querem conhecer mais. Porém, cada um vai partir de um ponto

diferente, certo? Entender isso, saber lidar com isso, vai ser muito importante, assim como foi na árvore. A árvore de vocês ficou linda. Isso já nos dá sabe o quê? A prévia de como vão sair as pesquisas de vocês. Porque olha que coisa linda, que coisa diversa, né? Como foi rica essa atividade para a gente também entender e já ver mais ou menos... Olha o que vocês são capazes de fazer aqui. De uma coisa que aparentemente era simples: vocês foram lá embaixo, passaram dez minutos olhando para uma árvore, que vocês já conheciam, já tinham visto várias vezes, porque vocês estudam aqui, e olha o que saiu disso aqui. Olha tanta coisa diferente e legal, né?

PESQUISADORA ACADÊMICA L: Gente, e outra coisa legal para a gente pensar a respeito da pesquisa, é o quê? Pesquisar, da maneira que a gente tá propondo para vocês a pesquisa, não é a gente retratar de forma fria, de forma distante, como se existisse essa distância, entre a gente e uma informação ou uma construção de dados que a gente quer fazer. Vocês veem que vocês poderiam ter falado da... Retratado a árvore de uma forma altamente objetiva: gente, essa é a árvore, esses são os galhos, essas são as folhas, aqui é o tronco, aqui temos, como vocês podem ver, a terra, e num sei o que. Bancos do lado. E pronto. Isso seria, digamos assim, a maneira que vocês, algum grupo, alguma pessoa teria escolhido para falar. Mas vocês colocaram também algo da história de vocês, vocês colocaram algo particular do olhar de vocês. Vocês fizeram de uma simples, simples entre aspas, de uma simples árvore, alguma história, uma narrativa, que fale da importância para vocês. E a pesquisa, ela não precisa ser fria, ela não precisa ser gelada desse jeito que a gente tá falando. Porque quando a gente escolhe falar de saúde mental, a gente escolhe por uma razão. Não necessariamente porque eu tenha vivenciado a depressão, mas porque isso me toca de alguma maneira. Então, vocês entendem que até o tema que vocês querem escolher falam alguma coisa de vocês? Não no sentido de que vocês viveram isso diretamente ou não, mas que isso me toca enquanto alguma coisa que é importante para mim. Então, você pesquisar também diz respeito a você encontrar algo além daquilo que se vê, certo? Não é só você ver dados quando você... Vamos supor, fazemos uma pesquisa aqui na escola sobre quantos alunos já tiveram depressão. Não é só um número que vocês vão ter encontrado. Vamos supor, de 2000 alunos... É mais ou menos isso que tem, gente?

Algum pesquisador secundarista: 2100.

PESQUISADORA ACADÊMICA L: 2100! Então, de 2100 alunos, 800 tiveram depressão em algum momento da vida. Isso é só um número, gente?

Grupo: Não.

PESQUISADORA ACADÊMICA L: Será que isso diz alguma coisa das pessoas, do momento de vida, do contexto que a gente tá inserido? Eu tô falando de depressão, mas pode ser outra coisa. Relação com os pais, história de violência doméstica, abuso, pode ser...

PESQUISADORA SECUNDARISTA A: Pode ter respeito até com o século, né?

PESQUISADORA ACADÊMICA L: Isso. O que é que tem a ver... O que é que esse número representa? 800 é só 400 mais 400? 100 vezes 8? É só uma questão numérica? Ou será que esse número, esse galho dessa árvore, é mais do que o galho de uma árvore? Então, é isso que a gente quer passar. Exercitar o olhar de vocês para ver algo além. E de saber que eu posso tá produzindo a mesma coisa que você. O grupo que vai falar de saúde mental talvez traga um olhar de um tema parecido com o grupo que vai falar sobre psicoemocional na escola. Mas cada um vai poder falar e apontar o mesmo de uma maneira diferente, porque a gente também leva um pouco da nossa bagagem nas coisas que a gente quer falar. Então, assim, gente, na verdade isso é um exercício que a gente faz de olhar. Esse é um exercício de olhar, de pensar. E que a gente tá começando a construir uma postura, uma conduta de pesquisador. Entender que a gente não tá totalmente distante daquilo que a gente quer pesquisar, e que a gente não vai fazer uma coisa fria nesse sentido. Vocês captaram um pouco? (TRANSCRIÇÃO DO 3º ENCONTRO – GRUPO SEXTA-FEIRA – 12/04/19)

O trecho acima descrito não fala apenas da mobilização de pesquisadores secundaristas acerca das pesquisas em que estavam imersos, mas também evoca a própria análise de implicação dos/das pesquisadoras/res oriundos da Universidade. Falar da importância da pesquisa afetada pelas suas próprias condições, abordar a importância da discussão qualitativa diz respeito de como o grupo via a sua própria relação com o campo. O diálogo acima evoca a noção de “implicar-se para conhecer” trazida por Paulon (2005, p. 22). Para a autora, a aproximação com o campo sempre vai incluir a constante análise do impacto que as cenas observadas e vividas terão sobre a história do pesquisador.

FIGURA 11 - Momentos de apresentação dos desenhos das árvores feitos pelas equipes



Fonte: Arquivo do grupo de pesquisa

FIGURA 12 - Momentos de apresentação dos desenhos das árvores feitos pelas equipes



Fonte: Arquivo do grupo de pesquisa

À medida que as equipes iam se aproximando de suas temáticas, mais reconhecíamos o engajamento e a apropriação que assumiam diante dos assuntos. Logo me chamou atenção os grupos que se propuseram pesquisar sobre os atravessamentos em torno do vestibular, escolha profissional, cotidiano dos alunos do terceiro ano do ensino médio e as

questões relacionadas ao futuro após finalização da fase escolar. Dentre as sete equipes formadas, apesar de a maioria suscitar algumas reflexões sobre futuro profissional, rotina de estudos, etc., duas focaram suas pesquisas mais especificamente neste âmbito. Foram estas: “Pressão pré-vestibular”, equipe formada no grupo da manhã, e “O desgaste de um adolescente durante a sua vida acadêmica”, composta pelos alunos do grupo da tarde.

O grupo intitulado “O desgaste de um adolescente durante sua vida acadêmica”, iniciou a pesquisa pensando nas seguintes temáticas: Cotas sociais e raciais; Pressão dos alunos por vagas na faculdade; Como conviver em grupo; Disfunção do aproveitamento escolar por problemas externos; Bullying e os problemas psicológicos causados; Como saber lidar com as diferenças na escola; Cansaço tanto psicológico quanto físico na escola; Incapacidade da escola com os estudantes até a sua faculdade; Como a rotina do mundo atual contribui para a aparição de distúrbios psicológicos; Ansiedade (Ansiedade dos jovens no 3º ano; aprovação em uma boa universidade; Como o horário escolar contribui para ansiedade); Pressão sofrida em alunos em achar uma profissão e conseguir entrar na faculdade. Após várias trocas e encaixes entre a própria equipe, eles afunilaram mais ainda suas temáticas: Estudantes que trabalham; Condições financeiras dos estudantes; Pressão para ser aprovado em uma universidade; Desânimo ao se comparar ou ser comparado com outros alunos. Posteriormente, construíram o tema: O desgaste de um adolescente em sua vida acadêmica, e trouxeram como justificativa de suas pesquisas, o seguinte trecho:

É inegável que os desgastes dos estudantes na sua vida acadêmica abrangem boa parte dos alunos do ‘MovimentAÇÃO’ e podem acabar gerando problemas, entre eles, psicológicos (DIÁRIO DE CAMPO DOS PESQUISADORES SECUNDARISTAS¹³, 2019)

Como pergunta de partida, questionam: Como a pressão para entrar na universidade desgasta os alunos? Tiveram como público-alvo para a pesquisa: alunos do de duas turmas do terceiro ano do ensino médio.

A equipe intitulada “Pressão Pré-vestibular”, composta por três membros, começou pensando nas seguintes temáticas: A ansiedade do jovem em entrar na universidade; Baixa confiança em si mesmo para o futuro; Profissão; Profissões que os jovens querem na faculdade; Pressão da família no quesito ser alguém/se formar logo/ter um bom emprego;

13 A utilização do diário de campo construído pelos/pelas secundaristas será debatido no item 2.6.

Como os pontos de vista diferentes influenciam em um discurso, odioso ou não, afetando a auto estima do próximo, podendo levar a problemas psicológicos gerando pensamentos suicidas; O tabu da diferença de pensamento, a dificuldade que temos em ter mais de um ponto de vista; Como o discurso, odioso ou não, do outro afeta a sua vida; Auto estima; Suicídio; Como ser ou pensar diferente afeta suas emoções; Bullying; Inclusão social; Preconceito; Depressão; Autocontrole; O conceito e definição de inteligência; Autoconhecimento; Pressão; A opinião de terceiros e como abstrair críticas negativas. Um ponto interessante nesse grupo foi que uma das integrantes utilizou o caderno, diário de campo da equipe, para escrever várias reflexões relacionadas a sua história. Como citado por Ribeiro et al. (2016, p. 87) “o diário de campo é uma ferramenta que possibilita registrar como o meio nos afeta quase no mesmo momento, in loco”.

Cresci pensando que era burra. Na escola não me identifiquei com nenhuma matéria, não tinha uma que eu pudesse dizer que era boa. Não sabia o conceito de inteligência, para mim ser inteligente era se destacar em alguma disciplina. Demorou um tempo, fui me conhecendo, me questionando e finalmente eu me achei em um campo bem afastado de disciplina escolar. Notei que nasci para me comunicar com pessoas, hoje eu considero uma inteligência. Posso dizer que me encontrei. Autoconhecimento. (DIÁRIO DE CAMPO DOS PESQUISADORES SECUNDARISTAS, 16/04/19)

Os pensamentos que essa jovem traz nos coloca à tona uma questão muito comum nas escolas de modo geral, que é a valorização dos alunos de acordo com suas notas. Muitas vezes não havendo espaço para outras habilidades além das matérias do currículo, ou algum questionamento acerca do porquê aquele sujeito estar apresentando dificuldades. A reflexão dessa aluna é um importante analisador, visto que ela narra um acontecimento, segundo Paulon (2005, p. 24) “revelador das contradições de uma época...a partir de uma análise de decomposição do que aparecia até então como uma totalidade homogênea (uma verdade instituída), desvelar o caráter fragmentário, parcial e polifônico de toda realidade”.

O grupo “Pré-vestibular” foi, então, dando forma ao seu objeto e formularam a seguinte pergunta de partida: Como a escola pode ajudar a lidar com o sofrimento psicológico ocasionado com a pressão do vestibular?

Todas os grupos utilizaram como instrumento para coleta de dados formulários elaborados através da plataforma *Google Forms*. “Pressão pré-vestibular”, que tinha como pergunta de partida: “Como a escola pode ajudar a lidar com o sofrimento psicológico ocasionado com a pressão para ser aprovado no vestibular?”, conseguiu o total de 33 respostas

e “O desgaste de um adolescente durante a sua vida acadêmica”, que levantava a seguinte pergunta de partida: “como a pressão para entrar na universidade desgasta o aluno?”, obteve 27 alunos que responderam. Ambas as equipes destinaram seus formulários apenas aos estudantes do terceiro ano do ensino médio.

Conforme havíamos planejado, os alunos puderam expor suas pesquisas em dois momentos distintos. Um primeiro em uma reunião com todos os professores diretores de turma (PDT’S), quando levaram seus cartazes com os dados mais relevantes de seus estudos. Nesta ocasião, foi importante colocarmos, enquanto grupo de pesquisadores acadêmicos, algo que também havíamos construído com os estudantes no transcorrer do curso: estávamos ali para enunciar, não para denunciar, como dito por Lourau (2004). E foi muito interessante observar o engajamento da maioria dos docentes, o que reafirma o compromisso da escola com os projetos desenvolvidos pelos e com os alunos. Foi possível que houvesse um diálogo entre os jovens e seus professores, o que nem sempre é tão corriqueiro.

Neste dia, alguns dos jovens pesquisadores demonstravam estar um pouco ansiosos com a situação de exposição, ao qual não estavam acostumados. No entanto, nada que ultrapassasse os níveis esperados diante de uma ocasião nova em que o corpo, certamente, responderia. Houve um encontro anterior à reunião, apenas para preparação deste momento. Chegado o dia da apresentação, os alunos apresentaram suas pesquisas e os professores diretores de turma, coordenadores e diretor da escola ouviram atentamente, fizeram comentários e refletiram sobre os dados ali compartilhados. O grupo de docentes, pesquisadores universitários e alguns secundaristas permaneceram no encontro até as 21h30min, pontuaram acerca de relatos trazidos nas pesquisas, que já estavam tendo suas práticas repensadas, como, por exemplo, a utilização do relógio de contagem regressiva para o ENEM, que colocam na entrada da escola, e que apesar de alguns alunos enxergarem como algo motivador, outros encaram com extrema ansiedade¹⁴.

14 Estes dados serão discutidos no Capítulo 3.

FIGURA 13 - Equipe de pesquisadores universitários, alguns pesquisadores secundaristas, diretor, coordenadores e alguns professores



Fonte: Arquivo do grupo de pesquisa

FIGURA 14 - Momento de apresentação e troca acerca da nossa experiência da escola.



Fonte: Arquivo do grupo de pesquisa

O outro momento de divulgação dos resultados das pesquisas foi com os alunos representantes de turma. Para esta ocasião, pensamos em algo menos formal e sugerimos que eles utilizassem a criatividade para sensibilizar os demais jovens acerca das problemáticas que ali seriam discutidas. Cada grupo montou sua estratégia, e todas as ideias ficaram muito atrativas. Encenação, música e fanzine fizeram parte desse dia, que além de contar com a contribuição de vários estudantes de outras turmas, que nem conheciam o projeto, também marcou a finalização de um lindo processo, com a entrega dos certificados de conclusão do curso.

FIGURA 15 - Momento de apresentação artística para alunos representantes de turma



Fonte: Arquivo do grupo de pesquisa

FIGURA 16 - Momento de apresentação do projeto para alunos representantes de turma



Fonte: Arquivo do grupo de pesquisa

FIGURA 17 - Momento de apresentação do projeto para alunos representantes de turma



Fonte: Arquivo do grupo de pesquisa

FIGURA 18 - Momento de entrega dos certificados para ambos os grupos de pesquisadores secundaristas



Fonte: Arquivo do grupo de pesquisa

Nesta ocasião os alunos pareciam mais tranquilos, junto a seus pares. Os representantes de turma participaram ativamente das apresentações e se mostraram engajados e interessados nos dados das pesquisas, já que muitos deles tinham respondido a alguns dos questionários. A análise deste momento será melhor exposta no capítulo posterior. Neste dia, como dito, houve, também, a entrega dos certificados de conclusão do Curso “Formação de Jovens Pesquisadores do Cotidiano Escolar”, um momento que marcou a finalização desse período tão rico para todos nós. Sem dúvida estávamos modificados. Eu, ali, havia modificado uma concepção de mundo, havia refeito um trabalho todo, redesenhado todo meu projeto de pesquisa, havia expandido meu olhar. A produção coletiva me fez abandonar um campo de pensamento individualizado e naturalizado e me fez enxergar um território múltiplo, onde eu pude compartilhar saberes, multiplicar hipóteses e questionar certas crenças que sustentam os fazeres (MARCONDES, 2007).

FIGURA 19 - Grupo “Pressão pré-vestibular” recebendo seu certificado



Fonte: Arquivo do grupo de pesquisa

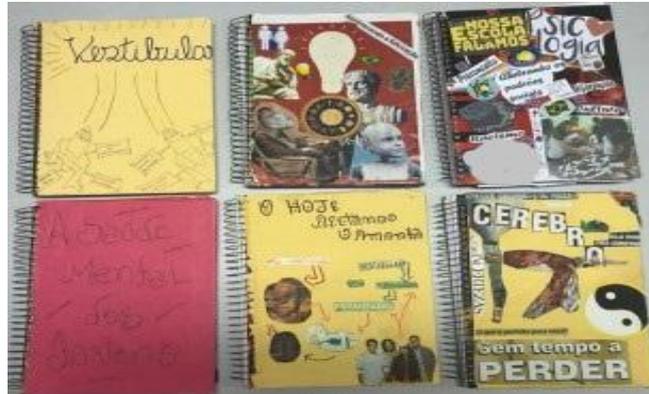
3.6 Ferramentas da pesquisa. Organizando as construções

Como instrumento de registro e compartilhamento de informações e ideias, utilizamos o diário de campo, ratificando o exposto por Medrado, Spink e Mélo (2014, p. 278), “O diário, como afirmamos, é um atuante: com ele e nele a pesquisa começa a ter certa fluidez, à medida que o pesquisador dialoga com esse diário, construindo relatos, dúvidas, impressões que produzem o que nominamos de pesquisa”. Partindo dessa ideia, os estudantes sentiam maior apropriação sobre seus estudos à medida que se aproximavam de seus objetos de pesquisa. Esta ferramenta foi utilizada tanto com os jovens secundaristas, como, também, internamente, entre a equipe de pesquisadores acadêmicos. Tínhamos a cada encontro a escrita de diários coletivos, produzidos no drive, em que um deflagrava a descrição do encontro e o que o mobilizou, e os demais complementavam, num rodízio semanal. Tal recurso possibilitou uma construção coletiva acerca das impressões, sentimentos e vivências durante o processo. Através da leitura dos relatos dos demais companheiros de pesquisa, pudemos ampliar nossos olhares, avaliar nossas práticas e nos sentirmos próximos, mesmo nos encontros em que não estivemos presentes. “Esses relatos não se baseiam em opiniões, interpretações ou análises objetivas, mas buscam, sobretudo, captar e descrever aquilo que se dá no plano intensivo das forças e dos afetos” (BARROS & KASTRUP, 2014, p.70).

Para os secundaristas, entregamos cadernos novos, com folhas em branco, e explicamos a proposta da escrita do diário. Incentivamos que eles customizassem e se utilizassem de fotos, desenhos, músicas, reportagens, ou qualquer outro recurso que

considerassem relevante para seus temas de pesquisa. A ideia era a de aproximar os jovens de suas pesquisas, criando contornos para seus objetos de análise.

FIGURA 20 - Cadernos customizados pelas equipes



Fonte: Arquivo do grupo de pesquisa

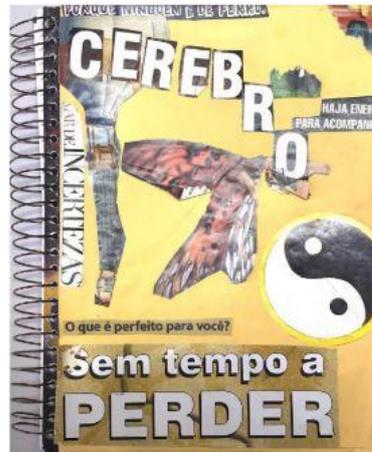
FIGURA 21 - Caderno da equipe “Desgaste de um adolescente em sua vida acadêmica”.



Fonte: Arquivo do grupo de pesquisa

Analisando a capa confeccionada pela equipe, vemos dois foguetes, cada um com seu caminho a percorrer até chegar ao “Vestibular”. Os foguetes, geralmente são relacionados a avanço, que voam para o alto, à subida... No entanto, os desenhos aí representados carregam algumas características que dificultam a impulsão desses foguetes. São estas: complexo de inferioridade; expectativas; pressão psicológica; pressão social e cansaço; baixa autoestima e trabalho. Características que os alunos citam como sendo dificultadoras durante o período pré-vestibular.

FIGURA 22 - Caderno da equipe “Pressão pré-vestibular”



Fonte: Arquivo do grupo de pesquisa

Nessa capa os alunos deram destaque à frase “sem tempo a perder”, que muito diz sobre o período que vivenciam quando chegam ao terceiro ano e o relógio começa a marcar a contagem regressiva, quando não mais é permitido participar de qualquer projeto para não “perder o foco”, quando não se fala mais em outra coisa... Outras palavras e frases coladas na customização foram: “Cérebro”; “Haja energia para acompanhar”; “Porque ninguém é de ferro”; “O que é perfeito para você?” e “Mar de incertezas”, além de uma gravura de um homem subindo num balão, uma borboleta e do símbolo *Yin-Yang*, que, explicando de forma genérica, é originário da cultura chinesa, e representa um par de forças opostas e complementares. Todas as imagens vão ao encontro das inquietações que esses jovens do segundo ano já relatavam e antecipavam que iriam vivenciar quando chegassem ao terceiro ano, pois acompanhavam de perto os colegas que já estavam nesta série. Dessa forma, relacionavam esta fase a todos estes sentimentos aí mencionados.

Todos os encontros foram filmados, tiveram seus áudios gravados e foram, posteriormente, transcritos, a fim de facilitar nossa análise, deixar-nos mais próximos do que foi relatado em cada contato com os jovens, acessarmos o que foi falado em momentos em que não estávamos, ou até mesmo situações que no instante em que acontecem são recebidas de uma forma, e depois, analisando em contexto, conseguimos ter uma visão mais ampliada de sentido. "Analisar o discurso seria dar conta exatamente disso: de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão ‘vivas’ nos discursos" (FISCHER, 2001, P.199).

Diante de tantas construções realizadas, nos deparamos com uma infinita riqueza de material para ser trabalhado. Foram 771 páginas transcritas, resultado de um trabalho em grupo primoroso. Com o objetivo de sistematizar, facilitar e organizar tantas informações, nos

utilizamos no programa Atlas.ti. Este consiste num software para análise de dados qualitativos. É importante salientar que todas as inferências e encaixes realizados em determinadas categorias são de responsabilidade do pesquisador, que irá utilizar seus fundamentos teóricos para realizar sua análise. (SILVA JUNIOR & LEÃO, 2018).

Nossa primeira etapa de divisão desse extenso material foi separar os trechos transcritos de acordo com as temáticas que o nosso grupo tinha intenção de aproveitar os dados para trabalhar. Sendo assim, surgiram quatro grandes categorias para divisão do material. Foram estas: M(P)aternidade e Gênero e Sexualidade; Preconceitos, tensionamentos políticos e cidadania; Pesquisa em psicologia e formação de pesquisadores; Tensão pré-vestibular e escolha profissional. As demais temáticas estão relacionadas a um Trabalho de conclusão de curso (TCC), uma tese de doutorado e outra dissertação de mestrado.

Assim, direcionamos todos os trechos relevantes das nossas 771 páginas de transcrições para as categorias mais adequadas. Portanto, independente do grupo, tudo que atravessasse o tema vestibular, as dificuldades encontradas no cotidiano estudantil relacionadas a esse período de finalização da fase escolar, podendo haver articulações com família, escola, amigos, relatos em relação à escolha profissional e aos desdobramentos disso na saúde mental dos jovens, era encaminhado para “Tensão pré-vestibular e escolha profissional”.

Após os devidos encaminhamentos, formamos grupos para iniciarmos a análise mais minuciosa de cada categoria. As equipes foram construídas com base no interesse de pesquisa dos estudantes. Fiquei com o grupo “Tensão pré-vestibular e escolha profissional”, junto de mais quatro alunos e alunas da graduação e pós-graduação. O programa Atlas.Ti gerou para nossa categoria, um relatório de 88 páginas, com base na primeira divisão realizada.

O *corpus* incluía as transcrições de todos os encontros, diário de campo da equipe oriunda da UFC e diário de campo dos alunos. Deste *corpus*, a maioria dos trechos destinados à nossa categoria era oriunda dos grupos “Desgaste de um adolescente em sua vida acadêmica” e “Pressão pré-vestibular”, mas também foram consideradas falas e observações de outras equipes produzidas na dinâmica do curso e que tratavam da temática. Assim, apesar das referidas equipes terem tematizado aspectos relacionados a nosso objeto de análise, qual seja os tensionamentos referentes ao processo de escolha profissional, nosso banco de dados

foi formado por uma dispersão discursiva quanto a sua origem. Não nos interessa tanto quem falou, mas o que foi dito sobre a temática do presente estudo.

A fim de melhor organizarmos e definirmos os encaminhamentos que daríamos ao material, considerando alguns marcadores que foram frequentes nos discursos dos jovens e refletindo quais análises possíveis poderiam surgir com base no que havíamos vivenciado na experiência na escola, construímos, em grupo, a seguinte subdivisão do nosso tema:

- Saúde mental e escolha profissional: trechos relativos aos sentimentos gerados em torno das temáticas de vestibular, profissão e/ou a vida pós-escola. Falas que abordem ansiedade, medo, dúvida, pressão e quaisquer outros afetos positivos (rede de apoio) ou negativos que girem em torno desses aspectos;
- Mundo do trabalho: trechos que se refiram às profissões e ao mercado de trabalho, não necessariamente que se relacionem a um curso universitário, mas, de forma mais ampla e objetiva, trabalhar e estudar ao mesmo tempo que se refiram às possibilidades profissionais e ocupacionais (cuidar de casa, lavar louça, etc.) e os tensionamentos em torno disso;
- Rotina escolar e Exames: trechos relacionados à rotina escolar, podendo ter relação com a organização e tempo de estudo fora da escola. Referências aos exames vestibulares (ENEM, UECE, IFCE...), às provas e aos trabalhos escolares, estratégia e formato das provas, ao desempenho atingido nessas avaliações (ranking) e aos sentimentos e às impressões objetivas e subjetivas vinculados a estes pontos especificamente;
- Escola e escolha profissional: trechos que falem sobre a influência da Escola na escolha profissional dos alunos; menção sobre projetos, aulas e outras atividades escolares realizadas no sentido de preparar ou direcionar o aluno para a escolha profissional;
- Preconceito e escolha profissional: trechos relacionados à diferença de tratamento para alunos que querem “curso x” ou “curso y”, ou ainda entre alunos que querem e os que não querem prestar vestibular; fragmentos relacionados à valorização ou desvalorização de determinadas áreas de atuação e formas de trabalho; Preconceito vindo dos professores, coordenação, direção, colegas, família;
- Família e escolha profissional: referência à influência da família na escolha profissional dos alunos; Menção a qualquer tipo de pressão, apoio ou outros aspectos levantados que se relacionem à família;

- Aspectos socioeconômicos e escolha profissional: referências às situações e discussões em que o aspecto socioeconômico seja colocado como importante dentro do processo de escolha profissional. Trechos que se refiram às dificuldades e/ou facilidades geradas pela condição financeira. Menções à heterogeneidade da Escola com relação ao nível socioeconômico dos alunos.

Interessante observar que, após realizada a subdivisão, o número de páginas que tínhamos aumentou de 88 para 104, visto que muitos trechos foram duplicados em mais de uma subcategoria, reafirmando o caráter metodológico desta divisão, sem esquecermos da fluidez com que os temas se entrelaçam.

3.7 MovimentAÇÕES na pesquisa e na pesquisadora

Paulon (2005), nos convida a pensar na análise de implicação como um processo de “implicar-se para conhecer” (2005, p. 22). E foi através deste movimento que eu que eu fui capaz de enxergar as possibilidades de mudanças para meu objeto de estudo. Iniciei a trajetória com uma ideia engessada, limitada de “transposição”. Pensava em trabalhar a escolha profissional na escola pública da mesma forma que trabalhei inúmeras vezes nas instituições particulares. Sim, eu imaginava que seria diferente, cogitava a possibilidade de as opções de cursos universitários serem distintas, que, possivelmente, os jovens não se sentiriam seguros em realizar escolhas por determinados cursos mais concorridos, devido à insegurança de não serem aprovados, sabia que as realidades eram divergentes. No entanto, o mais longe que consegui pensar acerca das diferenças que encontraria nesses contextos, nada se equiparou a vivência que eu experimentei.

No primeiro dia que fui à escola, que vi o mural dos aprovados na entrada, as camisas de alguns alunos com frases “a força da escola pública”...senti uma sensação estranhamente familiar. E digo familiar porque vivi muito tempo da minha prática profissional em instituições particulares em que os muros eram cobertos de cartazes de aprovações, rankings, listas, números, concorrências, etc. E os alunos também estampavam slogans em suas camisas com frases de apoio. Mas era estranho viver aquilo dentro de uma escola pública, ou melhor, dentro da minha concepção do que seria uma escola pública. À medida que ia adentrando ao espaço, outras preconcepções iam se desfazendo: o lugar era lindo, tinha um enorme jardim, uma árvore que me parecia centenária, as paredes eram repletas de

criações dos próprios alunos...Mas calma aí... Qual escola pública eu esperava encontrar ali? Qual o meu pré-conceito?

O curso, a pesquisa guarda-chuva (da qual essa pesquisa de mestrado faz parte) e o projeto de extensão foram se desenvolvendo e alguns analisadores iam surgindo. “Os analisadores seriam acontecimentos – no sentido daquilo que produz rupturas, que catalisa fluxos, que produz análise, que decompõe. Eles assinalam as múltiplas relações que compõem o campo tanto em seu nível de intervenção quanto em seu nível de análise” (PASSOS & BARROS, 200, p. 73). Se antes eu pensava em pesquisar e reproduzir uma prática de orientação profissional, visando apenas orientar os jovens na escolha de qual curso universitário, ou qual profissão seguir, corroborando com a maioria os estudos que já existem no Brasil, como vimos, hoje enxergo a potencialidade do pesquisarCOM e construirCOM.

Nesse ir e vir, desse processo de reconstrução, percebemos que algumas categorias, anteriormente subdivididas, se sobrepõem, considerando a fluidez com que essas práticas se enunciam. No entanto, considere importante deixá-las na construção deste texto, pois elas fazem parte e ainda compõem o que de principal atravessou nossa pesquisa. No entanto, após nova análise, decidimos reorganizar as subdivisões buscando organizar para melhor explanar os analisadores e a vastidão de dados que possuímos, mas sempre com a noção clara do engendramento existente entre as práticas escolares e todos estes.

Dessa maneira, surgiram como analisadores os próprios tensionamentos da micropolítica do cotidiano escolar, sendo estes os tensionamentos referentes às relações familiares, os relativos às condições socioeconômicos, os tensionamentos oriundos da própria rotina escolar e os que são frutos da relação dos jovens consigo. Assim, pretendemos no próximo capítulo problematizar acerca das construções relativas ao próprio cotidiano escolar dos estudantes, o sentimento de pressão vivenciado durante essa fase e que se relaciona com as incertezas do futuro após finalização do terceiro ano, as dúvidas acerca da inserção no mercado de trabalho, bem como as práticas escolares engendradas para atender ao modo de funcionamento do sistema de vestibulares, tendo como principal foco o ENEM, a relação com a ida para universidade, as possibilidades de outras trajetórias profissionais e o preconceito gerado em torno dessa não escolha pela ensino superior, as relações familiares que atravessam a história desses jovens, os aspectos socioeconômicos que contextualizam esta experiência de vida. Tudo isso circunscrito numa conjuntura social, política, temporal, com referências e influências características da contemporaneidade.

Estão em alta as pautas relacionadas ao futuro profissional dos jovens, em como estes devem se inserir no mercado de trabalho, em quantas oportunidades estão sendo criadas, o quanto podem e precisam ser fazedores de seus futuros, os discursos e incentivos ao empreendedorismo e a noção de autoajuda. Alguns programas governamentais, investimentos em torno da educação profissional, mas pouco se fala sobre o processo. E aqui reforço alguns questionamentos realizados ao longo desse texto: Como os jovens da escola pública estão assimilando todas essas informações? Como estão lidando com tantas “oportunidades criadas”? Como enxergam suas possibilidades de escolha? Como os aspectos socioeconômicos influenciam sobre tais opções? Como se desdobram as práticas institucionais em torno desta temática no cotidiano? Como a escola pública tem se portado e como os jovens tem sentido tal influência acerca do vestibular e escolha profissional? Para além da escolha em si e busca por respostas de quais profissões os jovens seguirão, nossa proposta é problematizar acerca dos tensionamentos que atravessam o cotidiano desses estudantes.

4 TENSIONAMENTOS DA MICROPOLÍTICA DO COTIDIANO ESCOLAR

Diante do que nos foi enunciado durante o processo de pesquisar COM os jovens secundaristas, compreendemos que habitávamos uma escola pública, de população heterogênea, e analisamos que esta instituição ocupa um território que opera como um importante marcador social, como apontado no capítulo anterior. Esta escola nos mostrou em suas práticas cotidianas muitas ações voltadas para o adentro dos estudantes nos campos universitários, fazendo-nos comparar tais modos com os comumente empregados pelas grandes escolas particulares, que na busca incansável por número de alunos aprovados e numa disputa por *rankings* de melhores resultados, acabam por reduzir o processo de escolha profissional, o marco de finalização da fase escolar e o início de uma nova etapa na vida daqueles jovens ao mero preparo para a prova de vestibular, além de reproduzir a lógica competitiva empresarial no ambiente educacional.

Diferente do que observei quando estive inserida como psicóloga em algumas escolas particulares no contexto de terceiro ano do ensino médio, em que a universidade era caminho incontestável para os estudantes daquele contexto social, na escola pública MOVIMENTAÇÃO serem encaminhados para esta única opção, era posicionamento questionado por boa parte dos alunos e alunas. Se por um lado reconheciam que um dos fatores de terem disputado vaga na escola era seu reconhecimento na preparação para os exames vestibulares, por outro se sentiam pressionados e contestavam porque a entrada na universidade deveria ser a única opção no processo de escolha profissional. Tal realidade nos fez pensar sobre os mais distintos tensionamentos que poderiam atravessar suas vidas em direção à escolha de um futuro profissional. Será que os alunos e alunas oriundos da periferia e vindos de famílias de classes populares tem as mesmas expectativas que aqueles e aquelas com melhores condições financeiras? A Escola MOVIMENTAÇÃO se apresenta como “a força da escola pública”. Podemos então nos interrogar em que medida o foco nas aprovações em vestibulares reafirma um status de poder? Por outro lado, como os jovens estudantes significam o posicionamento da instituição que afirma cotidianamente a necessidade de “filhos da classe trabalhadora” ocuparem os bancos universitários, onde foram historicamente excluídos? Como lidam com a pressão familiar sobre si e o cotidiano institucional direcionado, unicamente, para o caminho universitário? Ainda, como se posicionam diante dos princípios neoliberais, em que “cada um é o único responsável pelo seu futuro”? Partindo

destas problematizações, como ficariam os tensionamentos entorno do processo de escolha profissional na micropolítica da Escola MOVIMENTAÇÃO?

Trabalhar na esfera da micropolítica, para Aguiar & Rocha (2007), é ir além do campo do espaço físico (do lugar) ou da dimensão temporal, “abrindo a história à experiência que se espreita no cotidiano” (p. 660) Guattari & Rolnik (1996) expõem a dimensão micropolítica como relacionada ao cruzamento entre o que Guattari chama de nível molar, que seriam as diferenças sociais mais amplas e o que refere como nível molecular, que diz respeito sincronicamente às esferas infrapessoais, que surgem no sonho, na criação, etc.; as pessoais, relativas às relações de autonomia, e as interpessoais, que consistem na invenção de múltiplas formas de socialização, tais como profissionais, no campo escolar, etc. (GUATTARI & ROLNIK, 1996). Para os autores, a análise micropolítica não se configura no dualismo entre essas duas esferas, pelo contrário, estaria situada apropriadamente na interseção, abrangendo as diferentes formas de apreensão de uma problemática, e complementam:

É claro que os modos não são apenas dois: sempre haverá uma multiplicidade, pois não existe uma subjetividade de um lado e, do outro, a realidade social material. Sempre haverá ‘n’ processos de subjetivação, que flutuam constantemente segundo os dados, segundo a composição dos agenciamentos, segundo os momentos que vão e vem. E é nesses agenciamentos que convém apreciar o que são as articulações entre os diferentes níveis de subjetivação e os diferentes níveis de relação de forças molares. (GUATTARI & ROLNIK, 1996, p. 132)

Estar atenta aos acontecimentos da micropolítica do cotidiano escolar, amparada sob a ótica da pesquisa-intervenção, com seu posicionamento implicativo, desnaturalizador, crítico, tendo como ethos o caráter de um fazer compartilhado, é “considerar os grupos como dispositivos de afirmação de outros modos de subjetivação, realidades abordadas micro e macropoliticamente”. (AGUIAR & ROCHA, 2007, p. 661). Para Guattari & Rolnik (1996), não é possível que haja uma centralização e totalização da subjetividade no indivíduo. Guattari difere o que seria a individuação do corpo, enquanto identificação do próprio indivíduo e o que considera como “a multiplicidade dos agenciamentos de subjetivação: a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro social” (GUATTARI & ROLNIK, 1996, p. 31).

Guattari fala em subjetividade enquanto Agenciamentos Coletivos de Enunciação, que compreendem tanto o sujeito da enunciação (sujeito que narra) como o do

enunciado (sujeito que diz ou faz), chegando a se confundir numa só voz, onde uma fala não é necessariamente produzida por um só sujeito, mas pode lhe ser anterior e coletiva. Na voz de um sujeito ecoam inúmeras vozes: sujeito produtor e produto de vetores de subjetivação. Assim, ao lado do caráter social da subjetividade, inscreve-se a mesma perspectiva em relação à linguagem. (MIRANDA, 2005, p. 39).

Segundo Guattari & Rolnik (1996) não apenas a mídia, mas toda a tecnologia, funcionam como vetores de subjetivação. Estes são construídos de forma heterogênea, através de seus indivíduos em suas existências singulares. Miranda (2005) analisa que de um lado há o achatamento das diferenças, devido à sujeição em relação às instituições família, trabalho, Estado, mídia, produtoras de subjetividade, que esmagam a heterogeneidade através da massificação do cotidiano, apontando para uma produção de subjetividade assujeitada. Nesse aspecto podemos trazer a instituição escolar, também, como campo de tentativa homogeneização quando reduz a vida escolar à um caminho único de aprovação no vestibular. A autora salienta, no entanto, que há um outro campo de força que pode lutar no interior de um indivíduo, grupo ou momento histórico, funcionando como força paralela e concomitante à citada anteriormente, mas essa perspectiva abrange as relações criativas e múltiplas, através das quais “indivíduos e grupos assumem sua existência de modo singular, criando outros valores, novas formas de pensar e agir, viabilizando a produção de subjetivação singularizada”. (MIRANDA, 2005, p. 41). Este processo que, conforme apontado, é realizado de forma sincrônica e simultânea, também ocorre no espaço escolar, e foi o viés que buscamos exaltar durante nossa pesquisa.

Na elaboração das análises pudemos construir modos que realizam o deslocamento do que são queixas para a estruturação de demandas, como condição de emergência ao exercício da autonomia, tão valiosos à pesquisa-intervenção. (ROCHA & AGUIAR, 2010; AGUIAR & ROCHA, 2007; LOURAU, 1993). De acordo com Rocha & Aguiar (2010) “No caminho da elaboração, explicitação e análise das demandas, a intensificação da produção de urgências aparece como um nó, ganhando centralidade nas problemáticas” (p. 71), e assim, em nossa pesquisa, este nó central é formado por uma série de fios que tensionam nossa questão fundamental, de problematizar os tensionamentos em torno do processo de escolha profissional.

Com o intuito consubstanciar o proposto em nosso objetivo geral, que é problematizar sobre os tensionamentos envolvidos no processo de escolha profissional dos alunos da escola MovimentAÇÃO, é importante destacarmos que, conforme apontado por Lemos & Junior (2012, p. 189) referindo-se à concepção deleuziana de que “as condições de

posição de um problema não desaparecem com a sua solução, pois ele persiste para além das soluções que eventualmente venha a receber.”, tomamos como base o fato de que problematizar não significa, de nenhum modo, solucionar. Para os autores, seguindo as concepções de Deleuze, os problemas são complexos, múltiplos e de relações singulares, nos alertando que recolocá-los significa nos desprendermos dos enganos do pensamento.

O que a abordagem micropolítica nos sugere é a problematização dessa relação interesse-desejo-poder a partir do rastreamento de lutas específicas, de um exercício de acoplamento das teorias e memórias locais. Entendemos que é daí, desses nossos lugares, que podemos produzir outras análises, movimentos e demandas e perguntarmos: o que queremos transformar? (AGUIAR & ROCHA, 2007, p. 662)

Na intenção de enunciar o que foi construído e buscando, também, saber o que e como podemos transformar, dispomos de alguns analisadores. Estes, de acordo com Rodrigues & Souza (1987) são acontecimentos, práticas, indivíduos ou dispositivos que revelam em seu próprio movimento, algo impensado de uma estrutura social. Para Aguiar & Rocha os analisadores desnaturalizam o que já existia, e quando realizamos a análise destes, desestabilizamos a cena natural do cotidiano que nos parecia imóvel. “Eles funcionam como catalisadores de sentido, expõem o saber e o não saber de uma sociedade sobre si mesma” (AGUIAR & ROCHA, 2007, p. 656).

Os analisadores surgidos em nossa pesquisa estão relacionados a alguns tensionamentos que abordaremos de forma mais aprofundada nos tópicos posteriores. Estão relacionados às dúvidas acerca da inserção no mercado de trabalho, bem como com as práticas escolares engendradas para atender ao modo de funcionamento do sistema de vestibulares, tendo como principal foco o ENEM; A relação com a ida para Universidade; as possibilidades de outras trajetórias profissionais e o preconceito gerado em torno da não escolha pelo ensino superior; As relações familiares que atravessam a história dos jovens e os aspectos socioeconômicos que contextualizam esta experiência de vida; O sentimento de pressão vivenciado durante essa fase e que se relaciona com as incertezas do futuro após finalização do terceiro ano.

De acordo com o proposto por Miranda (2005) buscamos criar novas possibilidades, considerando uma construção caracterizada pela processualidade, valorizando a singularidade, a criatividade e a multiplicação nos modos de subjetivação. Em conformidade com a autora, buscamos ir de encontro ao “... imenso ‘senso comum’ que marca a produção

subjetiva contemporânea” (MIRANDA, 2005, p. 45). Portanto, na contramão da maioria dos estudos empenhados a olharem os processos de escolhas profissionais, os quais abordam com maior frequência a produção dos resultados da escolha, aqui nossos analisadores se tornaram potência para o olhar acerca dos atravessamentos que geram pontos de tensionamentos para o próprio processo de escolha profissional desses jovens.

Desse modo, é necessário assumirmos um olhar para os discursos. Aqueles ditos e não ditos, considerando-os para além dos signos. Para Fischer (2001) o discurso é mais do que a simples referência a alguma “coisa” e não pode ser compreendido como uma mera expressão de algo. A autora ressalta que este “apresenta regularidades intrínsecas a si mesmo, através das quais é possível definir uma rede conceitual que lhe é própria” (FISHER, 2001, p. 200).

(...) gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. Essas regras definem não a existência muda de uma realidade, não o uso canônico de um vocabulário, mas o regime dos objetos (FOUCAULT, 1969, p. 54-55)

Foucault (1969) refere-se ao discurso com várias conceituações em que traz o “enunciar” como condição comum. Para o autor (1969, p. 93) “existe enunciado sempre que se possa reconhecer e isolar um ato de formulação”, não consistindo como prioridade o que aconteceu antes do momento do enunciado, nem o que se pôde produzir depois do que fora enunciado, nem as consequências que este provocou. Dessa forma, afirma que refere-se ao que se produziu pelo próprio fato de ter sido enunciado, ratificando a precisão deste enunciado específico (que não é nenhum outro), que ocorre em circunstâncias determinadas e contextualizadas. Portanto trataremos como enunciado o que foi efetuado

pela própria fórmula, em sua emergência: promessa, ordem, decreto, contrato, compromisso, constatação. O ato ilocutório. Pode-se, então, supor que a individualização dos enunciados depende dos mesmos critérios que a demarcação dos atos de formulação: cada ato tomaria corpo em um enunciado e cada enunciado seria, internamente, habitado por um desses atos. Existiriam um pelo outro e em uma exata reciprocidade (FOUCAULT, 1969, p. 94).

Assim, para Fischer (2001), trabalhar com a materialidade do discurso baseado em Foucault significa mapear os “ditos” nas diferentes cenas enunciativas, a fim de multiplicarmos as relações que foram sugeridas. Não buscaremos por explicações lineares de causa e efeito, mas objetivaremos situar as “coisas ditas” em determinados campos discursivos, extrair daí enunciados que serão colocados em relação a outros, que podem estar no mesmo ou em outras esferas. Por exemplo, nos tópicos seguintes problematizaremos acerca da necessidade, vista pelos agentes escolares, como uma conquista para os filhos da classe trabalhadora seguirem o caminho universitário. Seria esta uma condição colocada apenas para os jovens de escola pública ou desta escola pública específica? A ideia de única e última chance seria só para estes estudantes? Esta “imposição” na verdade é molar, ou seja, historicamente constituída, pois normalmente no Brasil só são socialmente valorizadas as profissões ligadas a formação superior, destinada constantemente às elites. Portanto, a micropolítica do cotidiano escolar encontra-se atravessada por um contexto macro que a constitui, mas que a escola MovimentAÇÃO, em sua micropolítica pretende modificá-lo, ao querer inserir jovens de origem popular nos bancos universitários. Segundo Fischer (2001, p.107), quando analisamos um discurso (mesmo que uma fala individual), jamais estaremos diante da manifestação de apenas um sujeito, mas nos defrontamos com “sua dispersão e descontinuidade, já que o sujeito da linguagem não é um sujeito em si, idealizado, essencial, origem inarredável de sentido: ele é ao mesmo tempo falante e falado, porque através dele outros ditos se dizem”.

Os enunciados tem como uma de suas características a temporalidade, e falar sobre os discursos implica em levarmos em conta a relação entre o discursivo e o não-discursivo, sem os colocarmos numa esfera de ambivalência. Para Foucault (1969) a diversidade de formas dos não-ditos acerca do campo enunciativo afirma uma ausência que não seria interior, mas sim relacionada a este campo e teria uma função na determinação de sua existência. Para o autor sempre haverá limites, lacunas e exclusões, tendo em vista as condições de emergência dos enunciados. Estes hiatos

validam uma única série de modalidades, cercam e englobam grupos de coexistência, impedem certas formas de utilização. Mas não se deve confundir, nem em seu status, nem em seu efeito, a ausência característica de uma regularidade enunciativa e as significações encobertas pelo que se encontra formulado. Ora, por mais que o enunciado não seja oculto, nem por isso é visível; ele não se oferece à percepção como portador manifesto de seus limites e caracteres. É necessária uma certa conversão do olhar e da atitude para poder reconhecê-lo e considerá-lo em si mesmo. Talvez ele seja tão conhecido que se esconde sem cessar; talvez seja como essas transparências familiares que, apesar de nada esconderem em sua espessura,

não são apresentadas com clareza total. O nível enunciativo se esboça em sua própria proximidade (FOUCAULT, 1969, p. 125).

Considerando que o sujeito é constituído historicamente, para Fischer (2001) é importante que nos detenhamos sobre as práticas discursivas e não-discursivas, a fim de que sejam compreendidas as diferentes redes de poderes e saberes que nos produzem. Tais práticas são estabelecidas numa relação estreita, em que há uma mútua implicação, nunca havendo linearidade explicativa. O ponto de partida para essa análise deve ser o presente, o que a autora se refere a um “diz-se”, aos “murmúrios” de um certo campo de saber de nossa época, para então definirmos um *corpus* que nos conduza à história de um objeto específico. Em nosso caso, esta atenção nos trouxe aos tensionamentos acerca do processo de escolha profissional no território de uma escola pública. Não interessa ao analista investigar “o que está por trás”, nem “o que se queria dizer”, mas sim

descrever quais são as condições de existência de um determinado discurso, enunciado ou conjunto de enunciados. Suspendendo continuidades, acolhendo cada momento do discurso e tratando-o no jogo de relações em que está imerso, é possível levantar um conjunto de enunciados efetivos, em sua singularidade de acontecimentos raros, dispersos e dispersivos e indagar: afinal, por que essa singularidade acontece ali, naquele lugar, e não em outras condições? (FISCHER, 2001, p. 221)

Muitas falas dos jovens traziam expressões como: ansiedade, depressão, sentimento de angústia, pressão...Termos que os jovens utilizaram para relatar algo que, verdadeiramente, os incomodava. Nós, enquanto pesquisadores e pesquisadoras, mas que ocupávamos um lugar de saber “psi”, fomos acionados para esta escuta. Acerca disto, Rodrigues & Souza (1987) nos convoca a pensar a nossa profissão, também, enquanto instituição¹⁵, nas condições históricas de possibilidades, e acerca de nosso lugar enquanto peritos no contexto social, portanto indagando sobre nossa implicação nas práticas e intervenções. Para as autoras “o fato de sermos psicólogos define, aparentemente, como PSICOLÓGICAS as demandas a que atendemos, enquanto que a Análise Institucional tem um conteúdo quase exclusivamente POLÍTICO” (RODRIGUES & SOUZA, 1987, p. 29).

¹⁵ Para os autores, “instituição é produção, é atividade. Isto se torna imediatamente problemático, porque tal produção não é algo localizável empiricamente. Poderia ser concebida, nesta linha como espécie de inconsciente político que institui novas realidades, sempre dividindo sempre separando. Neste movimento trans-forma relações e práticas que se apresentam como forma geral e natural, em outras relações e práticas que se se apresentam (se mostram) da mesma maneira, e mediante as quais a *instituição* se instrumenta” (RODRIGUES & SOUZA 1987, p. 24)

Foi relevante observar o interesse de vários alunos pelo projeto “É da nossa Escola que falamos”, por relacionarem-lhe ao curso de psicologia da UFC, assim como também foram notáveis as expectativas projetadas, principalmente inicialmente, pela direção e equipe de professores, por práticas “psicologizantes”¹⁶ na escola. Para exemplificar segue a fala de um pesquisador secundarista, apresentando um colega, também secundarista, acerca de suas expectativas sobre o “Curso de Formação de jovens pesquisadores da micropolítica do cotidiano escolar”¹⁷:

Então gente esse aqui é o [pesquisador secundarista M], eu perguntei pra ele sobre a profissão que ele queria seguir e ele falou que era psicologia, tem 18 anos, gosta, como esporte, de futebol, a religião é evangélica, gosta de ler a mente humana, a área preferida do conhecimento é a de humanas e ele quer ajudar a juventude, o autor que ele mais gosta é o Augusto Curi. Como expectativa, aprimorar seu conhecimento sobre psicologia e contribuição ajudar nas pesquisas sobre juventude e saúde nacional. (TRANSCRIÇÃO DO 1º ENCONTRO – TURMA DE QUARTA - 27/03/19)

No transcorrer da nossa relação e na construção do vínculo com a equipe, com os alunos, foi importante e muito rico levarmos a ideia que iríamos realizar COM eles todo o processo, bem como as análises de nossas implicações, desconstruindo ou, pelo menos, enfraquecendo a função de psicólogos peritos, identificadores e resolvedores de casos que fugissem à concepção de “normal”.

A fim de melhor organizarmos todo o material construído durante o estudo, através das transcrições dos encontros que tivemos com os jovens, dos dados produzidos nas pesquisas que eles mesmos realizaram, com base nas análises dos diários de campo, tanto dos pesquisadores acadêmicos quanto dos secundaristas, enfim, diante da vivência experimentada, conforme explicitado no capítulo anterior, realizaremos uma divisão de forma a evidenciar os seguintes analisadores: o sentimento de pressão vivenciado durante essa fase e que se relaciona com as incertezas do futuro após finalização do terceiro ano; as dúvidas acerca da inserção no mercado de trabalho, a relação com a ida para Universidade e as possibilidades de outras trajetórias profissionais; o preconceito gerado em torno da não escolha pelo ensino superior; as práticas escolares engendradas para atender ao modo de funcionamento do sistema de vestibulares, tendo como principal foco o ENEM e as relações familiares que

¹⁶ Como relatado no capítulo anterior, após apresentação da proposta do Curso, Extensão e Pesquisa ao diretor da escola, este nos questionou: “E a psicologia, onde está?”

¹⁷ No primeiro encontro fizemos uma dinâmica em que nos dividimos em duplas, buscando mesclar pesquisadores universitários e secundaristas, a fim de que pudéssemos estreitar os laços. Após apresentação entre as duplas, cada membro tinha que apresentar seu parceiro conforme o que ele havia lhe informado

atravessam a história dos jovens e os aspectos socioeconômicos que contextualizam esta experiência de vida. Esse capítulo tem como objetivo de evidenciar e potencializar os principais tensionamentos que atravessaram a micropolítica do cotidiano da Escola Movimento no que tange à problemática dos processos de escolhas profissionais, os quais serão problematizados nos tópicos a seguir.

4.1 Tensionamentos associados à rotina escolar

Durante os meses que habitamos a escola Movimento, esse foi o ponto que mais gerou discussões por parte dos jovens. As práticas relacionadas ao espaço escolar, à instituição Movimento. Os estudantes falaram muito acerca das ações características desta rotina escolar relativas à escolha profissional, ao vestibular e à consequente entrada na universidade, que, segundo os alunos, geravam consequências negativas para a saúde mental destes.

Durante o processo, muitas práticas foram enunciadas. Uma delas faz referência à necessidade valorizada pela instituição para que os alunos sigam o caminho universitário. Outro ponto comum na fala dos jovens é que sempre escutam dos docentes que o terceiro ano é a última chance que eles terão e que eles precisam aproveitá-la, além de sempre dizerem o quanto é difícil e concorrido conseguir uma vaga na UFC e UECE, por exemplo:

PESQUISADOR SECUNDARISTA X: na sala de aula quando se depara com os professores [dizendo] que a faculdade UFC e UECE são o único meio a única solução para ser alguém na vida... Foi desse jeito que eles colocaram [pesquisadores secundaristas referindo-se aos dados coletados na pesquisa que realizaram] se a pessoa chega para você dizendo vocês tem que passar porque é o único meio de ser alguém na vida, e sendo que nem todos querem fazer o vestibular nem todos querem entrar na UFC ou na UECE, alguns querem fazer uns cursinhos ou outras coisas... Só que não apoiam não andam apoiando esses alunos que não querem. (TRANSCRIÇÃO DE ENCONTRO COM PDT'S, 12/08/19)

PESQUISADOR SECUNDARISTA Y: muitos professores falam 'a faculdade é o único meio', 'se você não passar você não vai ser ninguém na vida', 'se hoje em dia as coisas estão tão caras assim, imagina futuramente, né?' 'então você tem que fazer faculdade, você tem que ser alguém na vida'. Então isso mexe muito com o psicológico dos alunos. Eu já vi alunos aqui que não paravam de estudar que eram... que nem comiam direito (...) e isso também como ela disse [referindo-se a outra aluna que havia intervindo e concordado com o exposto], causa ansiedade, né? Porque esse gráfico foi muito UAU para a gente, porque quase que..., mais da metade das pessoas são ansiosas, a ansiedade tá aí, né? [o gráfico da equipe Pressão pré-vestibular apontava que 66,7% dos jovens diziam se sentir ansiosos com relação ao vestibular]. (TRANSCRIÇÃO DE ENCONTRO COM PDT'S, 12/08/19)

Estes dois trechos evocam enunciados importantes de analisarmos. O que seria “ser alguém na vida” para esses professores, que proferiam esse discurso nessa determinada série e escola? Quais os discursos que são mobilizadas nesta “pressão” para a aprovação? No campo socioeconômico, ser alguém na vida numa sociedade capitalista é ter dinheiro; pensando nos ideais neoliberais, sucesso estaria relacionado a um alcance individual. Mas também há outro lado, no âmbito social, poderia ser uma possibilidade de diminuir a desigualdade histórica no Brasil.

Em uma discussão gerada durante a análise dos dados de uma das equipes, os alunos perceberam falas frequentes acerca de como muitos estudantes se sentem excluídos por alguns professores, “focando mais em certas ‘panelinhas’(...). Pesquisador secundarista F. falou algo interessante: que apesar da escola se dizer inclusiva, muitos professores excluía alunos” (DIÁRIO DE CAMPO PESQUISADORES ACADÊMICOS, 05/06/19). Laval (2004) acerca disso, fala sobre o “ensino em várias velocidades, no qual os alunos mais ‘rentáveis’ se beneficiam de investimentos mais importantes do que os de pior ‘performance’” (p. 29). Em *A ordem do discurso* Foucault (1971) fala do discurso como um processo ordenado, também, como forma de exercício de poder em nossas sociedades.

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1971, p. 8).

Dentre as análises realizadas pelo autor nessa obra, acho que nos cabe a reflexão sobre as falas dos jovens acima descritas, quando relatam se sentirem excluídos quando seus dizeres de não quererem ir para universidade não fazem parte do que a instituição propõe. O autor fala sobre formas de controle da produção dos discursos a partir do que chama de sistemas de exclusão externos e internos ao discurso. Foucault retrata que na área da educação, embora por direito qualquer indivíduo em nossa sociedade pudesse ter acesso a qualquer tipo de discurso, neste espaço também se instaura um campo de lutas pela hegemonia deste discurso, visto que “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que trazem consigo.” (FOUCAULT, 1971, p. 44).

Como analisar, então, a fala dos alunos e alunas que se reportam aos docentes e às práticas vivenciadas na rotina escolar como um todo, que, com tanta veemência repetem a condição de entrada na universidade como único projeto profissional de sucesso para os estudantes? Durante as restituições¹⁸ realizadas em reunião com PDT's (professores diretores de turma), ocasião em que a equipe gestora também estava presente e com os representantes de turma, e em outro momento com os alunos representantes de turma, onde havia uma professora do terceiro ano acompanhando as apresentações, os pesquisadores secundaristas falaram sobre o que havia surgido em suas investigações, disseram sobre todos esses incômodos citados acima. Alguns docentes se manifestaram:

PROFESSOR M: É difícil a nossa profissão. E, também, em todas as situações há profissionais e profissionais, e há estudantes e estudantes, né? Que toma essas ações, atitudes, ou para ajudar ou para atrapalhar. E, de fato, é interessante ver essa coisa da questão do trabalho. Beleza, os meninos têm interesse de terminar apenas o terceiro ano. Mas tem outro que tem interesse também de estudar, que pretende ingressar no ensino superior, que é ser o primeiro da família a conquistar essa oportunidade que é, justamente, o nosso discurso, é, justamente, esse, que é a questão do filho do trabalhador, de ter essa oportunidade. E a gente dá essa oportunidade, essa ferramenta, esse estalo, dá ideia de que a ideia pode ser concretizada. (PROFESSOR DO TERCEIRO ANO, TRANSCRIÇÃO DE ENCONTRO COM PDT'S, 12/08/19)

Ao final, uma professora agradeceu a realização do projeto e disse que sentia a necessidade de fala sobre essa pressão sentida pelos alunos do terceiro ano. Disse que a intenção dos professores não seria a de pressionar mais, mas sim de garantir que eles tenham o direito de ter um nível superior. Falou que lutam para que o filho do trabalhador esteja na Universidade. (DIÁRIO DE CAMPO DOS PESQUISADORES ACADÊMICOS, 27/09/2019)

Observa-se no discurso dos professores que estes enxergam a entrada na universidade como uma possibilidade de melhora da qualidade de vida dos alunos, entendendo que, para algumas famílias, o alcance desse nível de estudo seria uma novidade. Alguns docentes demonstram bastante interesse nas questões apontadas pelos jovens e referiram-se à pressão que estes sentiam, não como um ato intencional por parte dos professores, mas como uma forma de incentivo à garantia do direito de adentrarem em uma universidade pública. Falam que, por conhecerem a realidade econômica difícil do país, avistam o nível superior como forma de melhorarem as chances dos estudantes de obterem sucesso. Alguns professores também refletem sobre a necessidade de uma maior aproximação

¹⁸ Para Ribeiro, Miranda et al. (2016, p. 88) “Ao contrário da devolutiva que normalmente ocorre quando a pesquisa finaliza, onde dados após analisados pelos pesquisadores são ‘devolvidos’ ao campo, a restituição enquanto conceito supõe que se possa falar sobre alguns conteúdos que são silenciados ou omitidos. Apesar de ser considerada uma fala institucional que convém ser conversada de forma pública, não se pretende fazer dela uma denúncia dirigida a alguém”.

com os alunos, a fim de conseguirem compreender suas visões de mundo, contexto familiar...distanciando-se da função de, simplesmente, imposição da ideia. Tal reflexão surgiu durante o momento de restituição:

PROFESSOR P: O mais legal é isso. A gente está ouvindo o público que é o maior público, né? (...)Eles são a escola e a gente tem que ouvir. A gente escuta pouco ainda. A gente quer saber, seja dessa turma, seja do pré-vestibular, seja 3º, 2º ano. Basta você ir para fila da merenda, sentar ali, viu um que tava bebendo água, conversar um pouco. Você vai ter um retorno maior do que a pesquisa. E tem muito a ver o nosso encontro agora com o nosso encontro passado que a gente assistiu o filme, né? O “Nunca me sonharam” que os alunos que fizeram, né? Com a produção da escola. Então, é muito bem feito, a gente aprende muito. Por mais que a gente não tivesse esses problemas, esse contato com vocês, isso já é, assim, já bem gigante. Aí eu volto para a resposta da colega [referindo-se à professora que disse não saber o que fazer] que, assim, não dá para ter uma solução, nem que eu fosse psicólogo, né? Não dá para ter uma solução ‘Pronto, nós tratamos assim, né?’. Mas é uma coisa de tentar acessar com eles, é o que eu tenho que fazer, né? Então, tenho tentado aí, né, na sala eu tenho duas turmas. Aí, não dá para eu falar um padrão de ‘Ah, que curso que você quer fazer?’, porque o cara não quer fazer um curso, né? Ele vai dizer ‘Não, não quero fazer um curso’. E aí? Entende? Então, o caminho tem que ser de chegar ‘O que tu tá pensando aí? O que que tu tá fazendo?’. E, a partir do que ele tá fazendo, o que ele tá pensando, tu tenta conversar sobre o que é que ele quer para vida, né? Como você pode tentar contribuir com a função da escola para vida, né? Só uma coisa para finalizar, né? Os alunos colocaram essa coisa de motivar para além da universidade e ter a coisa do trabalho. Alguns querem fazer um curso profissionalizante, alguns querem trabalhar logo. Mas, assim, a escola vai muito além disso, né? Ainda, assim, que a gente coloque a questão do trabalho, de uma outra alternativa, a gente sabe como o nosso país funciona, né? Senão, o desespero dá na gente, né? ‘Não, pelo menos se forme, melhore um pouquinho mais chances, né?’. Mas existe um padrão da escola que, na verdade, é como ele se lembra da escola. O aluno aí de Itapipoca, provavelmente, ele não disse ‘Ah lembrei da escola porque a aula de biologia era legal’. Não. Eles lembram do que eles aprenderam com as socializações, da palavra que o professor de biologia e física falou mas que não tinha a ver com biologia ou física, né? Então, o espaço de construção da escola que a gente tem que ampliar é muito maior que esse mercado de trabalho, o Enem ou qualquer outra coisa, né? De pegar as demandas mesmo, né?” (PROFESSOR DO TERCEIRO ANO, TRANSCRIÇÃO DE ENCONTRO COM PDT’S, 12/08/19)

É muito interessante observar a implicação deste docente com as pautas levantadas pelos jovens pesquisadores. Atuar no espaço escolar, sem dúvida, exige de nós, também, um olhar e uma escuta para o que é enunciado fora das paredes das salas de aula. Mas são encontrados nos corredores, nos recreios, na “fila da merenda”, como bem apontou o professor. De fato, não existe uma receita pronta para determinar o passo a passo do que deve ser feito para minimizar os tensionamentos existentes neste ambiente. No entanto a escuta e olhar atentos para o que os jovens estão dizendo (de várias formas) é um bom caminho para conseguirmos acessá-los e, de várias maneiras, podermos ajudá-los, acolhê-los e orientá-los. A abertura para o diálogo e o incentivo à problematização das questões colocadas pelos

estudantes, conforme o exemplo citado pelo professor, aproxima os alunos dos agentes escolares e faz com que as ideias sejam compartilhadas, criticadas e reelaboradas, permitindo que as experiências sejam partilhadas com base na realidade social de cada um. Adicionalmente, conforme bem apontado pelo professor, a aproximação real com os jovens, permite que a escola desempenhe sua função de ampliar suas discussões para além de uma única temática, que neste ambiente, vem sendo a de ingresso na universidade.

Uma questão que foi bastante comentada pelos jovens como ponto de tensionamento e que analisamos como enunciados inscritos em práticas não-discursivas, neste caso no que é colocado nas paredes da escola. Logo na entrada, um enorme banner com a quantidade, nome e fotos dos alunos aprovados em vestibulares (Figura 2 e Figura 19) e um relógio de contagem regressiva para o dia do ENEM (Figura 21), nas paredes internas um *ranking* (Figura 20) expondo o desempenho dos estudantes nas provas que simulam o vestibular. Para a escola e para muitos alunos aquela exposição funciona como inspiração, mas para outros chega como pressão. Uma aluna pesquisadora secundarista comentou “Tipo, lá na sala eles falam muito assim ‘ah a foto de vocês tem que estar lá embaixo viu?’¹⁹” (TRANSCRIÇÃO - 8º ENCONTRO - 05.06 - TURMA DE QUARTA). No contexto desse discurso os alunos discutiam sobre sentirem que a instituição daria mais valor ao número de aprovados, sem se preocupar com o que, de fato, os jovens escolhem, se querem o curso ou como estão vivenciando este processo.

FIGURA 23 - Equipe de pesquisadores acadêmicos e gestão da escola em frente ao banner dos aprovados



Fonte: Instagram “É da nossa Escola que falamos”

¹⁹ Referem-se a “lá embaixo” porque o banner fica fixado no andar térreo, logo na entrada da escola, e as salas de aula no piso superior.

Os jovens trouxeram, também, como ponto de tensionamento, a existência de um *ranking* divulgado e fixado na parede da escola, com o comparativo entre as notas dos alunos. Esta lista era chamada de “Top 100”, mas teve seu estilo modificado. Agora não sendo mais possível identificar o nome do aluno, apenas seu número de matrícula.

PESQUISADORA SECUNDARISTA A: só pra finalizar, sobre o ranking que a escola normalmente expõe, a maioria dos alunos não se sentem confortáveis com essa exposição bem explícita que a escola faz que é o top 100, e muitas pessoas achavam melhor que fosse de forma individual ou até mesmo no aluno online e que a escola pensasse melhor sobre como expor, quem é melhor ou pior, ou deixar esse mérito e fazer com que não exista mais” (PESQUISADOR SECUNDARISTA - TRANSCRIÇÃO DE ENCONTRO COM PDT’S, 12/08/19)

Por outro lado, alguns alunos durante o curso, quando discutimos o tema, disseram se sentir incentivados com a proposta do *ranking*, mas vários jovens relatavam o quanto a exposição era maléfica e os deixavam constrangidos e desacreditados. Um dos pesquisadores secundaristas avaliou esta prática como uma faca de dois gumes, deixando quem está dentro da lista empolgado e motivado, mas proporcionando à maioria que está fora, sentimentos ruins. Outra pesquisadora secundarista relatou que achava bom, pois isso vinha como retorno para as pessoas que se esforçaram bastante para estar naquele ranking, já outra colocou que isso pode causar um sentimento de tristeza por nunca conseguir estar entre os cem melhores, por mais que se esforçasse. Outros alunos também colocaram que a lista de “Top 100” podia não ser tão justa. A ideia dos *rankings* é mais um traço que corrobora com a atual cultura da performance, já apontada por Lopes & Lopez (2010).

FIGURA 24 - Alunos conferindo o ranking do simulado



Fonte: Instagram da Escola MovimentAÇÃO

Outra questão, também relacionada aos enunciados referentes a práticas não-discursivas, seria um relógio de contagem regressiva dos dias até a prova do ENEM. Durante a restituição realizada com os alunos representantes de turma, uma jovem do terceiro ano expôs o quanto esta contagem era prejudicial a ela e a vários alunos. Assim como em nossa restituição com os PDT's, um professor relatou que já havia reavaliado este costume em suas aulas, após ter sido alertado por alguns estudantes sobre os malefícios emocionais que tal prática proporcionava. Após levantada a discussão sobre esse assunto, uma professora que também assistia às apresentações no momento de restituição com os alunos representantes de turma, disse lamentar que os alunos se sentissem daquela forma e justificou que o que eles entendiam como pressão, na verdade seria uma preocupação dos docentes para que os jovens ocupassem um lugar que lhes é de direito. Segundo a professora “o filho do trabalhador deve estar na universidade pública”. Desta cena, ficamos com algumas reflexões: Como a dívida social do Brasil, em que historicamente a classe trabalhadora encontra-se à margem, resvala nos tensionamentos deste episódio? Qual deve ser o real alcance da escola em direcionar estes alunos à universidade? Todos os jovens querem ir para a universidade? Eles enxergam este caminho como único? Caso não seja, para onde eles irão? Quais as possibilidades reais para um jovem, de classe pobre, em sua maioria negros, após concluir a fase escolar, e não mais tiver o “posto” de estudante secundarista? O que o espera? Como outras possibilidades profissionais contemporâneas passam à margem do cotidiano escolar?

Uma aluna do terceiro falou sobre o quanto era ruim ouvir os professores falando que não tinha vaga para todo mundo, como se sentia mal em ir para escola nesse período, que estava sendo muito estressante. Falou sobre como considera negativo o relógio na porta da escola com a contagem regressiva para o dia da prova do Enem. Disse que não está reclamando da atenção por parte da equipe gestora, e ressaltou que a coordenação sempre está disposta a ajudar e sempre acolhe muito bem os que procuram, mas essa pressão em sala de aula e a ideia do relógio, estão sendo prejudiciais a muitos alunos” (DIÁRIO DE CAMPO DOS PESQUISADORES ACADÊMICOS, 27/09/2019)

PROFESSOR T: Eu, enquanto DT [refere-se ao fato de ser professor diretor de turma] e também professor de terceiro ano, a gente toma a liberdade, às vezes, de algumas ações, de algumas atitudes, de brincadeiras, de colocações em sala e uma delas, que eu já retirei faz algum tempo, é justamente essa contagem, a história da contagem regressiva ‘Faltam tantos dias e tal’. Eu realmente praticava isso, mas alguns alunos chegavam depois ‘Olha, professor, isso não tá legal, eu às vezes me sinto pressionado. Eu não gosto dessa história de faltam tantos dias para tal coisa, como se fosse a coisa definitiva que vai mudar a sua vida’. E a gente sabe que os processos avaliativos nossos não se encerram com a prova, existem outras formas de avaliação que não somente só o Enem. Então, faz uns 2/3 anos para cá que eu realmente não mais utilizo isso nas minhas aulas”. (TRANSCRIÇÃO DE ENCONTRO COM PDT'S, 12/08/19)

FIGURA 25 - Relógio de contagem regressiva para o ENEM



Fonte: Instagram da Escola MovimentAÇÃO

Ao analisarmos as ideias do banner de entrada, do *ranking* e do relógio com contagem regressiva, podemos pensar acerca dos acontecimentos na micropolítica do cotidiano escolar como práticas que afirmam outros modos de subjetivação, abordados macropoliticamente, numa reprodução da estrutura social contemporânea, que valida e incentiva as ideias de produtividade e competitividade, utilizando o marcador de um tempo rápido, instantâneo como referência para atuação dos sujeitos. Para Sibilía (2012, p. 132) “Na oferta educacional contemporânea busca-se oferecer um serviço adequado a cada perfil de público, proporcionando-lhe recursos para que cada um possa triunfar nas árduas disputas de mercado”. Gonçalves & Coimbra (2016) referem-se às sociedades da eficácia e da tecnocracia como sendo organizadas em torno do que seria quantificável. Para os autores a valorização do que é calculável, prático e concreto impõe a noção de eficácia não somente sobre os indivíduos, mas também sobre as instituições públicas e privadas.

Além das citadas acima, mais uma prática que se enunciou no campo do não-dito foi a relatada pelos que jovens que afirmaram que no terceiro ano muitas aulas da disciplina de formação cidadã eram substituídas por outras de conteúdos acadêmicos voltados para o vestibular, sem haver relação direta com a proposta deste projeto, que seria de “estimular os estudantes a se tornarem cidadãos responsáveis, críticos, ativos e intervenientes, permitindo-lhes trabalhar suas vivências no plano pessoal e coletivo” (CEARÁ, 2015). Sobre o que essa substituição, e conseqüente omissão, fala?

PESQUISADOR SECUNDARISTA X: Eles [referindo-se aos alunos que responderam à pesquisa] falaram dessa relação e das aulas de Formação Cidadã e que eles acham importantíssimo isso, mas não sentem tão valorizadas quanto deveriam. Querem aulas preparatórias e falam que os DT's, na maioria, tiram essas aulas para falar da turma, não mais se referindo ao mercado de trabalho, universidade... e a gente achou isso um ponto muito importante e aí como daria para ser bem pensado se o professor usasse o tempo da formação Cidadã para falar sobre as relações de trabalho, para falar sobre como realmente acontece, falar sobre esse âmbito do trabalho porque você vai ser cobrado muito. Logo o terceiro ano você já sente essa pressão para a universidade, enfim...A sugestão é que possam usar essas aulas para focar mais no mercado de trabalho, é isso". (PESQUISADOR SECUNDARISTA - TRANSCRIÇÃO DE ENCONTRO COM PDT'S, 12/08/19)

PESQUISADOR SECUNDARISTA T: Também teve a questão aqui da educação profissional e aula formação cidadã(...)As aulas aqui não são aproveitadas da forma que deveria ser né, alguns professores usam o horário da aula de formação cidadã para darem suas matérias". (TRANSCRIÇÃO 9º ENCONTRO - TURMA DE QUARTA-FEIRA – 12/06/19)

Sendo a MovimentAÇÃO uma escola que diz se preocupar com a heterogeneidade de seu público, mantém ações que viabilizam o engajamento político e crítico de seus estudantes e busca sempre oferecer lugar de fala aos jovens, tal substituição nos parece incongruente com estes valores, no entanto vai ao encontro da necessidade de produzir resultados. Laval (2004) tecendo uma crítica voltada aos atuais modelos de escola como mercado, aponta que, seguindo a ideia de política educativa voltada para as demandas, assumindo uma lógica mercadológica, a escola acaba por se “adaptar’ ao mercado generalizado, segundo o verbo em vigor, posto que se trata de um estado natural da sociedade e não de ‘resistir’ como se poderia esperar de uma escola pública”. (p. 108).

Alguns dados relevantes surgiram das pesquisas realizadas pelos jovens secundaristas. Os questionários das equipes “Pressão pré-vestibular” e “O desgaste de um adolescente durante a sua vida acadêmica” mostraram que 100% dos que responderam afirmaram que irão realizar o exame vestibular, mesmo que também relatem não considerarem a universidade como único caminho possível após a finalização da escola; 66% afirmaram se sentirem ansiosos quando pensavam em vestibular, além de também se dizerem tristes, totalmente desesperados ou preocupados; 100% dos alunos que responderam se sentem um pouco frustrados com sua produtividade; 66% sentem-se pressionados por si, 55% sentem a pressão vinda pelos pais e 40% se sente pressionado pela escola. 78,8% dos alunos considera como muito boa a metodologia oferecida pela escola para preparação para o vestibular.

PESQUISADORA SECUNDARISTA A: Aqui é onde passamos a maior parte do nosso dia, da nossa semana. Então, é muito importante os PDTs terem esse relacionamento com aluno. De não só saber como é que ele tá nos estudos. Saber como é que ele tá pessoalmente, como é que ele tá na vida dele, como é que tá o psicológico dele. Senão, eles vão pensar “Poxa, só tá falando comigo porque quer que eu tiro uma nota boa para passar no ENEM para dar um nome para escola”. Tipo isso, entendeu? “Poxa, eu sou ser humano também, eu também passo para algumas dificuldades, né? Poxa, eu queria que ele se importasse com isso”. (TRANSCRIÇÃO DE ENCONTRO COM PDT’S, 12/08/19)

Quando questionados e convidados a escreverem de forma aberta sobre sugestões que poderiam melhorar a situação de pressão vivenciada pelos alunos do terceiro ano, algumas respostas foram as seguintes: “Primeiro de tudo, fazer com que os professores parem de pôr tanta pressão e falar como se não entrar na universidade de primeira fosse a pior coisa do mundo, isso é horrível e realmente mexe com o psicológico das pessoas”; “Acredito que é realmente difícil para todo mundo e que o nosso papel é realmente se esforçar e correr atrás do nosso objetivo. A sugestão seria o acesso menos limitado a profissionais como psicólogos e pessoas que irão dar um norte sem que você condicione sua vida a uma prova no final do ano”; “Os professores pararem de dizer que esse é o ano decisivo até porque nós alunos já temos pressão suficiente de todos os lados seja com amigos, família, etc.”; “Trazer psicólogos para a escola”; “A escola é muito voltada para o vestibular e isso é ótimo. Entretanto, acredito que falta um pouco mais de apoio ao psicológico dos alunos. Os alunos acabam se cobrando entre si, a escola tenta ajudar, mas ainda fica meio perdida. Minha sugestão é que haja palestras sobre como se preparar de maneira saudável para o vestibular, haja alguma conversa (talvez uma roda de conversa) para desabafos, etc.”; “Aumentar o trabalho com psicólogos que já acontecem na escola, como uma disciplina com um profissional da área para cuidar da saúde mental em grupo e individual”²⁰.

Mais uma vez, além dos inúmeros atravessamentos já relativos à própria condição de “aluno do terceiro ano”, nas respostas fornecidas por estes jovens da Escola MovimentAÇÃO, enxergamos a busca pela presença do profissional de psicologia como suporte para esse momento, que consideram tão estressor. Por outro lado, é interessante observar, também, o reconhecimento do papel da escola na tentativa de fornecer suporte, sendo bastante elogiada em sua metodologia preparatória para os exames vestibulares.

É importante associar aqui que boa parte dos alunos reconhece a qualidade de ensino e o esforço que a instituição realizava para cumprir com o que tinha como objetivo,

20 Respostas escritas no questionário feito pela equipe “Pressão pré-vestibular”

segundo os jovens: aprovar no vestibular. Os estudantes também reconheciam as tentativas da gestão de deixar a escola o ambiente mais agradável, como quando realizavam o “Aulão da virada”, evento aguardado com ansiedade pelos alunos do terceiro ano, que consistia numa maratona de aulas realizadas durante uma madrugada, em um dia próximo ao ENEM, em que os professores se fantasiavam, realizavam aulas mais lúdicas e funcionava como marco na finalização da etapa escolar. No ano de 2020, devido à pandemia de COVID-19, em que as aulas presenciais foram suspendidas, a falta do aulão da virada de forma presencial foi muito lastimada pelos estudantes, pois realmente era um evento símbolo de finalização do terceiro ano.

Foi bem significativa a forma que os jovens expressaram sobre a qualidade dos professores e da própria instituição, ressaltando que percebiam que muitas práticas não eram intencionais para prejudicá-los, nem lhes causar sentimentos ruins, mas que, algumas vezes, era exatamente isso que acontecia. Muitos reconheciam que a escola e os docentes estavam sempre disponíveis para ajudá-los e buscavam oferecer o melhor.

PESQUISADORA SECUNDARISTA X: [Durante uma atividade que os jovens precisavam registrar espaços significativos para eles dentro da escola, uma das fotos foi tirada das produções dos alunos sobre a semana da consciência negra, que ficavam nos corredores da instituição] Que é uma forma da escola dizer que ela não se cala e não se omite diante dos problemas sociais. A outra foto foi da sala dos professores, a gente achou importante porque alguns, não todos os professores, são base de tudo, tem as decepções né, mas por isso que a gente bateu, porque são excelentes professores, ensinam muito bem, e alguns se importam com a gente.

PESQUISADORA SECUNDARISTA Y: A gente bateu foto da coordenação por conta da forma, né, que eles tentam se aproximar da gente, principalmente a questão dos DT, que é uma forma de os professores, a gestão, os coordenadores ficarem mais próximos da gente, conhecer mais a gente. Mesmo que seja um colégio grande com muitos alunos, eles tentam de alguma forma conhecer um pouquinho de cada um.

PESQUISADOR SECUNDARISTA H: Aí a outra que a gente tirou foi do diretor, o diretor do colégio, aí a coordenadora perguntou porque a gente queria tirar foto dele e ele "Porque eu?", aí a aluna disse "Porque você é a cara do colégio" e tal, aí ele ficou todo constrangido. Aí, na vinda pra cá eu fiquei pensando "ué, por que ele ficou tão constrangido assim?". Porque ele falou que, tipo, não é só ele que representa a escola, tem os alunos, junto com os outros professores, que não é só ele. Aí, tipo assim, "nossa, se você tirar foto de mim, tira com outro aluno, porque não é só eu que represento o colégio, e sim todo nós, todo mundo junto". (TRANSCRIÇÃO 2º ENCONTRO - TURMA DE SEXTA-FEIRA – 05/04/19)

Relataram sobre o apoio que um determinado professor tenta fornecer aos alunos, como forma de suporte às questões emocionais. Disseram que este docente pede para que os alunos escrevam em folhas de papel o que os incomoda. Recolhe os escritos e tenta ajudar da forma que consegue. Os secundaristas disseram que esse professor, que é diretor de turma, funciona de referência quando estão com algum problema. Inclusive disseram que esse professor sugeriu que os alunos também fossem para o jardim e conversassem até com as árvores, pois seria uma forma de

colocar para fora o que os angustiava. (DIÁRIO DE CAMPO DOS PESQUISADORES ACADÊMICOS – 8º DIA – SEXTA-FEIRA – REFERENTE AO GRUPO PRESSÃO PRÉ-VESTIBULAR – 07/06/19)

De um lado, os docentes afirmam ser a universidade pública um espaço de direito dos alunos e de necessária apropriação, colocando como aumento das chances das condições de vida dos jovens, e assim justificam todo o foco e envolvimento com o vestibular. Por outro lado, muitos estudantes não enxergam este espaço como único caminho possível e sentem falta de serem apoiados em outras escolhas. A dualidade exposta aqui, na verdade, na prática cotidiana, se reveste em algo totalmente imbricado, visto que muitos estudantes afirmam buscarem a escola justamente pela sua qualidade de ensino e característica de aprovar vários alunos no vestibular. Isto nos faz pensar sobre as relações construídas através da interação entre os alunos e os agentes escolares sobre as incertezas do futuro profissional. Uma das características das sociedades contemporâneas é o acentuado terreno de instabilidade e incertezas, causando tensões entre o presente e o futuro. “Esta incerteza e imprevisibilidade marcam, incontornavelmente, os percursos de formação e de trabalho das gerações mais novas e mesmo dos adultos ativos” (BAUMAN, 2006; MARRIS, 1996 apud GONÇALVES & COIMBRA, 2016)).

Parece-me que eles buscam a instituição como uma certa forma de “garantia” para algo que é colocado, inclusive socialmente, como o caminho mais “certo/certeiro”, mas que, incorporados no contexto atual de novas formas de inserção no mercado de trabalho, com a mídia, as redes sociais constantemente expondo novas possibilidades de “sucesso profissional” sem necessária formação superior, incentivos à cultura do empreendedorismo, da ideia de ser o dono de seu próprio negócio, é compreensível que haja certa instabilidade e insegurança durante esse processo, o que, possivelmente, também acomete os docentes, que acabam por assumir a responsabilidade pela orientação e acompanhamento dos jovens durante esse percurso.

4.2 Tensionamentos relacionados aos fatores socioeconômicos e às relações familiares

Outro ponto de tensionamento que atravessou o cotidiano escolar dos jovens e que foi enunciado durante nossa pesquisa foram as relações do processo de escolha profissional articuladas com o contexto socioeconômico e familiar. Como já relatado anteriormente, a Escola MovimentAÇÃO constitui-se em um espaço de heterogeneidade em relação às

condições socioeconômicas dos estudantes. De acordo com questionário biosociodemográfico aplicado em 31 pesquisadores secundaristas, antes de estudarem nesta escola, 16 jovens eram provenientes de ensino público e 12 de instituições particulares, 3 não responderam. Estes dados nos confirmam que nossa amostra de pesquisadores já apontava a multiplicidade de contextos e experiências vivenciadas pelos alunos.

Na fala geral pareceu que eles colocaram mais em pauta a questão de como o Estado e a própria escola está se esforçando para que todos tenham a oportunidade de frequentar aquele ambiente e, em um futuro, ingressar na vida acadêmica, pois muito foi falado da grande heterogeneidade que a MovimentAÇÃO apresenta, alguns alunos sequer tem dinheiro para a passagem, enquanto outros se locomovem de carro, para além disso, questões raciais foram mencionadas por eles. (DIÁRIO DE CAMPO PESQUISADORES ACADÊMICOS – 4º ENCONTRO - 17/04/2019)

Gonçalves (2006) analisa que a relação que os jovens estabelecem com os outros, seus pais, familiares, com a escola e a comunidade, permitindo a exploração das possibilidades do mundo do trabalho e da formação é essencial na construção das trajetórias profissionais, possibilitando seus sonhos e aspirações com relação ao trabalho. Para o autor, mesmo com o discurso social explícito que muitas vezes proclama a igualdade de oportunidades, não devemos ignorar que as possibilidades de acesso às oportunidades sociais de formação “sendo, em muitos casos, um privilégio que resulta de ter nascido num determinado contexto sociocultural, ou de pertencer a uma família com uma determinada configuração e estatuto socioeconômico e cultural” (GONÇALVES, 2006, p. 63).

Gonçalves & Coimbra (2000) abordam a condição socioeconômica como sendo uma variável extremamente importante na composição das opções de oportunidades, impactando, inclusive, no nível de aspirações que os jovens almejam. Nessa linha, os autores apontam que os estudantes provenientes de famílias com contextos socioeconômicos e culturais menos favorecidos e apresentam necessidades básicas de sobrevivência, muitas vezes são impossibilitados de expandirem seus tempos voltados para a formação acadêmica, precisando adentrarem com urgência em atividades laborais. Outro ponto destacado no estudo é que, em muitos casos, as expectativas dos níveis de formação, bem como as trajetórias profissionais difundidas no meio comunitário e familiar são referências para a perpetuação e reprodução das mesmas condições do grupo social o qual o jovem pertence.

Silva (2003) relata que os alunos de escola particular indicam em seus projetos o ingresso na universidade, enquanto os alunos da escola pública relatam sobre o ingresso no mercado de trabalho. Dessa forma é importante situarmos as realidades individuais e

contextuais de cada sujeito, a fim de não colocarmos todos dentro das mesmas condições, incentivando, por vezes, um futuro que não se adequa às necessidades familiares e socioeconômicas de muitos. Zeneida Kuenzer (2017) analisa que se considerarmos as necessidades da juventude brasileira de baixa renda, primordialmente marcada pelo ingresso no mercado de trabalho como determinante de sobrevivência, “ofertar-lhes uma única modalidade, idêntica à oferecida aos filhos das elites, é condená-los precocemente à exclusão” (p. 22).

Para Vautero, Pinto & Silva (2017) as relações familiares e parentais apresentam-se como condições importantes para a concretização do marco, que se constitui a escolha profissional. Os autores apontam a essencialidade do papel dos pais enquanto modelos educativos e profissionais, bem como atuantes “enquanto fontes de apoio, incentivo, informação, e pressão, e enquanto transmissores de motivação, encorajamento, interesses e valores” (p. 345). De acordo com este estudo e outros citados pelos autores (Schulenberg et al., 1984; Pinto & Soares, 2001; Whiston & Keller, 2004 apud Vautero, Pinto & Silva, 2017) as influências familiares são analisadas por algumas perspectivas, sendo algumas variáveis estruturais, que dizem respeito aos aspectos socioeconômicos, a educação parental e a situação profissional dos pais, e variáveis processuais, que se referem ao apoio, encorajamento e às expectativas parentais, bem como as formas educativas parentais e os tipos de comunicação e interação estabelecido entre pais e filhos.

É importante ressaltar a complexidade do papel da família quando relacionado à influência no processo de escolha profissional, sendo esta interferência afetada por diversos fatores do contexto dos sujeitos, como raça, idade e gênero (VAUTERO, TAVEIRA & SILVA, 2020). No entanto, Leitão et al. (2013) alertam para o peso dos fatores socioeconômicos familiares sobre a escolha da área de estudos ou trabalho. Um ponto importante trazido pelo estudo é que, dependendo do país e das políticas públicas aplicadas, o acesso a determinadas carreiras, principalmente as que apresentam melhores remunerações, exigem maior investimento na formação dos filhos, o que famílias com recursos escassos não teriam como despendar. Portanto, os jovens provenientes de famílias que lhes possibilitem maior suporte financeiro possuem mais possibilidades de seguir seus reais interesses profissionais, deixando explícito, dessa forma, que a área de estudos ou profissão a ser acaba por ser atravessada por fatores sociais, financeiros, demográficos e políticos.

Conforme indicado por Alfredo (2006) ao debruçar seus estudos sobre os sentidos e os significados desenvolvidos em espaços ou situações de escolha na escola, há pouca

reflexão sobre esta escolha, e tal ausência caracteriza-se pelo fato de serem desconsiderados o trabalho e os múltiplos fatores socioeconômicos que mobilizam as atividades humanas. Dessa maneira, segundo a autora, a abordagem da profissão é realizada de maneira descontextualizada, o que ela nomeia de “profissão coisa”. Como consequência, Alfredo (2006) indica que os sujeitos são desapropriados de seus processos e histórias. A relação entre os sujeitos e o trabalho tem enfrentado grandes mudanças com a globalização, as mudanças econômicas e as novidades surgidas no mercado de trabalho. Lehman (1988) questiona a real possibilidade de os indivíduos terem direito a uma escolha profissional ou se não estariam, apenas, seguindo regras de um jogo, fazendo aquilo que a realidade do mercado de trabalho oferece.

A seguir, um trecho de um dos nossos encontros, situação em que uma jovem falou sobre seu interesse em cursar universidade, evidenciando, inclusive, que escolheu a Escola MovimentAÇÃO por esta ser reconhecida pelo seu foco em aprovação no ENEM. No diálogo, outros alunos comentam acerca de sentirem falta de um trabalho mais voltado para o conhecimento das possibilidades profissionais, relatando que sentem que a escola estaria interessada apenas na construção e divulgação de resultados.

PESQUISADORA UNIVERSITÁRIA A: Então eles querem que vocês entrem na faculdade independente do curso?

Todos concordam.

PESQUISADORA SECUNDARISTA G: Todo mundo que entra aqui, tipo, que dorme ali na quadra para ser aprovado é porque que a pessoa quer o ENEM, quer passar no vestibular.

PESQUISADORA UNIVERSITÁRIA A: Então acaba influenciando né?

PESQUISADOR SECUNDARISTA F: Eles nem perguntam qual é o seu trabalho ideal.

PESQUISADORA SECUNDARISTA G: Tem aquela galera que só foi transferida, não quer nada na vida, mas eu dormi naquela quadra porque eu quero passar na UFC. (TRANSCRIÇÃO 8º ENCONTRO – TURMA DE QUARTA - 05/06/19)

A ideia de estudar nesta instituição aparece como uma condição promissora de aprovação no vestibular, ou seja, entrar na universidade para muitos significa tentar romper com o ciclo da exclusão que você narrado anteriormente. Por muitos anos a escola foi palco de filas enormes, alunos dormindo na quadra nas vésperas de iniciarem as matrículas, a fim de garantirem suas vagas, principalmente sob a lógica de elevarem as chances de alcançarem sucesso no adentro às universidades públicas. Atualmente, a obtenção de vagas na MovimentAÇÃO é realizada através de sorteio, a fim de oferecer possibilidades mais “justas” para a matrícula. Não precisando mais que as famílias se exponham a situações perniciosas.

A [pesquisadora acadêmica L] perguntou ao [pesquisador secundarista R] como tinha sido para ele conseguir a vaga na MovimentAÇÃO. Ele comentou que não foi tão fácil, que teve que ir à escola algumas vezes para “mostrar que tinha interesse”, também contou que conseguiu a vaga para o irmão, que não tinha sido sorteado. (DIÁRIO DE CAMPO PESQUISADORES ACADÊMICOS – GRUPO DE SEXTA - 03/05/2019)

A busca pela melhora das condições socioeconômicas para os jovens e seus familiares trazem para o cotidiano escolar algumas particularidades que fazem dessa micropolítica um terreno tão infinito em suas singularidades. Um exemplo dessa especificidade diz respeito à distância que os jovens percorrem até chegar à escola. A pesquisa realizada pela equipe “Desgaste de um adolescente em sua vida acadêmica” apontou que 55,6% dos alunos justificaram que a distância de casa até o colégio é o maior motivo de desgaste em suas rotinas, visto que residem em bairros distantes da instituição. Comumente, os estudantes de escolas públicas são matriculados em instituições próximas a seus bairros, no entanto, a MovimentAÇÃO apresenta esta particularidade heterogênea, também, relacionada aos locais de moradia dos estudantes. Qual seria o motivo de exposição a este desgaste de precisarem enfrentar horas para deslocamento, geralmente em transportes públicos? A ideia de um “sucesso” futuro aparece de forma frequente nos relatos dos jovens, que retratam o alto desgaste causado pela distância.

É porque assim pessoal a gente colocou essa questão na pesquisa “O que mais desgasta o aluno do MovimentAÇÃO?”, o mais destacado foi a distância da casa até a escola, porque o MovimentAÇÃO é um colégio que passa mais de 400 alunos por ano nas universidades, então querendo ou não tem uma disputa muito grande, então querendo ou não, acaba que alguns alunos vêm de Maracanaú, vem de Caucaia... tu é de Maracanaú né? [referindo-se a outro aluno] olha aí, de Maracanaú! Eu sou da Messejana, do outro lado da cidade. Aí o segundo lugar foi o tempo que você passa na escola porque tem gente que estuda de manhã e faz o pré-vest à noite. É muito inviável para mim ter que sair do colégio, ir para Messejana, ir para Messejana voltar para o colégio... Então eu passo o dia todo! eu acordo 5 horas da manhã e chego em casa 11 horas da noite isso é muito desgastante. (TRANSCRIÇÃO DE ENCONTRO COM PDT'S - 12/08/19)

É notável a preocupação dos jovens em adquirir uma profissão que lhes confira sucesso. O medo relacionado ao futuro diante da insegurança e incerteza relacionadas ao mundo de trabalho, reconhecendo a realidade de desemprego estrutural e precariedade do trabalho em várias áreas fazem com que, segundo Gonçalves & Coimbra (2016), os jovens sintam-se, frequentemente, com medo de arriscarem e configurarem suas trajetórias de vida, muitas vezes modificando ou adiando seus projetos. A noção real desta instabilidade é visualizada não apenas pelos jovens, mas também pelos adultos, pelas instituições escolares e

seus agentes, que tentam criar formas de alcançar uma maior garantia de estabilidade. No entanto, estas tentativas são interpretadas, como abordamos no tópico anterior, de diferentes formas entre os alunos e os agentes escolares.

PESQUISADORA SECUNDARISTA G: É porque assim, eu quero ser jornalista, mas aí eu fico pensando “meu deus eu vou morrer de fome, porque que eu não quero medicina?”

PESQUISADOR SECUNDARISTA F: É, deveria ser por escolha.

PESQUISADORA UNIVERSITÁRIA A: Essa pergunta, eu não sei como é aqui na escola, se ela influencia a fazer o que ama...

PESQUISADOR SECUNDARISTA M: Não muito.

PESQUISADORA SECUNDARISTA G: Ela fala assim: faça uma faculdade.

PESQUISADOR SECUNDARISTA F: Faça uma faculdade e tenha um trabalho.

PESQUISADORA SECUNDARISTA G: Eles querem que você faça ENEM para ter o nome da escola.

PESQUISADORA SECUNDARISTA E: É porque você fica tipo: o que eu quero fazer dá dinheiro?

PESQUISADOR SECUNDARISTA F: Isso é uma parada interessante, porque é o seguinte, se a escola investe pra você fazer uma faculdade, não importa se você já fez ou não, independentemente de você ganhar dinheiro ou não, ela quer que você tenha um trabalho.

PESQUISADOR SECUNDARISTA M: Eu acho que a escola ela se preocupa mais em aprovar mais alunos para dar status para escola do que motivar você a fazer algo que você goste. (TRANSCRIÇÃO 8º ENCONTRO - TURMA DE QUARTA 05/06/19)

Parece que querer “colocar o filho do trabalhador” nos bancos universitários, desejo político sem dúvida legítimo, de uma escola que prima na discussão da cidadania, acaba por não problematizar o próprio desejo dos jovens. Quais são as expectativas desses alunos com relação à profissão? Como eles se projetam em suas vidas profissionais? O que, de fato, desejam? Questionamentos que para muitos permanecem ausentes na vivência da rotina escolar.

Para Gonçalves (2006) existe uma evidente influência do contexto familiar, mais especificamente dos pais, na construção das trajetórias profissionais dos jovens, ressaltando que a qualidade destes projetos irá depender das possibilidades que os núcleos familiares proporcionarem ou inviabilizarem, sobressaindo-se a necessidade dos apoios emocionais e materiais. Dessa forma, podemos inferir que as construções dos caminhos para escolha profissional estão localizadas numa rede que inclui os projetos familiares, que, por sua vez, são construídos em ações conjuntas, imersas numa realidade social, econômica e cultural.

PESQUISADOR SECUNDARISTA F: É porque tem uma parte dos pais, tipo, a maioria prefere que o filho cresça tendo dinheiro, mas tem a maioria também que prefere que eles sejam realizados mesmo sendo um professor, um Jornalista...

PESQUISADORA SECUNDARISTA G: Minha mãe quer que eu ganhe dinheiro.

PESQUISADOR SECUNDARISTA M: Tem um amigo meu que ele é novo né, e o pai dele quer que ele seja advogado. Aí eu perguntei lá na sala que eu dou aula[referindo-se a um projeto no qual este jovem ministra aula], “tu quer ser o que cara?” aí ele disse que queria ser advogado, aí eu perguntei se ele gostava de ler, ele disse que não. (TRANSCRIÇÃO 8º ENCONTRO - TURMA DE QUARTA 05/06/19)

PESQUISADORA ACADÊMICA L: Antes era jornalista?

PESQUISADORA SECUNDARISTA S: É, antes era jornalista. Agora eu tô em dúvida. Estou na fase da crise já (risada)

PESQUISADORA SECUNDARISTA A: Ai, antes eu também tinha o sonho de ser jornalista, né? Ai eu dizia para minha bisa, né? Que ia ser jornalista. E ela “Ai eu vou adorar te ver na televisão, fazendo jornalismo, não sei o que”. Aí quando eu disse a ela que ia mudar de profissão, aí ela “Poxa, eu tinha ficado tão feliz achando que eu ia te ver no jornal, não sei o quê”.

PESQUISADORA SECUNDARISTA G: Poxa, eu vou ter que mudar de faculdade agora já (risadas). [referindo-se à situação que a colega relatou sobre a decepção de sua bisa] (TRANSCRIÇÃO 8º ENCONTRO - TURMA DE SEXTA 07/06/19 - EQUIPE “O HOJE AFETANDO O AMANHÃ”)

Acerca do envolvimento dos pais com a rotina dos jovens, a equipe “Pressão Pré-vestibular” observou, de acordo com as respostas que obteve em seus questionários, que 63,3% dos alunos responderam que não contam com a participação dos familiares em suas rotinas. Podemos pensar em algumas hipóteses para tal ausência, tais como a impossibilidade de tempo dos pais de acompanharem de perto as atividades, visto que muitos trabalham em tempo integral, a própria noção de que os jovens já estão em idade de assumir a responsabilidade sobre suas atribuições estudantis, bem como a possível falta de conhecimento dos responsáveis acerca das matérias escolares e sobre as questões atuais relativas aos vestibulares e afins.

Em estudo realizado por Carvalho & Taveira (2009), abrangendo 119 participantes (16 pais, 46 alunos, 34 professores e 23 profissionais de orientação), ficou evidente que a respeito das influências parentais, os jovens afirmam que “os pais exercem a sua influência, diretamente, através da relação que estabelecem com os filhos, e, indiretamente, através das atividades que promovem e em que participam na sua relação com o meio” (p. 37). Os participantes consideraram importante que os pais colaborassem com a escola, em busca de conhecerem melhor os filhos, se apropriassem de informações que ajudassem os alunos na resolução de seus problemas, fornecendo-lhes apoio, acompanhamento e colaboração com a escola. Com isso esperam melhorar suas experiências de autonomia e responsabilidade durante o processo de decisão profissional, bem como experimentar sentimentos de aprovação e incentivo, além de aumentarem o prazer pelo estudo e as possibilidades de sucesso na escolha realizada.

Os jovens relatam se sentirem pressionados em obter resultados positivos no vestibular para poderem atender as expectativas dos pais que, no contexto do público da

escola MovimentAÇÃO, entendem o ingresso na universidade como possibilidade de sucesso profissional. Também se configura como ponto de preocupação para os jovens a ascensão financeira, conferindo elevada importância à aprovação no vestibular, que é colocada como “solução da vida”.

PESQUISADORA SECUNDARISTA X: a gente fez aquela pesquisa básica e tivemos fatores que influenciam esse desgaste de ansiedade pressão psicológica de professores e pais no quesito de você precisar entrar numa faculdade. Você Não Pode falhar. Essa é a solução da sua vida e você tem que ir, e a dos Pais porque eles querem que o filho faça a faculdade dos sonhos e o filho como o papel dele ele quer agradar os seus pais. Tem também no meio a questão financeira. Escolhemos esse tema [Equipe “Desgaste de um adolescente em sua vida acadêmica”] porque faz parte da nossa realidade e seria muito importante saber o lado dos alunos. A nossa preocupação é com a saúde mental dos alunos. (TRANSCRIÇÃO DE ENCONTRO COM PDT’S, 12/08/19)

Alguns obstáculos são colocados pelos estudantes como dificultadores para a rotina estudantil e para alcançarem êxito no vestibular. Os jovens apontam que se sentem prejudicados e em desvantagem devido a condição de alunos de escola pública. Relatam se enxergarem em posição inferior socioeconomicamente, com notas mais baixas que os estudantes de instituições particulares, relacionando tais fatores à qualidade do ensino público ou mesmo às condições de suas rotinas, que muito diferem dos alunos que possuem melhores condições financeira

PESQUISADOR ACADÊMICO J: O que é que vocês estão chamando de obstáculos na vida do estudante? Como vocês veem esse obstáculo na vida do estudante?

PESQUISADOR SECUNDARISTA F: Tipo, inferioridade da situação socioeconômica deles, como os alunos da escola pública, as notas, são inferiores das de escolas particulares, mas aí tanto pode ser pela educação pública ser inferior à particular, ou tanto porque tipo, eles têm trabalho, os alunos que têm menos têm que trabalhar mais, eles começam cedo trabalhando e já desistem cedo...

PESQUISADOR SECUNDARISTA F: Porque aí você não passando no ENEM, não passando numa faculdade, você (...) não é a meta que você quer...

PESQUISADORA ACADÊMICO S: Apareceu outro fator, a pressão psicológica, aí começa a entrar a história da inferioridade, é isso?

PESQUISADOR SECUNDARISTA F: Não é nem com relação a você tipo, a própria escola rebaixar, porque os professores são bons, o ensino é bom, o difícil é que você tem que acompanhar essa galera, ter a mesma motivação que eles, você não se integra tanto quanto os outros... é mais pela exclusão. (TRANSCRIÇÃO 5º ENCONTRO - TURMA DE QUARTA - 08/05/19)

O processo de escolha profissional envolve a compreensão de múltiplos fatores, tais como as habilidades, aptidões, formação educacional, entrelaçadas aos valores pessoais e crenças familiares. Tudo isso imerso em um contexto social, político, cultural e econômico (LEVENFUS & NUNES, 2016). Considerando o âmbito familiar como o primeiro contato

que experienciamos saberes, afetos e onde estruturamos a raiz para nossas relações conosco e com o mundo, é imprescindível considerarmos esta instituição como fundamental na construção profissional dos jovens.

Além do olhar voltado para a própria configuração familiar, alguns estudos (CARVALHO & TAVEIRA, 2009; GONÇALVES & COIMBRA, 2016; SOBRAL, COIMBRA & GONÇALVES, 2009; GALAMBOS & SILBEREISEN, 1987) trazem as dificuldades socioeconômicas e desemprego parentais como forte influenciadores na relação do sujeito com sua escolha e desenvolvimento profissional.

A redução do salário dos pais, causada por mudança no emprego ou situação de desemprego, como fator que precipita a crise no sistema familiar já teria sido estudada no âmbito da sociologia. Verificaram que a redução de salário aumentará o pessimismo parental que, por sua vez, repercutir-se-á na diminuição de expectativas de sucesso dos filhos (sendo este efeito particularmente verificado nas meninas), tendo igualmente consequências no que diz respeito às crenças pessoais dos adolescentes acerca da sua probabilidade de sucesso ou satisfação profissional. Se os pais, face à sua redução de salário, desenvolverem uma crença generalizada de que um futuro feliz e bem sucedido será dificilmente alcançável, poderão transmitir aos seus filhos uma visão pessimista do seu próprio futuro ocupacional. No entanto, este efeito poderá ser minimizado pela existência de boas relações pais-filhos, uma vez que “apesar de uma forte diminuição do salário, as crianças que possuem boas relações com os seus pais não experienciam efeitos adversos oriundos das preocupações financeiras” (GALAMBOS & SILBEREISEN, 1987 apud SOBRAL, COIMBRA; GONÇALVES, 2009)

A importância de proporcionarmos visibilidade a estes tensionamentos envolvendo as relações familiares e socioeconômicas, que estão intrinsicamente interligadas, nos aproxima mais da realidade contextual vivenciada por muitos jovens em nosso país. Como podemos vislumbrar um caminho único, seja universitário ou qualquer outro, para realidades que se instauram de forma tão diferentes? Os caminhos podem ser diversos, diferentes, mas não precisam, necessariamente, serem desiguais. Entendemos que a escola tenta diminuir as desigualdades, e isso é legítimo, mas parece esquecer da possibilidade de singularizar as escolhas, de trabalhar a diversidade também com relação aos caminhos laborais.

4.3 Tensionamentos referentes à relação do jovem consigo

Esse analisador está relacionado aos relatos dos jovens pesquisadores acerca da pressão que depositam sobre si mesmos em virtude, segundo estes, do sucesso que devem e precisam alcançar. A produção de subjetividade na sociedade capitalista contemporânea

carrega nos ombros o peso da rapidez, do imediatismo, e autorresponsabilização sobre os acontecimentos de suas histórias. Neste contexto, é compreensível que vejamos os jovens vivenciarem esta pressão relacionada ao processo de escolha profissional, que não se constitui em algo imediato, nem pré-concebido, mas sim em uma construção.

Quando nos propomos a analisar os tensionamentos referentes à relação do sujeito consigo, não nos limitamos a realizar uma análise do indivíduo com o próprio umbigo, mas sim problematizar os tensionamentos surgidos em virtude dos novos modos de subjetivação decorrentes da cultura do empreendedorismo, amplamente difundida atualmente. Como vem sendo internalizada a ideia do “só depende de mim”.

Durante vários anos o papel do estudante em finalização da fase escolar foi o de escolher um curso de formação, seja de nível superior ou técnico, a depender de suas condições e realidade individual, depois conseguir um emprego em sua área e mantê-lo. Ou mesmo, independente de formação acadêmica, a ideia era de alcançar uma colocação no mercado de trabalho, que garantisse seus direitos trabalhistas, e este espaço laboral seria visto como uma grande oportunidade, funcionando, muitas vezes, como uma extensão de si, ao qual o indivíduo seria “fiel” para o resto da vida. No entanto, atualmente, conforme apontado por Ribeiro et al (2016), apesar desse modelo ainda vigorar, não se configura como predominante, nem como mais valorizado nos modos contemporâneos. Hoje se fala sobre “a insuficiência da formação para a atuação no mercado de trabalho, a necessidade de aprendizagem contínua e a mudança constante, a relativa descartabilidade das pessoas, a existência e consolidação de outras formas de vínculo ao mercado de trabalho” (p. 16). Os autores apontam para o incentivo às formas de trabalho terceirizado, ao *home office* (modelo em que o trabalhador desempenha suas atividades de casa e que, de acordo com o que temos vivenciado atualmente, muitas vezes, recebemos uma carga bem maior de demandas, visto que os horários de expediente e pessoais acabam se confundindo), ao microempreendedorismo individual e à multifuncionalidade.

Acerca dos modelos contemporâneos vigentes, Sibilia (2012) aponta para a “transferência hierárquica e disciplinar do saber: A solução agora está nas mãos de cada indivíduo, que deve administrar seus conhecimentos e ‘autoajudar-se’ a aprender sem ter de reconhecer a uma autoridade com investidura institucional” (p. 127). Esta forma de ser e estar no mundo, valorizando a ideia do comportamento empreendedor, alcança a escola e a vida dos sujeitos, não sendo mais exclusividade do mundo empresarial. São valorizadas características de inovação, iniciativa, flexibilidade, resolução de problemas, motivação,

resiliência e, um dos pontos principais, a autorresponsabilização dos sujeitos com relação aos acontecimentos: “só depende de você”. O “sujeito da própria história”, seria capaz de mudar o mundo quando toma consciência do que é capaz. “Tudo se passaria como se, percebendo a dominação, a força do outro, o sujeito pudesse lutar e chegar, talvez um dia, à condição paradisíaca (e originária) de sujeito uno, pleno de poder” (FISCHER, 2001, p. 207). Este tensionamento também atravessou a presente pesquisa:

PESQUISADORA SECUNDARISTA M: Eu acho que a gente até anotou isso no caderno, que é uma pressão gerada pela sociedade e que às vezes nem é o que a gente quer, porque a gente às vezes que é uma coisa além que só passar no ENEM, a gente tem alguma coisa diferente. É... a gente anotou isso aqui que é... é que a gente acabou vendo quando a gente sai do ensino médio a gente sai com pensamento de uma máquina. Aquele pensamento no geral a gente percebe que é um pensamento imposto pela sociedade, isso é um padrão que a gente acaba seguindo onde a gente quer ser uma pessoa que tenha um certo padrão social onde a gente tem que ter um carro, uma casa, marido ou uma esposa, filhos, você tem que ter uma estabilidade financeira. Eu acho que o que a gente quer falar, basicamente, não sei, eu não consegui... eu não consegui... não consegui pensar. Eu acho que é a pressão que a gente sofre para ser bom suficiente para a sociedade e não para nós mesmos. (TRANSCRIÇÃO 5º ENCONTRO - TURMA DE SEXTA - 10/05/19)

O relato dessa aluna ratifica as influências, muitas vezes absorvidas como imposições, de alcançar um padrão social de sucesso. Esta ideia de conquista é referida pela jovem como uma busca que diz mais respeito ao outro, a uma sociedade, do que, propriamente, a si. A concepção de “ser bom suficiente para a sociedade e não para nós” é carregada de um peso e de um injusto parâmetro. Se já não bastasse ter que “ser bom”, tem que ser “suficiente” para os padrões sociais impostos. E como saber o que, de fato, é bom se isso é tratado de forma tão generalista? É bom para quem? Em sua reflexão a estudante refere que seria bom para a sociedade. Mas a sociedade saberia mesmo o que é bom? A lista de necessidades para alcançar esse status é bem ampla, impossível de ser encaixada em todas as realidades, além de ser temporal e contextual.

Veiga Neto (2003) salienta a postura da escola na contemporaneidade como formadora de consumidores, prática intrinsecamente relacionada aos ideais neoliberais, nos quais estamos cada vez mais envolvidos. O autor aponta a dificuldade de escaparmos do frequente bombardeamento da mídia, que nos incentiva de forma implícita e explícita ao desejo de consumir, construindo a ilusão de que somos livres para realizarmos as escolhas que fazemos. “Somos ensinados a desejar e a imaginar que somos livres...” (p. 124).

Por diferentes vias chega aos jovens a ideia de que precisam realizar uma escolha certa, que lhes confira boa remuneração, prestígio social, satisfação pessoal, transformando-lhes em alguém de “sucesso”. Esta necessidade, no entanto, muitas vezes vem de meios externos ao estudante, como a família, a mídia e a escola. É comum que alguns alunos nem se sintam genuinamente prontos para realizar tal escolha, mas assumem a expectativa de uma decisão imposta socialmente.

Depois de discutido a definição, as meninas começaram a falar possíveis temas de pesquisa (...) elas falaram sobre a preocupação em não passar no Enem e o que viria depois, da ansiedade e o stress que os alunos sentem. Eu perguntei se elas sentiam que essa pressão é colocada pelos profissionais da escola, responderam que pelo contrário, o MovimantAÇÃO procurava deixar eles bem confiantes e motivados, ainda disseram que a pressão seria colocada por eles mesmos e pela “obrigação” de ser aprovado para ajudar a família. Falei, então, que se elas pesquisarem sobre isso, elas poderiam pensar juntas com a escola maneiras de diminuir a ansiedade e stress com relação ao Enem. Elas entenderam que através do resultado e divulgação dos dados da pesquisa, esta poderia surtir efeito no cotidiano da escola. (DIÁRIO DE CAMPO PESQUISADORES ACADÊMICOS – GRUPO DE SEXTA -29/03/19)

Associada à ideia de que necessitam, no ensino médio, realizar uma “escolha certa” Mansano (2011) discute acerca da expectativa construída socialmente acerca da “liberdade de escolha” atribuída aos indivíduos. A autora questiona se, de fato, existir tal liberdade “como poderíamos analisar aquele jovem que escolhe não se envolver com o tema nesse momento de sua vida? E se ele preferir, em nome dessa liberdade, ‘curtir a vida’ antes de pensar em formação ou trabalho?” (p. 71). Como vimos nos exemplos citados nos tópicos anteriores, a ideia de não seguir o caminho proposto e considerado correto socialmente não é visto como uma decisão que possa ser tomada livremente, cabendo aos estudantes que não pretendem seguir a sequência escola-universidade-trabalho a exclusão em seus meios sociais.

Os discursos atuais põem como condição central o sujeito que “basta querer” e que só precisa de “foco, força e fé”. Incentivam a ideia de “trabalhe enquanto eles dormem, que assim terá o que eles sonham”, transformando o indivíduo num eterno consumidor que estar certo que “tem que” e “precisa de” algo que nem ele mesmo sabe o que é. Na fala a seguir observamos que o aluno coloca como questionamento as ideias de “precisar entrar na universidade” e “ter que fazer isso”.

PESQUISADOR SECUNDARISTA F: E entramos em outras coisas como a pressão e, como já foi apontado por outras equipes, que o colégio mesmo fala que 'você precisa entrar na universidade', 'você tem que fazer isso' e até comentado pelos alunos que existem outras opções como, por exemplos: cursos profissionalizantes, concurso, até mesmo conclusão de um curso específico. (TRANSCRIÇÃO DE ENCONTRO COM PDT'S, 12/08/19)

O sujeito passa a ser responsabilizado e convertido em consumidor e empresário de si mesmo, propagando-se a ideia de que cada pessoa pode e deve ser capaz de se capacitar, administrar sua carreira e otimizar seus próprios recursos, o que diminui a necessidade e responsabilidade da intervenção pública (SIBILIA, 2012).

Acerca dos exames vestibulares, que nesse trabalho abordamos com maior frequência o ENEM, visto que este serve de porta de entrada para as universidades federais e algumas estaduais de todo o Brasil, mas também nos referimos ao vestibular próprio realizado pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) que também é opção para vários alunos da Escola MovimentAÇÃO. Apesar dos conteúdos exigidos para ingresso através do ENEM embasar os currículos dos Ensinos Fundamental e Médio das instituições escolares do país, este exame funciona de maneira excludente para as especificidades de cada contexto, desprezando características regionais e as impossibilidades de acesso a determinados conhecimentos, por exemplo. Considerar o resultado dessas provas como balizador de sucesso ou fracasso seria, no mínimo, incoerente e injusto.

Muitas vezes já acompanhei em minha trajetória como psicóloga clínica e escolar histórias de alunos que conseguiam excelentes resultados durante toda a trajetória escolar, mas que não conseguiram uma vaga nas universidades porque no dia da prova ficaram emocionalmente abalados, ansiosos, inseguros, com a ideia de que aquele dia seria o divisor de água de suas vidas. Para uma outra tentativa precisam aguardar um ano todo para terem novamente serem aprovados. Considerando que nem todos possuem a possibilidade de aguardar um ano no limbo, em que nem pertencem à condição de estudantes de nível básico, nem são universitários, muitos jovens acabam por ter apenas uma oportunidade mesmo e, caso não consigam êxito, precisam desistir de tentar para partirem logo para o mercado de trabalho. Algumas vezes, caso seja o curso superior de muita valia para estes estudantes, pagam faculdades particulares e seguem administrando concomitantemente uma rotina de trabalho para ter um ganho financeiro e poder custear os estudos.

Com base nos tópicos abordados anteriormente nesse capítulo, todo esse processo está longe de envolver apenas o aluno. O vestibular evoca expectativas da família, dos amigos, da escola, fazendo com que o jovem se sinta ainda mais pressionado por um bom

resultado. Para os alunos oriundos da rede pública, com base em nossa amostra da Escola Movimento, a insegurança e sentimento de pressão sobre si são pontos de tensionamento dentro da micropolítica do cotidiano escolar. Barros (2014) aponta que “os principais argumentos de muitos adolescentes para justificar a falta de interesse pelos exames é a crença de que não são capazes de conseguir bons resultados ou de competir com alunos de outras escolas (p. 1066).

A legitimidade do mérito, portanto, exerce uma dupla ação: para os que alcançaram êxito nos mecanismos de seleção, o resultado é considerado justo, sendo compensado pela conquista de uma vaga na IES e pelo reconhecimento por parte das pessoas. Para aqueles que não obtiveram sucesso, o mau resultado é considerado merecido, pois todos são levados a crer que os candidatos tiveram oportunidades iguais, mas somente os melhores souberam aproveitá-las, se prepararam adequadamente e se esforçaram. (BARROS, 2014, p. 1084).

Ribeiro Neto (1985) compara o processo seletivo do vestibular a uma fita de chegada de uma corrida, que precisa ser cruzada pelos jovens. Para o autor “será ilusório pretender-se que ela possa ser igualmente justa para todos os competidores que, na verdade, partem de marcas diversas, às vezes muito distanciadas entre si, e quase sempre percorrem caminhos distintos” (p. 48). No entanto, nos modos de viver contemporâneos, é como se fosse exigido que, mesmo sendo visível que alguns estudantes largam de pontos diferentes e distantes e percorrem trilhas com vários obstáculos, enquanto outros saem de suas marcas mais próximas da linha de chegada, com auxílio de seus treinadores e possuem toda a pista livre, todos precisam acreditar que possuem as mesmas chances. Como aceitar a ideia de “só depende de você” conhecendo as condições desta “corrida”? Esta forma de competição valoriza apenas o resultado e exclui como é construído e vivenciado todo o processo.

Mansano (2011) cita Guatarri e Rolnik (1996) para se referir à produção de subjetividades no contato com as profissões. Ratifica a ideia dos autores que as concebem como um processo produzido a partir de vários elementos subjetivos, tais como a linguagem, a mídia, o trabalho, os valores em vigência atualmente, sendo estes componentes postos em circulação pelo coletivo, assumindo, também, uma especificidade temporal. Dessa forma, insistimos o quanto o meio familiar, o contexto social, econômico, a produção midiática e vários outros meios sociais são presentes e decisivas na construção das trajetórias profissionais (MANSANO, 2011).

Durante a construção da nossa pesquisa, no momento em que os pesquisadores secundaristas estavam escolhendo seus temas de investigação, uma das equipes pensou na

proposta de investigar “‘como a escola ajudaria as pessoas a serem elas mesmas e não aquilo que a sociedade quer que elas sejam’, mas não sabiam como operacionalizar o que chamavam de próprio da pessoa e o que era mesmo imposto pela sociedade” (DIÁRIO DE CAMPO 5º ENCONTRO – TURMA DE SEXTA - 10/05/2019). As estudantes tiveram dificuldade em pensar acerca dessa separação que, de fato, não é possível ser vista de forma dicotômica, considerando que somos inteiramente atravessados por várias contingências do meio social. No entanto, fica evidente que as jovens sabiam que existe uma influência direta do ambiente sobre suas tomadas de decisão e, apesar de não terem focado suas pesquisas neste único questionamento, encaminharam seus estudos para a pressão pré-vestibular e, de forma mais abrangente, trataram das questões das pressões vivenciadas durante este período. Como dados obtiveram que 100% dos alunos se sentem, pelo menos, um pouco frustrados com os estudos, 66,7% disseram se sentir pressionados por si mesmo com relação à aprovação no vestibular (mais do que pela escola, família ou meio social) e 85,2% afirmaram estarem sendo afetados emocionalmente por conta desta pressão imposta.

Os ideais neoliberais agem sobre a subjetividade humana propagando que todos devem se adaptar às diversas situações impostas à sua própria vida ou na esfera do trabalho. A existência passa a ser centrada na eficácia produtiva e na flexibilidade individual, bem como nas capacidades de bom gerenciamento afetivo, em busca do sucesso pessoal. Cada vez mais a economia assume um valor central nas histórias dos sujeitos (LAVAL, 2004). A ideia é que cada um se autodiscipline e a instituição escolar, imersa nesse sistema, assume a função de prezar pelo aumento da produtividade, incentivando “a noção de ‘aprendizado ao longo da vida’, estreitamente associada as de eficácia e performance, ou ainda a de competência, que fazem passar a lógica econômica dentro da lógica escolar em nome de uma prática do saber útil” (LAVAL, 2004, p. 45). Concentra-se a ideia de uma aprendizagem contínua, em que o indivíduo passa a ser um eterno aprendiz. O autor analisa a ideia de aprendizagem contínua com base no que propõe a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE):

O aprendizado durante a vida deve responder a vários objetivos: favorecer o desabrochar pessoal; enriquecer os lares (em particular durante a aposentadoria); reforçar os valores democráticos; encorajar a vida coletiva; manter a coesão social e favorecer a inovação, a produção e o crescimento econômico. (OCDE, 1995, p. 15 apud LAVAL, 2004, p. 48).

Seguindo esta lógica, transmite-se a ideia de capitalismo como uma prática flexível e libertadora, quando o que observamos é que todo esse esforço para desenvolver sujeitos autoresponsabilizados serve muito bem à ótica da eficácia produtiva. Tal esquema busca responsabilizar os indivíduos por sua obrigação de aprender, indo além, aprender a aprender. “O indivíduo é batizado com um aprendiz (ao longo da vida), a aprendizagem é um investimento no próprio capital humano do indivíduo, e os cidadãos-como-aprendizes ativos carregam a responsabilidade vitalícia de encontrar o seu próprio emprego” (MASSCHELEIN & SIMONS, 2018, p. 111).

Nessa perspectiva são desenvolvidas as ideias de aprendizagem por competência, muito em alta nos discursos educacionais atuais. Para Laval (2004) nesta concepção busca-se a utilidade produtiva do sujeito, “a competência está estreitamente conectada com a exigência de eficácia e de flexibilidade solicitada aos trabalhadores na ‘sociedade da informação’” (p. 55). Para Masschelein & Simons (2018), de forma implícita ou explícita, a escola tem o objetivo de formar pessoas “empregáveis” na sociedade, na universidade ou no mercado de trabalho.

Os alunos foram chegando aos poucos, o primeiro a chegar foi o [Pesquisador secundarista R], da equipe do tema “Tabu: somos iguais nas diferenças”. A [Pesquisadora acadêmica L], perguntou como tinha sido a semana de provas e ele comentou sobre as provas, que são no modelo Enem, e conversou com a pesquisadora sobre o Enem e sobre os cursos que pensava em fazer. Ele comentou que tinha vontade mesmo era de cursar história ou filosofia, mas como acha que esses não são cursos que oferecem uma boa perspectiva financeira, escolheu tentar primeiro a faculdade de direito. (DIÁRIO DE CAMPO PESQUISADORES ACADÊMICOS – GRUPO DE SEXTA - 03/05/2019)

O relato desse aluno nos evoca algumas reflexões. A primeira é acerca da desvalorização frequente que as áreas relacionadas às ciências humanas vêm sofrendo atualmente. A segunda diz respeito à ideia deste jovem de abrir mão de algo que, verdadeiramente se identifica, em prol de uma profissão que está mais dentro dos padrões mercadológicos, servindo, muitas vezes às elites, por isso mais valorizada e, conseqüentemente, melhor remunerada. Será que este aluno teve espaço em sua formação escolar para discutir tal questão? Será que se tiver havido esse lugar, este estudante teve seu plano reforçado? Me pergunto se a instituição, destinada a formar sujeitos empregáveis, estaria preparada para auxiliar com uma questão como a desse jovem.

A realidade é que é muito difícil que assumamos posturas que forneçam garantia de qualquer sucesso em uma sociedade tão volátil e imprevisível. Assumir tal responsabilidade é imprimir no outro expectativas que são muito pessoais. Como garantir que o caminho universitário, técnico ou a ida direta para o mercado de trabalho é a melhor escolha? Os tensionamentos aqui expostos são frutos de relações construídas na micropolítica do cotidiano escolar com base na ideia de necessidade desta instituição prestar seu serviço de formar indivíduos para o mercado. Partindo desta ideia, muitas vezes, perde-se a caminhada, abandona-se o processo, é deixada de lado a forma que os jovens vivenciam essa fase da vida em prol, apenas, do resultado, que certamente entendemos como importante, principalmente considerando que muitos estudantes se sentem muito incentivados e acolhidos pela escola, mas, com certeza, não pode ser o único a ser considerado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, vinculado à pesquisa guarda-chuva “Educação, modos de subjetivação e formação de jovens pesquisadores da micropolítica do cotidiano escolar”, articulada ao projeto de extensão “É da Nossa escola que falamos” e ao “Curso de Formação de pesquisadores da micropolítica do cotidiano escolar”, abriu caminhos para olhares muito mais amplos acerca dos acontecimentos da e na micropolítica do cotidiano escolar. Ter realizado este trabalho COM os jovens, COM todos os colegas da equipe de pesquisadores acadêmicos e COM os agentes escolares reafirma a potência dessa pesquisa construído a muitas mãos. A ideia de pesquisar sobre a orientação profissional, algo que sempre me implicou desde o início da minha trajetória enquanto psicóloga escolar, foi muito melhor explorada e embutida de sentido quando consegui construir este estudo juntamente com os sujeitos que vivenciavam em seus cotidianos o processo de escolha de suas profissões. Aprender que pesquisar é sobre observar atentamente o que o campo nos enuncia é retirar amarras que nos prendem na nossa centralidade de suposto saber.

De acordo com o mencionado por Miranda et al. (2020) a pesquisa-intervenção nos convoca a atuar visando o processo de construção de conhecimento por meio da transformação da realidade a ser investigada, dispondo num mesmo plano sujeito e objeto do conhecimento, assim como as teorias e as práticas. As trocas e os diálogos realizados com os jovens acerca de suas possibilidades profissionais futuras não deixa de lado as discussões sobre as vivências tidas no presente. Longe disso, a ampliação desse lugar de expressão acerca destas demandas ligadas, não somente aos caminhos para o acesso ao ensino superior, mas também às outras possibilidades que são reais e legítimas no atual contexto dos estudantes, é uma forma efetiva da escola de ensino médio desempenhar sua função de formação, orientação e cuidado com os jovens no presente, abrindo-se a enxergar os vários tensionamentos que circundam esse momento, a fim que estes alunos se desenvolvam no agora e no porvir.

As questões relacionadas à escolha profissional e ao vestibular era algo que aparecia como recorrente nos discursos ditos e não-ditos da Escola MOVIMENTAÇÃO, inclusive de algum modo foi citada por todas as 7 equipes construídas durante o processo. No entanto, 2 delas, “Pressão pré-vestibular” e “O desgaste de um adolescente em sua vida acadêmica”, focaram seus interesses de pesquisa na pressão vivenciada em decorrência do vestibular e no desgaste sentido pelos jovens durante esta fase. No primeiro encontro que tivemos com os pesquisadores secundaristas e na ocasião em que juntamos os dois grupos (de

quarta e de sexta-feira) para preparação das restituições que realizariam com os PDT's e com os representantes de turma, em ambas as situações, realizamos dinâmicas de apresentação, a fim de deixarmos o grupo mais coeso e próximo. Foi interessante observar que nos dois momentos a maioria das perguntas realizadas uns aos outros como forma de se entrosarem, estiveram relacionadas às questões de escolha profissional, vestibular, etc. Considerando o contexto em que se encontravam, a instituição a qual faziam parte, tais temáticas eram muito latentes.

Imagino que para além das pressões que alunos do ensino médio sofrem, os alunos da MovimentAÇÃO carregam esse status de ser aluno da MovimentAÇÃO, uma escola que preza muito pelos resultados, e claro, não estão errados, afinal é uma escola pública “de luta” que consegue bons resultados no ENEM, que é um dos principais vestibulares do país mas ainda segue uma lógica injusta e elitizada, mas muitos alunos devem se sentir na obrigação de fazerem parte dessa estatística de alunos aprovados em uma Universidade pública tanto como um modo de satisfação pessoal como um modo de resistência, alguns alunos até falaram sobre como os próprios professores agem como se a UFC e a UECE fossem as únicas opções possíveis. (DIÁRIO DE CAMPO 10º ENCONTRO - PREPARAÇÃO PARA DT'S E REPRESENTANTES DE SALA - 07/08/2019)

Ao realizarmos uma análise da nossa própria implicação, percebemos que alguns de nós também adotou essa lógica, fazendo várias perguntas relacionadas ao futuro profissional. Uma das pesquisadoras acadêmicas relatou que questionou uma aluna sobre qual curso ela gostaria de estudar na faculdade. No momento em que realizou esta pergunta percebeu que ali já havia assumido que aquela jovem iria seguir o caminho universitário, e logo refez a fala e disse “se você quiser fazer uma, claro”. Foi rico nos percebermos também como partes dessa engrenagem, que se movimenta com preconceções, assumindo que todos irão ou deverão seguir o mesmo percurso.

O fato de sermos do curso de psicologia da UFC fez com que muitas perguntas durante toda a pesquisa fossem destinadas a este campo de saber, tendo muitos alunos, inclusive, assumido que participaram do projeto porque viram que era algo proposto pela psicologia. Algumas dúvidas recorrentes foram questionadas pelos jovens, tais como: “você sempre quis psicologia?”, “como você teve certeza do que queria?”, “por que você escolheu psicologia?”, “o que estudam na faculdade?”, “é legal?”, dentre outras.

Seguindo essa linha, vimos que através de nossa intervenção COM os alunos e profissionais da escola pudemos oportunizar lugar de fala e discutir acerca de vários atravessamentos envolvidos no processo de escolha profissional. Tal acontecimento só foi

possível porque a instituição nos concedeu esta abertura. A gestão e professores da escola MovimentAÇÃO sempre foram muito acolhedores, solícitos e incentivadores do nosso trabalho. A pesquisa tornou audível muitos pontos que estavam silenciados dentro da micropolítica do cotidiano escolar, e ter abertura para questionamentos e desnaturalização de práticas que estavam decantadas nesse espaço foi essencial, e diverge do que possivelmente encontraríamos em uma instituição particular ou, mesmo que fosse pública, não se interessasse tanto em movimentar práticas já instituídas.

Foi perceptível que os estudantes eram subjetivados pelo discurso de realizar “a escolha certa”, que supostamente iria fazê-los se sentirem plenamente satisfeitos com o que escolheram, situação que entendemos ser fantasiosa e imposta por um contexto social que exige respostas rápidas, urgentes e “corretas”. Foram comuns relatos sobre terem medo de falhar, associando que, caso não entrassem na universidade, sobretudo pública, suas vidas estivessem destinadas ao fracasso, ou seja, a lógica neoliberal estava presente em suas práticas discursivas. Esta ideia alimentada pelos jovens também é vista pelos agentes escolares, que enxergam o caminho da universidade pública como um direito a ser usufruído “pelo filho do trabalhador”. Os professores relatam a intenção de serem incentivadores e de se preocuparem com o futuro de muitos alunos, por conhecerem algumas realidades vividas por alguns estudantes e por também enxergarem as dificuldades impostas pelo meio laboral na atualidade.

Para Carvalho e Martins (2013), não se trata, no entanto, de adotarmos a noção ingênua de que à educação escolar, inserida nos moldes de uma sociedade capitalista, não caiba a tarefa de instruir os jovens para o mercado de trabalho. Porém este preparo não deve ser limitado ao que é posto como uma fórmula única que garanta o sucesso de todos, simplesmente preparando os sujeitos para serem coadjuvantes da produção capitalista. A proposta seria de formá-los para serem sujeitos aptos para as transformações sociais. Esta noção demanda um intenso “processo de conhecimento da realidade da sociedade de classes, da exploração existente, dos seus mecanismos de controle e, por fim, das suas formas de superação. Ou seja, implica um processo de formação da consciência crítica” (p. 148).

Com a intenção de consubstanciar o proposto em nosso objetivo geral, que é o de problematizar sobre os tensionamentos envolvidos no processo de escolha profissional dos alunos da escola MovimentAÇÃO, elaboramos algumas análises para que fosse possível realizarmos o deslocamento do que eram queixas para a construção de demandas, como circunstância de emergência ao exercício da autonomia, tão preciosos à pesquisa-intervenção.

(ROCHA & AGUIAR, 2010; AGUIAR & ROCHA, 2007; LOURAU, 1993). Os analisadores surgidos em nossa pesquisa estiveram relacionados a alguns tensionamentos que foram sendo enunciados no decorrer do processo. Estes foram divididos em 3 grandes tópicos, a saber: Tensionamentos associados à rotina escolar; Tensionamentos relacionados aos fatores socioeconômicos e às relações familiares e Tensionamentos referentes à relação do jovem consigo.

Nestas análises estiveram presentes discussões relacionadas às dúvidas acerca das formas de inserção no mercado de trabalho, vinculadas à relação com a ida para universidade e as possibilidades de outras trajetórias profissionais, muitas vezes vistas com preconceito em virtude da não escolha pelo ensino superior. Abordamos também as questões relativas às práticas escolares discursivas e não-discursivas engendradas para atender ao modo de funcionamento do sistema de vestibulares, tendo como principal foco o ENEM, e as relações familiares que atravessam a história dos jovens, relacionadas aos aspectos socioeconômicos que contextualizam suas experiências de vida. Foi visto com recorrência o sentimento de pressão relatado durante essa fase e que se relaciona com as incertezas do futuro após a finalização do terceiro ano.

Muitas vezes existiram discursos, como a pressão para passar no vestibular, que se assemelham aos ouvidos em escolas particulares. No entanto, nestas, valorizam-se certos cursos universitários, há uma status relativo às escolhas profissionais. Na MovimentAÇÃO, o aluno é valorizado caso seja aprovado em qualquer curso que venha a escolher, o que importa é que esteja “resguardado” dentro dos muros universitários. Há o discurso de passar no vestibular, mas não há uma problematização sobre o que é essa vida universitária. Existe a ideia de colocar o aluno na universidade como um ato político, mas há um esvaziamento do que isto significa. Como fica o jovem que não possui condições para entrada no ensino superior? Como nos posicionar quando damos conta de que o “só depende de você” é uma ideia tão distante quanto frustrante?

Como lacunas deste estudo podemos citar a falta de uma atuação mais prática voltada para as discussões com os estudantes acerca das dúvidas relativas às escolhas profissionais, a fim de fornecer-lhes espaço de fala e de reflexão sobre suas possibilidades (universitárias ou não) de forma orientada e relacional com seus pares, que muitas vezes vivenciam sentimentos muito parecidos e não compartilham. Esta proposta, inclusive, estava prevista durante o desenvolvimento desta pesquisa. No entanto, devido às condições impostas pela pandemia de COVID-19, as ideias precisaram ser readaptadas. Outro ponto que

consideramos importante de ser desenvolvido diz respeito a um trabalho futuro envolvendo, além da própria escola, as famílias, levando em consideração que os tensionamentos relativos aos fatores socioeconômicos e às relações familiares foram pontos que necessitam de um olhar diferenciado.

Como contribuições trazemos a importância de olharmos para além dos resultados e desconstruirmos a ideia de que todos necessitarão seguir um mesmo caminho para obter “sucesso na vida”. Os jovens estão sendo constantemente bombardeados de informações que não, necessariamente, lhe agregam utilidade e conhecimento, inclusive sendo interessante observarmos que a questão da aprendizagem não foi trazida pelos jovens, estando todo o foco voltado para o resultado, não para a experiência. Os ideais incentivados através dos comandos “só depende de você”, “estude enquanto eles dormem”, dentre outros frequentemente utilizados como forma de responsabilizar apenas o indivíduo por qualquer direção que sua vida tome, tem trazido adoecimentos psíquicos e sensações de mal-estar no ambiente escolar e para a vida desses jovens.

Compartilhando o ressaltado por Mansano (2011, p. 78) “não há fracassos ou erros nesse movimento, a não ser que nos situemos em uma perspectiva meramente moral”. No campo da orientação profissional, este estudo busca dar visibilidade às questões surgidas na escola pública, que ainda é um espaço carente de pesquisas e intervenções, além de trazer uma proposta de OP além do foco na escolha em si, mas preconizando o olhar sobre os tensionamentos vivenciados durante este período.

Para finalizar, retomo uma inquietação da direção da escola logo que chegamos e apresentamos a pesquisa: “E a psicologia, onde está?”. Concluímos esse trabalho ainda mais convictas de que a psicologia escolar se faz quando oportunizamos lugar de fala e quando nós mesmos enquanto profissionais, também nos movimentamos. Trazer à tona o que estava decantado, discutir sem apontar dedos, enunciar sem denunciar é fazer psicologia escolar. Quebrar com o que estava cristalizado, problematizar, se relacionar, se implicar, lidar com o microcosmo social que se constitui a escola é construir uma psicologia escolar ética, comprometida e politizada.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, W. M. J.; BOCK, A. M. B. Por uma prática promotora de saúde em orientação vocacional. *In: BOCK, M. B. et al. (org.). A escolha profissional em questão.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.
- AGUIAR, F. H. R.; CONCEICAO, M. I. G. A Orientação Vocacional na perspectiva neo-reichiana: contribuições do grounding. **Rev. Bras. Orientac. Prof.**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 115-128, 2008.
- AGUIAR, K. F.; ROCHA, M. L. Micropolítica e o exercício da pesquisa-intervenção: referenciais e dispositivos em análise. **Psicol. Cienc. Prof.** Brasília, DF, v. 27, n. 4, p. 648-663, 2007.
- ALFREDO, R. A. **Aproximações explicativas a partir da análise de sentidos e significados constituídos em espaços/momentos/situações de escolha na escola.** 2006. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação, Departamento de Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.
- APPADURAI, A. The right to research. **Globalisation, Societies and Education**, London, v. 4, n. 2, p. 167-177, 2006.
- ARDOÍNO, J. La Intervención: Imaginario del cambio o cambio de lo imaginario. *In: GUATARRI, F. et al. (org.). La Intervención Institucional.* México: Plaza y Valdes. 1987. p. 13-42.
- BALL, S. J. Performatividade, privatização e o pós-Estado do Bem-Estar. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1105-1126, 2004.
- BARROS, A. S. X. Vestibular e Enem: um debate contemporâneo. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 85, p. 1057-1090, 2014.
- BARROS, J. P. P.; COLACO, V. F. R. Produção de sentidos sobre saúde em um grupo de discussão com adolescentes de Fortaleza. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 674-684, 2013.
- BARROS, J. P. P.; COLACO, V. F. R. "Meu prazer agora é risco": sentidos sobre sexualidade entre jovens de um grupo sobre saúde. **Fractal: revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 59-80, 2013.
- BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Pista 3: cartografar é acompanhar processos. *In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.* Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 52-75.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BECKER, A. P. S.; BOBATO, S. T.; SCHULZ, M. L. C. Meu lugar no mundo: Relato de experiência com jovens em orientação profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 253-264, 2012.

BENICIO, L. F. S. *et al.* Necropolítica e Pesquisa-Intervenção sobre Homicídios de Adolescentes e Jovens em Fortaleza, CE. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 38, n. 2, p. 192-207, 2018.

BENICIO, L. F. S.; BARROS, J. P. P.; SILVA, D. B. Entre sufocamentos e alguns possíveis: violência urbana e políticas públicas. **Revista Polis e Psique**, Porto Alegre, v. 8, n. 3, p.129-156, 2019.

BIANCHETTI, L. **Angústia no vestibular**: indicações para pais e professores. Passo Fundo: Editora Universitária de Passo Fundo, 1996.

BOCK, A. M. B. *et al.* **A escolha profissional em questão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

BOCK, S. D. **Orientação profissional para as classes pobres**. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

BOCK, S. D. **Orientação Profissional**: a abordagem sócio-histórica. 4. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2018.

BOHOSLAVSKY, R. **Orientação vocacional**: a estratégia clínica. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1977.

BONALDI, E. V. Tentando “chegar lá”: as experiências de jovens em um cursinho popular. **Tempo social**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 259-282, 2018.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, DF, 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm. Acesso em: 3 ago. 2020.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Portaria nº 109, de 27 de maio de 2009. Dispõe sobre alterações no Exame Nacional do Ensino Médio. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2009c. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educac/ao_basica/enem/legislacao/2009/portaria_enem_2009_1.pdf. Acesso em: 03 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Brasil profissionalizado**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/brasil-profissionalizado>. Acesso em: 14 set. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Novo Enem**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2009a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/179-estudantes-108009469/vestibulares-1723538374/13318-novo-enem> Acesso em: 3 ago, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Proposta à Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2009b. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=768-

proposta-novovestibular1-pdf&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 03 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação profissional e tecnológica**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2020a. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao/institucional/secretarias/secretaria-de-educacao-profissional>. Acesso em: 31 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Novos Caminhos**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2020b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/novoscaminhos/?pagina=conheca>. Acesso em: 31 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Sistema de Seleção Unificada**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2020c. Disponível em: <https://sisu.mec.gov.br/#/>. Acesso em: 3 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **65% do Enem já concluíram o ensino médio em anos anteriores**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2020d. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/418-enem-946573306/90701-65-dos-inscritos-no-enem-ja-concluíram-o-ensino-medio-em-anos-anteriores>. Acesso em: 8 ago. 2020.

BRASIL. Decreto nº 5.154 de 23 de julho de 2004. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, p. 18, 26 jul. 2004. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm. Acesso em: 14 set. 2020.

BRASIL. **Lei nº 13.415, de 16 de Fevereiro de 2017**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF: Presidência da República, 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm. Acesso em: 14 set. 2020.

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Casa Civil, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 14. set. 2020.

CARVALHO, M.; TAVEIRA, M. C. Influência de pais nas escolhas de carreira dos filhos: visão de diferentes atores. **Revista brasileira de orientação profissional**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 33-41, 2009.

CARVALHO, S. R.; MARTINS, L. M. A escola pública e as competências para o mercado: realidade e mitos. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 17, n. 1, p. 141-149, 2013.

CASTILHO, R. M. Juventude e educação: desvendando as representações acerca do projeto de vida e da visão de futuro de jovens estudantes secundaristas das periferias de Goiânia, Lisboa e Madrid. In: COLAÇO, V. *et al.* (org.). **Juventudes em movimento**: experiências, redes e afetos. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2019. p. 371-390.

CEARÁ. Secretária da Educação. **Criação das EEPs**. Ceará: Secretária da Educação, 29. Jan. 2015. Disponível em:

https://educacaoprofissional.seduc.ce.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3&Itemid=103. Acesso em: 14 set. 2020.

CEARÁ. Secretaria da Educação. **Lei nº14.273, de 19 de dezembro de 2008**. Dispõe sobre a criação das escolas estaduais de educação profissional – EEEP, no âmbito da secretaria da educação, e dá outras providências. Fortaleza, 23 dez. 2008. Disponível em: https://educacaoprofissional.seduc.ce.gov.br/images/leis/Lei_14.272-2008.pdf. Acesso em: 14 set. 2020.

CEARÁ. Secretaria de Educação. **Formação para Cidadania**. Ceará: Secretária de Educação, 28 jan. 2015. Disponível em: https://educacaoprofissional.seduc.ce.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=44&Itemid=156 Acesso em: 30/03/2021.

CEARÁ. Secretaria de Educação. **Projeto Professor Diretor de Turma – PPDT**. Ceará: Secretária de Educação, 2008. Disponível em: <https://www.seduc.ce.gov.br/projeto-professor-diretor-de-turma-ppdt/>. Acesso em: 11/04/2021.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 16, n. 2, p. 221-236. 2003.

COELHO, R. N.; AQUINO, C. A. B. Inserção laboral, juventude e precarização. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 275-289, 2009.

COIMBRA, C. C.; BOCCO, F.; NASCIMENTO, M. L. Subvertendo o conceito de adolescência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, p. 2-11, 2005.

COLACO, V. F. R. *et al.* Inter(ação) social nos contextos de pesquisa/intervenção em escolas de Fortaleza. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 1, p. 127-135, 2010.

COLAÇO, V. F. R.; GALVÃO, K. G.; MENEZES, J. A. Implicações políticas na pesquisa-intervenção com jovens. **Revista de Psicologia**, Brasília, DF, v. 9, n. 1, p. 8-17, 2018.

CONTINI, M. L. J. Discutindo o conceito de promoção de saúde no trabalho do psicólogo que atua na educação. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 20, n. 2, p. 46-59, 2000

CUNHA, L. A. **Educação e desenvolvimento social no Brasil**. 6. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

DÁTILO, G. M. P. A. Orientação Profissional: universidade ajuda jovens a encontrarem caminhos profissionais. *In*: CARVALHO, S. M. R.; BATAGLIA, P. U. R. (org.). **Psicologia e Educação: temas e pesquisas**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 149-172.

DE FARIA, R. R.; DOBRIANSKYJ WEBER, L. N.; TON, C. T. O estresse entre vestibulandos e suas relações com a família e a escolha profissional. **Psicologia Argumento**, Paraná, v. 30, n. 68, p. 43-52, 2017.

DUARTE, M. E. A vida da orientação na vida do século XXI: constrangimentos e desafios. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 155-164, 2013.

DUTRA-THOME, L.; PEREIRA, A. S.; KOLLER, S. H. O Desafio de Conciliar Trabalho e Escola: Características Sociodemográficas de Jovens Trabalhadores e Não Trabalhadores. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, DF, v. 32, n. 1, p. 101-109, 2016.

FAGUNDES P.R.; AQUINO, M. G.; PAULA, A. V. Pré-vestibulandos: Percepção do estresse em jovens formandos do ensino médio. **Revista Ciências Humanas UNIPAR**, Pará, v. 18, n. 1, p. 57-69. 2010.

FALCÃO, N.; CALDAS, E. C. Diálogos sobre a escolha profissional: a aproximação entre o estudante da escola pública de ensino médio e a universidade. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, Chapecó, v. 9, n. 3, p. 147-156, 2018.

FERRETTI, C. J. **Uma nova proposta de Orientação Profissional**. São Paulo: Editora Cortez, 1988.

FERRETTI, C. J. **Uma nova proposta de orientação profissional**. 3. ed. São Paulo: Editora Cortez, 1997.

FERRETTI, C. J. A reforma do ensino médio: desafios à educação profissional. **HOLOS**, Rio Grande do Norte, v. 4, p. 261-271, 2018.

FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n. 114, p. 197-223, 2001.

FONTENELE, L. Q.; MIRANDA, L. L. Adolescência (s): Produções e Atravessamentos Discursivos em Análise. **Trends in Psychology**, Ribeirão Preto, v. 25, n. 3, p. 969-982, 2017.

FORTALEZA. Prefeitura de Fortaleza. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico. **Desenvolvimento humano, por bairro, em Fortaleza**. Fortaleza: Prefeitura de Fortaleza, 2014. Disponível em: <https://pt.calameo.com/read/0032553521353dc27b3d9> Acesso em 15 de março de 2021.

FORTUNA, C. M. *et al.* A análise de implicação de pesquisadores em uma pesquisa-intervenção na Rede Cegonha: ferramenta da análise institucional. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 9, e00117615, 2016.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GALAMBOS, N; SILBEREISEN, R. Income change, parental life outlook, and adolescent expectation of job success. **Journal of Marriage and the Family**, Saint Paul, v. 49, p. 141-149, 1987.

GARBULHO, N. F. **Processo de orientação profissional**: avaliação de uma concepção de ensino sob a ótica do ex-orientando. 2001. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2001.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

GONÇALVES, C.; COIMBRA, J. L. Como construir trajetórias de vida em tempos de caos e imprevisibilidade. *In*: SÁNCHEZ, A.; FERNÁNDEZ, M. V. **O reto da convergencia dos sistemas formativos e a mellora da calidade da formación**. Santiago de Compostela: Editora Universidade de Santiago de Compostela, 2000. p. 209-224.

GONÇALVES, C. M; COIMBRA, J. L. Significados construídos em torno da experiência profissional/trabalho. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO PARA O TRABALHO NORTE DE PORTUGAL/GALIZA, Porto, **Anais [...]**. Porto: Galiza, 2003. p. 353-366. 2003.

GONÇALVES, C. M. **A família e a construção de projectos vocacionais de adolescentes e jovens**. 2006. 371 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade do Porto, Porto, 2006.

GONÇALVES, C.; COIMBRA, J. L. Orientar nas sociedades líquidas e da incerteza: um desafio para a investigação e intervenção em orientação vocacional. *In*: FERNÁNDEZ, M. V.; SÁNCHEZ, A. F. R. **Vulnerabilidade, formación para o traballo, orientación e comunidade na eurorrexión Galicia-Norte de Portugal**. Santiago de Compostela: Editora Universidade de Santiago de Compostela, 2016. p. 37-59.

HOYT, K. B. Career education as a federal legislative effort. *In*: HOYT, K. B. (org.). **Career education: history and future**. Oklahoma: National Career Development Association, 2005.

IVATIUK, A. L. **Orientação profissional para profissões não universitárias**: perspectiva da análise do comportamento. 2004. 158 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2004

JUCÁ, V. J. S. Adolescência, Ensino Médio e projetos de vida na escola pública. **Estilos da Clinica**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 394-406, 2020.

LASSANCE, M. C.; SPARTA, M. A. Orientação Profissional e as transformações no mundo do trabalho. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 4, n.1, p. 13-19, 2003.

LAVAL, C. **A Escola não é uma empresa**: o neo-liberalismo em ataque ao ensino público. Londrina: Editora Planta, 2004.

LAVOR FILHO, T. L. **Spray nas mãos, afetos nos muros**: cartografia de inter(in)venções do graffiti no cotidiano de jovens inventores. 2020. 193 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

LEÃO, G.; DAYRELL, J. T.; REIS, J. B. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educação Social**, Campinas, v. 32, n. 117, p.1067-1084, 2011.

LEITAO, M. *et al.* Do people adjust career choices according to socioeconomic conditions? An evolutionary analysis of future discounting. **Psychology Neuroscience**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 383-390, 2013.

LEHMAN, Y. P. **Aquisição da identidade vocacional em uma sociedade em crise: dois momentos na escolha da profissão liberal.** 1988. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

LEMOS, F. C. S.; CARDOSO JUNIOR, H. R. C. Problematizar *In*: FONSECA, T. M. G.; NASCIMENTO, M. L.; MARACHIN, C. (org.). **Pesquisar na diferença: um abecedário.** Porto Alegre: Editora Sulina, 2012. p. 189-192.

LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P. **Orientação vocacional ocupacional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa.** Porto Alegre: Editora Artmed, 2002.

LEVENFUS, R. S.; NUNES, M. L. T. A família e a construção de projetos vocacionais em adolescentes. *In*: LEVENFUS, R. S. **Orientação vocacional e de carreira em contextos clínicos e educativos.** Porto Alegre: Editora Artmed, 2016. p. 24-38.

LOPES, A. C.; LOPEZ, S. B. A performance nas políticas de currículo: o caso do ENEM. **Educar em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 89-110, 2010.

LOURAU, R. Análise Institucional e Práticas de pesquisa. *In*: RODRIGUES, H. B. C. (Org). **René Lourau na UERJ.** Rio de Janeiro: UERJ. 1993.

LOURAU, R. **El Análisis Institucional.** Madrid: Campo Abierto, 1977

LOURAU, R. O Estado na Análise Institucional. *In*: ALTOÉ, S. (org.). **René Lourau: Analista Institucional em Tempo Integral.** São Paulo: HUCITEC, 2004. p. 122-127.

MACHADO, A. M. Exercer a Postura Crítica: Desafios no Estágio em Psicologia Escolar. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 34, n. 3, p. 761-773, 2014.

MACHADO, A. M. Plantão institucional: um dispositivo criador *In*: MARCONDES, A.; FERNANDES, A.; ROCHA, M. (org.). **Novos possíveis no encontro da psicologia com a educação.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MACIEL, C. E.; ASSIS, J. H. V. P.; SILVA, M. F. A. Acesso e permanência na educação superior: estratégias de ingresso mobilizadas no ‘Colégio Militar de Campo Grande’. **Acta Scientiarum Education**, Maringá, v. 40, n. 1, p. e37648, 2018.

MANSANO, S. R. V. Para além da escolha profissional, experimentações intensivas. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 67-81, 2011.

MASSCHELEIN, J.; SIMONS, M. **Em defesa da escola: uma questão pública.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. 174 p.

MAURENTE, V. Fotografia e Pesquisa-intervenção: construção de estratégias para uma produção acadêmica inventiva. **Revista Polis e Psique**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 111-122, 2014.

MEDRADO, B.; SPINK, M. J. P.; MÉLLO, R. P. “Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas”. In: SPINK, M. J. P. *et al.* (org.). **A produção de informação na pesquisa social**: compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. p. 274-294.

MELO-SILVA, L. L.; MUNHOZ, I. M. S.; LEAL, M. S. Orientação profissional na educação básica como política pública no Brasil. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 3-18, 2019.

MIRANDA, L. L. Uma câmera na mão e um dispositivo na cabeça: carta aos pesquisadores. In: BERNARDES, A.; TAVARES, G.; MORAES, M. **Cartas para pensar**: políticas de pesquisa em psicologia. Espírito Santos: EDUFES, 2014. p. 77-88.

MIRANDA, L. L. *et al.* Pesquisando com jovens na escola: desafios da pesquisa-intervenção em dois contextos escolares. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 20, n. 2, p. 245-254, 2016.

MIRANDA, L. L. Subjetividade: a (des)construção de um conceito. In: SOUZA, S. J. (org.). **Subjetividade em questão**: a infância como crítica da cultura. 2. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005. p. 29-46.

MIRANDA, L. L. *et al.* Jovens pesquisadores do cotidiano escolar: uma análise do processo de pesquisa. In: BARROS, J. P. P. Et. Al. (Orgs). **Políticas de vulnerabilização social e seus efeitos**. Fortaleza: Imprensa Universitária UFC, 2020.

MIRANDA, L. L.; MOURÃO, L. C. C. B. Escrever COM: o que isso (re)significa? **Revista Polis e Psique**, Rio Grande do Sul, v. 6, n. 1, p. 162-175, 2016.

MIRANDA, L. L. *et al.* Pesquisando com jovens na escola: desafios da pesquisa-intervenção em dois contextos escolares. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 20, n. 2, p. 245-254, 2016.

MORAES, M. PesquisarCOM ou de Tecer e Destecer fronteiras. In: BERNARDES, A.; TAVARES, G.; MORAES, M. **Cartas para pensar**: políticas de pesquisa em psicologia. Vitória: EDUFES, 2014. p. 131-138.

MUNHOZ, I. M. S. **Educação para a carreira e representações sociais de professores**: Limites e possibilidades na educação básica. 2011. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010.

MUNHOZ, I. M. S.; MELO-SILVA, L. L. Educação para a Carreira: concepções, desenvolvimento e possibilidades no contexto brasileiro. **Revista brasileira de orientação profissional**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 37-48, 2011.

NASCIMENTO, L. R. Orientação profissional na interface entre psicologia e educação: uma revisão de literatura. **Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 22, n. 1, p. 5-20, 2020.

PARO, V. H. Parem de preparar para o trabalho!!! Reflexões acerca dos efeitos do neoliberalismo sobre a gestão e o papel da escola básica. *In*: FERRETTI, C. J.; SILVA JÚNIOR, J. R.; OLIVEIRA, M. R. N. (org.). **Trabalho, formação e currículo**: para onde vai a escola? São Paulo: Xamã, 1999. p. 101-120.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. Pista 1: a cartografia como método de pesquisa-intervenção. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, DF, v. 16, n. 1, p. 71-79, 2000.

PAULON, S. M. A análise de implicação com ferramenta na pesquisa-intervenção. **Revista Psicologia & Sociedade**, Pernambuco, v. 17, n. 3, p. 18-25, 2005.

PERIOTO GUHUR, M. L.; NASCIMENTO ALBERTO, R.; CARNIATTO, N. Influências biológicas, psicológicas e sociais do vestibular na adolescência. **Roteiro**, Santa Catarina, v. 35, n. 1, p. 115-138, 2010.

PERUZZO, A. S. *et al.* Estresse e vestibular como desencadeadores de somatizações em adolescentes e adultos jovens. **Psicologia Argumento**, Paraná, v. 26, n. 55, p. 319-327, 2008.

PESSENDA, B.; MASCOTTI, T. S.; CARDOSO, H. F. Intervenção em orientação profissional em estudantes de escolas públicas brasileiras: uma revisão narrativa. **Estudos Internacionais em Psicologia**, Londrina, v. 9, n. 3, p. 123-138, 2018.

PRADO FILHO, K. Desnaturalizar. *In*: FONSECA, T. M. G; NASCIMENTO, M. L.; MARACHIN, C. (org.). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012. p. 71-72.

RIBEIRO, D. M. Et. Al. Pesquisando com professores: a centralidade do diário de campo e da restituição em uma pesquisa-intervenção. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 7, n. 1, p. 81-93, 2016.

RIBEIRO, D. M. **Dialogando com professores**: o celular como analisador da relação professor/mídia/aluno. 2017. 111 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

RIBEIRO, M. A. Orientação profissional: Uma proposta de guia terminológico. *In*: RIBEIRO, M. A.; MELO-SILVA, L. L. (org.), **Compêndio de orientação profissional e de carreira**: perspectivas históricas e enfoques teóricos clássicos e modernos. São Paulo: Editora Vetor. 2011.

RIBEIRO, M. A. *et al.* Ser adolescente no Século XXI. *In:* LEVENFUS, R. S. (org.). **Orientação vocacional e de carreira em contextos clínicos e educativos**. Porto Alegre: Artmed, 2016. p. 13-23.

RIBEIRO NETO, A. O vestibular ao longo do tempo: implicações e implicâncias. *In:* Brasil. Ministério da Educação. **Seminário vestibular hoje: coletânea de textos**. Brasília, DF, 1985. p. 17-27.

RODRIGUES, H. B. C.; SOUZA, V. L. B. A análise institucional e a profissionalização do psicólogo. *In:* SAIDON, O.; KAMKHAGI, V. R. (org.). **Análise institucional no Brasil**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987. p. 27-45.

ROCHA, M. L.. Educação em Tempos de Tédio: um desafio a micropolítica. *In:* TANAMACHI, E. R.; PROENÇA, M.; ROCHA, M. L. (org.). **Psicologia e Educação: desafios teórico-práticos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p. 185-207.

ROCHA, M. L.; AGUIAR, K. F. Entreatos: percursos e construções da psicologia na rede pública. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 10, p. 68-84, 2010.

ROCHA, M. L.; AGUIAR, K. F.. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 23, n. 4, p. 64-73, 2003.

RODRIGUES, D. G.; PELISOLI, C. Ansiedade em vestibulandos: um estudo exploratório. **Revista de psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 35, n. 5, p. 171-177, 2008.

ROMAGNOLI, R. C. O conceito de implicação e a pesquisa-intervenção institucionalista. **Revista Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 44-52, 2014.

ROSSI, A.; PASSOS, E. Análise institucional: revisão conceitual e nuances da pesquisa-intervenção no Brasil. **Revista Epos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 156-181, 2014.

SALGADO, J. A cultura empreendedora nos discursos sobre a juventude. **Galaxia**, São Paulo, n. 25, p. 193-204, 2013.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para sintética criteriosa da evidência. **Revista brasileira de fisioterapia**, São Carlos v. 11, n. 1, p. 83-89, 2007.

SANDWICK, T. F. *et al.* Promise and Provocation: Humble Reflections on Critical Participatory Action Research for Social Policy. **Urban Education**, Nashville, v. 53, n. 4, p. 473-502, 2018.

SANTOS, F. S. *et al.* Estresse em Estudantes de Cursos Preparatórios e de Graduação em Medicina. **Revista brasileira de educação médica**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 2, p. 194-200, 2017.

SANTOS, N. I. S; BARONE, L. R. Uma pesquisa-intervenção em análise: militância, sobre implicação ou ato político? *In:* MARCONDES, A.; FERNANDES, A.; ROCHA, M. (org.). **Novos possíveis no encontro da psicologia com a educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 87-116.

SAVICKAS, M. L. Constructivist counseling for career indecision. **The Career Development Quarterly**, [S. l.] v. 43, n. 4, p. 363-373, 1995.

SAVICKAS, M. L. *et al.* A construção da vida: Um novo paradigma para compreender a carreira no século XXI. **Revista Portuguesa de Psicologia**, Lisboa, v. 42, p. 13-44, 2010.

SENA, I. A. G.; SOUZA, E. F. Educação, escola e violência: as perspectivas dos estudantes da Favela do Coque. **Educação e Fronteiras**, Dourados, v. 1, n. 2, p. 33-45, 2011.

SIBILIA, P. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, T. T. O projeto educacional moderno: identidade terminal? *In*: VEIGA-NETO, A. **Crítica pós-estruturalista e educação**. Porto Alegre: Editora Sulina, 1995. p. 245-260.

SILVA, F. F. **A escola e a construção de projetos profissionais**: escolarização, imagens do trabalho e gêneros. 2003. Dissertação (Mestrado) – Curso de Psicologia, Departamento de Psicologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SILVA, Â. M. C. Contribuições do método cartográfico para a Escolha Profissional. **IGT rede**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, p. 295-314, 2015.

SILVA JUNIOR, L. A.; LEAO, M. B. C. O software Atlas.ti como recurso para a análise de conteúdo: analisando a robótica no Ensino de Ciências em teses brasileiras. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 24, n. 3, p. 715-728, 2018.

SILVA, C. D. *et al.* Orientação profissional em cursinhos populares: uma revisão acerca dos estudos brasileiros. **Revista Sul-America de Psicologia**, Santiago, v. 3, n. 1, p. 138-155, 2015.

SILVA, C. V. O. *et al.* Orientação profissional: ampliando as escolhas. **Revista Expressão Católica**, Quixadá, v. 4, n. 1, 2015.

SOARES, A. B.; MARTINS, J. S. R. Ansiedade dos estudantes diante da expectativa do exame vestibular. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 20, n. 45, p. 57-62, 2010.

SOARES, D. H. P. Como trabalhar a ansiedade e o estresse frente ao vestibular. *In*: LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P. (org.). **Orientação vocacional ocupacional**: Novos achados teóricos, técnicos e instrumentos para a clínica, a escola e a empresa. Porto Alegre: Artmed, 2002. P. 337-356.

SOARES, D. H. P. *et al.* Orientação Profissional em contexto coletivo: uma experiência em pré-vestibular popular. **Psicologia ciência e profissão**, Brasília, DF, v. 27, n. 4, p. 746-759, 2007.

SOBRAL, J. M.; GONCALVES, C. M.; COIMBRA, J. L. A influência da situação profissional parental no desenvolvimento vocacional dos adolescentes. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 11-22, 2009.

SOUZA, L. G. S. *et al.* Oficina de orientação profissional em uma escola pública: uma abordagem Psicossocial. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, DF, v. 29, n. 2, p. 416-427, 2009.

SPARTA, M. A orientação profissional e as transformações no mundo do trabalho. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 13-19, 2003.

SPARTA, M.; BARDAGI, M. P.; ANDRADE, A. M. J. Exploração vocacional e informação profissional percebida em estudantes carentes. **Aletheia**, Canoas, n. 22, p. 79-88, 2005.

SUPER, D. E. A life-span, life-space approach to career development. **Journal of Vocational Behavior**, Amsterdã, v. 16, p. 282-298, 1980.

SUPER, D. E. Determinantes psíquicas da escolha profissional. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 3-17, 1975.

TAVARES, C. S. **Os vínculos e a construção de projetos profissionais de jovens inseridos em um programa social**. 2011. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

TAVEIRA, M. C. Exploração e desenvolvimento vocacional na adolescência: Contributos para uma abordagem sistemática e colaborativa. **Revista Psicologia e Educação**, Covilhã, v. 3, n. 1, p. 109-120, 2004.

TORRE, M. E. *et al.* Critical participatory action research on state violence: Bearing witness across fault lines of power, privilege and dispossession. *In*: DENIZIN, N. K.; LINCOLN, W. S. (org.). **The SAGE handbook of qualitative research**. Los Angeles: Sage, 2017. p. 433-444.

VALENTINI, Deborah Bulbarelli. **Orientação Vocacional: o que as escolas têm a ver com isso?**. Campinas, Sp: Papirus, 2013.

VALLE, M. S. **Técnicas qualitativas de investigação social: reflexão metodológica e prática profissional**. Madrid: Síntesis Sociologia, 1997.

VALORE, L. A.; CAVALLET, L. H. R. Escolha e orientação profissional de estudantes de curso pré-vestibular popular. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 354-363, 2012.

VAUTERO, J.; PINTO, J.; SILVA, A. D. Influência familiar nas decisões de carreira: análise descritiva em uma amostra brasileira. **Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación**, Minho, n. 5, p. 345-350, 2017.

VAUTERO, J.; TAVEIRA, M. C.; SILVA, A. D. A influência da família na tomada de decisões de carreira: uma revisão de literatura. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Campinas, v. 21, n. 1, p. 17-28, 2020.

VEIGA NETO, A. Pensar a escola como uma instituição que pelo menos garanta a manutenção das conquistas fundamentais da modernidade. *In*: COSTA, M. V. (org.). **A escola tem futuro?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 103-126.

VICENTIM, M. C. G. Transversalizando saúde e educação: quando a loucura vai à escola. *In*: MARCONDES, A.; FERNANDES, Â.; ROCHA, M. (org.). **Novos possíveis no encontro da psicologia com a educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 177-195.

ZANELLA, A. V.; MOLON, S. I. Psicologia (em) contextos de escolarização formal: das práticas de dominação à (re)invenção da vida. **Contrapontos**, Itajaí v. 7, n. 2, p. 255-268, 2007

ZAPLETAL, P. P.; MACHADO, A. M. Ampliação da jornada das escolas públicas brasileiras: um panorama de políticas e discursos. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 39, n. 108, p. 209-222, 2019.

ZENEIDA KUENZER, A. Educação profissional: categorias para uma nova pedagogia do trabalho. **Boletim Técnico do Senac**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 18-29, 2017.

ANEXO A – PARECER DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EDUCAÇÃO, MODOS DE SUBJETIVAÇÃO E FORMAÇÃO DE JOVENS PESQUISADORES DA MICROPOLÍTICA DO COTIDIANO ESCOLAR

Pesquisador: Luciana Lobo Miranda

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 06528918.0.0000.5054

Instituição Proponente: Departamento de Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.227.767

Apresentação do Projeto:

Projeto caracterizado como uma pesquisa-intervenção (PI) e da critical participatory action research (CPAR) que prevê a inserção e a intervenção do pesquisador na micropolítica do cotidiano institucional (PI), além da formação do sujeito/campo pesquisado como co-pesquisador (CPAR) como forma de descolonização do conhecimento e justiça social. O público-alvo da pesquisa são cerca de 20 estudantes do ensino médio de uma escola localizada na cidade de Fortaleza – Ceará. São critérios de inclusão: ser estudante que se interessa pela temática de formação de pesquisadores e que desejam participar voluntariamente da pesquisa; matriculado nas séries de 1ª, 2ª e 3ª do ensino médio; com autorização concedida pelos pais ou responsáveis caso menor de 18 anos. O pesquisador buscará construir com jovens estudantes de escolas públicas de Fortaleza uma pesquisa em que eles mesmos investigam com seus pares a relação que estabelecem com a micropolítica do cotidiano escolar através de um curso de formação que prever uma carga horária aproximadamente de 30 horas. A formação trabalhará com a comunidade escolar temas de seu interesse para a pesquisa, refletindo conjuntamente como esta percebe a micropolítica de seu cotidiano. No curso de formação serão discutidas quais as questões sociais, econômicas, culturais e subjetivas habitam e se produzem no território escolar, além da criação de instrumentos de pesquisas pelos próprios jovens a serem num segundo momento aplicados com outros jovens e analisados conjuntamente com o grupo de formação. No primeiro momento do curso de formação, serão realizadas oficinas com os estudantes (entre 10 e 20 componentes) para reflexão sobre o

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000
Bairro: Rodolfo Twólio
UF: CE Município: FORTALEZA

CEP: 60.430-275

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comape@ufc.br

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



Continuação do Parecer: 3.227.787

cotidiano escolar e discussão sobre as bases epistemológicas, éticas e políticas de uma pesquisa com jovens. Será realizada criação coletiva do objeto da pesquisa, objetivos e do instrumento de investigação. No segundo momento, será realizada aplicação do instrumento da pesquisa com jovens na escola e análise coletiva dos dados. Tanto o instrumento quanto a quantidade de sujeitos/ escolas envolvidos dependerá do processo construído com os jovens no primeiro momento, que poderá ser, por exemplo, roteiros de entrevistas, questionários, produção audiovisual, etc). No terceiro momento, será realizada divulgação dos resultados com jovens e escola envolvidos no segundo momento. Haverá utilização de diversas linguagens que possam servir de reflexão e ação nos diferentes contextos educacionais, como material audiovisual, artigos científicos, produções artísticas, dentre outras. A reflexão acerca dos dados produzidos será realizada por meio da análise do discurso de base foucaultiana.

Objetivo da Pesquisa:

Primário: Problematizar a relação juventude e escola com base na produção discursiva dos próprios jovens; Analisar a construção de uma pesquisa com jovens de escola pública em que os próprios jovens sejam pesquisadores desse processo.

Específicos: Analisar a função social da escola na contemporaneidade tendo como base a produção discursiva de jovens de escola pública; Investigar a incidência da escola nos modos de subjetivação de jovens alunos de escola pública; Desenvolver estratégias de pesquisa colaborativas em que jovens atuem como co-pesquisadores; Analisar coletivamente aspectos considerados pelos jovens significativo da relação da escola com seus pares, criar estratégias de divulgação e debate com as escolas envolvidas.

avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: A pesquisa possui risco de exposição a fatores, causas, motivos e informações pessoais relevantes da vida do sujeito participante na pesquisa, podendo desencadear sentimentos e comportamentos de desconforto antes, durante e depois da pesquisa. Tais riscos podem levar a manifestações de aversão, mal-estar físico e psicológico. A exposição de qualquer risco iminente ou agravantes terão suporte no Serviço de Psicologia Aplicada da Clínica Escola do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará.

Benefícios: Compreensão sobre ações e atividades desempenhadas de caráter participativo pelos jovens enquanto pesquisadores do seu próprio cotidiano escolar. Produção de conhecimento científico, contemplando novas discussões acerca de práticas de pesquisas e metodologias ativas,

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000
Bairro: Rodolfo Teófilo CEP: 60.430-275
UF: CE Município: FORTALEZA
Telefone: (85)3366-8344 E-mail: compe@ufc.br

Continuação do Parecer: 3.227.767

situando os sujeitos enquanto co-pesquisadores do processo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante. Objeto de pesquisa está bem descrito e os objetivos são claros e pertinentes. Metodologia com adequado detalhamento dos participantes, instrumentos e procedimento de coleta.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos obrigatórios apresentados estão de acordo com a Resolução 510/16.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisa não apresenta pendências éticas ou documentais.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1271397.pdf	13/03/2019 14:27:51		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_ASSENTIMENTO_MENOR_DE_IDADE.pdf	13/03/2019 14:27:39	Tadeu Lucas de Lavor Filho	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO_ResponsaveldoMenor.pdf	13/03/2019 14:27:33	Tadeu Lucas de Lavor Filho	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO_ParticipantesMaldesidade.pdf	13/03/2019 14:27:27	Tadeu Lucas de Lavor Filho	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETODEPESQUISAPlataformaBrasil.pdf	11/12/2018 18:06:42	Luciana Lobo Miranda	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	05/12/2018 19:56:32	Luciana Lobo Miranda	Aceito
Outros	CARTADEAPRECIACAO.pdf	05/12/2018 17:46:56	Luciana Lobo Miranda	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AUTORIZACAOINSTITUCIONAL.pdf	05/12/2018 17:45:16	Luciana Lobo Miranda	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracaodeconcordancia.pdf	05/12/2018 17:44:52	Luciana Lobo Miranda	Aceito

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000
Bairro: Rodolfo Teófilo CEP: 60.430-275
UF: CE Município: FORTALEZA
Telefone: (85)3366-8344 E-mail: comape@ufc.br

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



Continuação do Parecer: 3.227.787

Orçamento	ORÇAMENTO.pdf	05/12/2018 17:42:46	Luciana Lobo Miranda	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	05/12/2018 17:41:00	Luciana Lobo Miranda	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FORTALEZA, 27 de Março de 2019

Assinado por:
FERNANDO ANTONIO FROTA BEZERRA
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000
Bairro: Rodolfo Teófilo CEP: 60.430-275
UF: CE Município: FORTALEZA
Telefone: (85)3366-6344 E-mail: conep@ufc.br